CREPÚSCULO

Por Juan Branco

@anatolium

https://youtu.be/yEtmZKE5jhw

O país está a entrar em várias convulsões onde o ódio e a violência se enraizaram. Esta investigação sobre os motivos íntimos do regime macronista, escrita em Outubro de 2018, dá crédito a estes ódios e violências que se tornaram muito mais desprezados.

É institucionalmente impenetrável devido às ligações de corrupção, nepotismo e endogamia que estão prestes a ser expostas.

No entanto, todos os factos foram investigados e verificados em pormenor. Expõem um grande escândalo democrático: a tomada do poder por uma pequena minoria, que depois assegurou que o seu usufruto fosse redistribuído ao seu próprio povo, num desvio que explica a explosão de violência a que assistimos.

Quem o explica porque o escândalo a que está sujeito não foi dito ou revelado, alimentando através de sucessivos compromissos uma violência que só poderia irromper. Num país onde 90% da imprensa está nas mãos de alguns bilionários, a exposição da verdade é um assunto complexo, e a capacidade de falar e compreender a realidade continua a deteriorar-se para os líderes e "elites", bem como para o "povo".

Um francês em dois - a sondagem *Yougov* de 4 de Dezembro de 2018 [1]- quer que Macron se demita. Temos de medir a força desta figura: não se trata de dizer que um em cada dois franceses não gostaria do Presidente da República. Mas que um em cada dois franceses, a grande maioria dos quais acredita e adere ao sistema político existente, apenas um ano após uma eleição presidencial, consideram que o seu resultado deve ser invalidado pela partida da pessoa que teoricamente os deveria ter conduzido durante cinco anos.

Não é difícil deduzir daí que uma maioria muito ampla o aprovaria, caso ocorresse esta queda ou despedimento.

1https: //www.capital.fr/economiepolitique/lamoitiedesfrancaissouhaitentlademissiondemmanuelmacron1318654

Como explicar, quando formalmente, este ser parece ter respeitado todas as condições que fazem uma eleição parecer democrática?

Muito simplesmente, mostrando que este ser apenas respeitou *formalmente o* nosso sistema democrático e, em vez disso, o desmoronou. E que a ilegitimidade sentida pela maioria dos nossos concidadãos é uma realidade.

Os nossos jornalistas e comentadores, os nossos partidos políticos, recusar-se-ão sempre a dizer isto e a acreditar, a investigar. Isto é natural, porque, como mostraremos, foram cúmplices e principais vetores do estupro democrático que ocorreu, um jogo de aparições em que um ser foi apresentado ao povo para mascarar sua realidade.

As palavras são difíceis. E, no entanto, vais descobrir: eles são justificados. Aquele que estamos prestes a derrotar simbolicamente tomou o poder, literalmente, à custa dos princípios democráticos e republicanos a que aderimos e pelos quais pedimos a sua partida ou demissão.

Não há sedição no chamado de Emmanuel Macron para partir, porque foi ele e os interesses que o formaram que se comportou como sedicioso para tomar o poder. Compreendamos a importância destas palavras, que partem de qualquer desacordo *político*: é o próprio significado da nossa confrontação com este ser, a própria ideia de que pertencemos ao mesmo grupo, que é afectada.

Estamos numa situação excepcional.

*

Repare no seguinte. Nenhuma voz institucional, nos meios de comunicação social, nos partidos políticos ou em qualquer outro lugar, transmite este desejo de impeachment , quando, como vimos, diz respeito a *pelo menos* metade da população. Nenhum deles, à excepção dos coletes amarelos que são convidados e tratados com folclore para os desacreditar nos televisores, assumiu esta reivindicação principal. No entanto, o papel dos

meios de comunicação social e da política, numa sociedade democrática, liberal e representativa, é falar e expressar as intenções da população. Se não intervir, e se não intervir com tanta ferocidade, então o princípio do nosso regime é afectado.

Isso, e só isso, justificaria a violência que explodiu. Pois como poderiam estes seres se fazer ouvir, num sistema onde a sua palavra não só é negada, mas simplesmente tornada invisível? Neste paradoxo com o qual ninguém quer lidar, a prova de um fracasso profundo, um fracasso que deve ser corrigido.[2]

Tudo parece estar preso na armadilha do que será chamado, e vamos justificá-lo, um sistema oligárquico. Ou seja, um espaço público dominado por indivíduos cuja riqueza depende directa ou indirectamente do Estado, e que o investiram para assumir o controlo dos meios de comunicação social e assim assegurar a preservação dos seus interesses à custa do bem comum.

Um Estado que encontramos hoje e sem acaso, numa altura em que as pessoas reclamam os seus direitos, já não dedicados a este bem comum, mas à manutenção da ordem, isto é, do que existe, e daqueles que aí colocaram os seus. Incluindo para servir populações.

O que precisamos demonstrar agora é que Emmanuel Macron foi "colocado" muito mais do que foi eleito. Que a imprensa agiu neste domínio com cumplicidade. E que a raiva e o desejo de demissão que move a maioria de nossos concidadãos são legitimados.

*

Nós falamos no Twitter e em outros lugares sobre os mecanismos que levam à organização da TF1 de vinte horas, entrevistas presidenciais com a France 2, a nomeação e recrutamento de jornalistas de acordo com várias afinidades, os sistemas de compromisso e redistribuição que estão sendo implementados em todos os níveis para garantir que nenhuma palavra será dita sobre

2 A França Insubordina-se, na sua busca de renovação, procura apenas uma dissolução parlamentar, para a qual nos perguntamos o que nos traria. A manifestação nacional, em pânico, apela ao "respeito pelas instituições da quinta república". Os outros são insignificantes.

os mecanismos que regem a produção de concidadãos são legítimos.

Já dissemos noutro lado como é que Emmanuel Macron levou a cabo um verdadeiro desenraizamento democrático, cuja única saída poderia ser o endurecimento autoritário do regime - até ao excesso - ou o colapso.

O que estamos prestes a revelar aqui é a factualidade que permitiu que este poder fosse posto em prática. O caminho, por exemplo, Edouard Philippe, vindo do nada, ascendeu ao cargo de Primeiro-Ministro, depois de ter sido lamentavelmente perdido entre as missões de lobbying de uma grande empresa nuclear e vários apparatchikisms com *Les Républicains*. Como e por que razão Ludovic Chaker e Alexandre Benalla foram recrutados no Elysée para criar uma guarda pretoriana que actuaria como "polícia privada" de Emmanuel Macron, segundo o modelo que Bernard Arnault apresentou a Bernard Squarcini, antigo director da DGSI, actualmente sob investigação por ter colocado o seu novo chefe, LVMH, as suas redes e por vezes os serviços secretos do nosso país ao serviço.

Como tudo isto, apesar das investigações corajosas de alguns, nunca foi devidamente dito.

Falaremos sobre a razão pela qual Édouard Philippe ocupou um lugar desses com Emmanuel Macron, onde a *imprensa livre* e suas centenas de jornalistas ficaram satisfeitos em fazer dela a história que Macronia lhe ditou.

O que vamos demonstrar aqui é que, neste caso, como em centenas de outros, não foi feita uma narrativa democrática. Só em acontecimentos tão importantes como a nomeação de um chefe de governo é que a França ficou cega. E que o problema democrático que isto levanta é ontológico: ameaça o nosso regime, retirando toda a legitimidade aos seus dirigentes, uma vez que transforma a sua eleição numa farsa destinada a mascarar as verdadeiras forças que os impulsionaram. Vamos mostrar como é que um ser, Jean-Pierre Jouyet, que todos os jornalistas políticos conhecem, sobre

quem nenhum investigou nas suas reportagens à Macronia[3], como o fez, com Henry Hermand - milionário encarregado de financiar a vida privada de Macron[4] - e Xavier Niel, Presidente Macron.

O que será demonstrado aqui é que o sistema posto em prática por esses seres foi suficiente para contornar todas as salvaguardas da nossa democracia, e tornou possível estabelecer um poder cuja legitimidade é justamente contestada, onde a autodeterminação e o conflito de interesses foram estabelecidos como normas, e onde os homens de poder foram entronizados para manter a ordem e o saque.
O que se demonstrará aqui é que aqueles que são qualificados pelos pequenos soldados da ordem estabelecida como "violentos", todos aqueles coletes amarelos que foram tão ridicularizados, são os que melhor compreendem que os outros. Porque eles ficam longe dos jogos de influência que apodrecem a pequena Paris. Porque eles não se beneficiam direta ou indiretamente das prebendas oferecidas pelo Estado àqueles que aceitam sua escravidão: eles viram imediatamente os truques que estavam sendo tentados para ser impostos a eles. Eles entenderam sem ter que ouvir, entre outras coisas, que a taxa de carbono era apenas uma cobertura para fazer todos pagarem pelo que alguns, através do ISF, a *saída*, a *taxa fixa* e mil outros dispositivos, estavam coletando.

Essa ligação entre fatos, essa discursividade, nenhum membro da nossa "elite" procurou implementá-la durante esse período no espaço público. São eles, eles que deveriam ser "analfabetos", que são legitimados como concidadãos.

O que este texto pretende demonstrar é que são aqueles que exigem a saída do Presidente, e não aqueles que o defendem em nome das instituições, que voltaram a sua atenção para os defensores da nossa República e da democracia.

*

---

3 Raphaëlle Bacqué e Ariane Chemin, jornalistas que poderiam ser considerados com alguns outros como os diretores efetivos do *Mundo*, mas perfeitamente informados das redes que o personagem mantinha e autores de uma investigação sobre ele sob François Hollande, têm estado tremendamente silenciosos sobre ele desde a eleição do Sr. Macron.
4 Mas também, e provavelmente em violação da legislação eleitoral, Jovens com Macron, como mostrado pelos Macronleaks, sob o nome de código "HH".

Houve uma revolta violenta em França a partir de 24 de Novembro de 2018. Esta violência, ao contrário da violência que nos é infligida diariamente por aqueles que se comprometem com o sistema, tem sido tudo menos gratuita. Alvo, ponderado, exasperado por políticas que aumentaram desigualdades já insuportáveis e destruíram a sociedade, atacou bens e funções. Como libertadora, ela era uma fonte de alegria e conexão. Controlado, foi pensado.

Numa sociedade em que são sempre as mesmas pessoas que sofrem de incerteza, medo de perder a sua posição e precariedade, tem papéis invertidos. Ora, a burguesia e os colonos, e agora os saqueadores e os exploradores, estavam tremendo. Agora, aqueles que tinham alegremente, alegremente, sem nunca temer reação, compromisso, foram expostos.

É por isso que um ser como o Sr. Couturier, se mostra tão veementemente para atacar uma revolução que sente ser o primeiro objeto. É por isso que *o Le Monde* tem tanto medo de o apoiar.
Este texto explica e legitima a sua raiva. Mostra que as políticas têm a sua fonte e que os seus sentimentos são uma realidade. Este texto dá fundamento e razão à sua raiva. *Demonstra* - a palavra é forte, justifica-se - que eles tinham razão. Pelos fatos, longe de qualquer ideologia, ele mostra por que essa raiva era saudável e necessária. Porque é que eles têm de ser desistentes.

Toda a violência é falha de comunicação. No entanto, o que precisamos explicar agora é que esse fracasso foi organizado por poucos para servir seus interesses, em nível de sociedade. Baseou-se em mil compromissos, manipulações e operações diversas que conduziram à organização de eleições ilegítimas que a maioria procura agora negar.

Esta violência, que tantos exigem agora condenar, é da *sua* responsabilidade e deve ser-lhes restituída.

I

O poder presidencial está a entrar no seu crepúsculo. As epístolas parecem decifrar, com um certo atraso, o funcionamento de uma ascensão apresentada no seu tempo como milagrosa, a de um jovem com templos louros e olhos de céu que, pela graça do talento e da audácia, conquistou um país inteiro.

O relato inocente dessa concepção imaculada, repetida em loop e unanimemente por uma imprensa desesperada, rompe com a doçura dos começos. Como em qualquer empreendimento mal fundamentado - e a epopéia macronista, como veremos, foi particularmente assim - as tonalidades de enxofre cobrem a uma velocidade de combustão os fragmentos de glória que pensávamos que tinham sido definitivamente rastreados. O pano de fundo do poder, feito de bastidores e compromissos, corrupções e inferioridades, de destinos mobilizados para arrancar a França de seu destino, aparece passo a passo. E esta luz de fundo tem uma cor muito particular: a do sangue.

Este sangue não é apenas o dos homens de negócios habituais e dos corruptores, estes cortesãos que estão sendo carregados por todos os poderes. Ela mancha a sombra de Emmanuel Macron com uma substância mais particular, feita de delinqüentes e intrigantes que pensávamos estarem relegados aos nossos fundos e superficies.
O caso está indo mais rápido do que o esperado, as revelações se sucedem, e agora o desafio de tomar o poder rapidamente o suficiente para que as máquinas de propaganda estatal cubram a fealdade da abordagem no tempo está prestes a ser perdido.

Os templos juvenis do homem intrigante parecem ser missangas. Está na hora de a acabarmos.

*

As hostilidades foram lançadas *através da* publicação do livro *Mimi*, da Grasset. Explodindo as fronteiras opacas até então traçadas em nome da intimidade por uma imprensa comprometida e dominada, o texto, obra de dois jornalistas investigadores e de um romancista, destaca, no outono de 2018, uma das principais peças do "tecido do consentimento" que permitiu a vitória de Emmanuel Macron, através de uma bludgeoning quase física sem precedentes, imposta por uma certa casta aos franceses.

A investigação expõe a figura de Michèle Marchand, a peça central de uma grande empresa de comunicação que foi criada com a ajuda de um bilionário, um certo Xavier Niel, para dar a conhecer e suavizar pelos franceses um estranho absoluto que tinha acabado de ser cooptado pelas elites parisienses, produto puro do sistema transformado em poucos meses num ícone adulado pela redação de Gala, VSD, Paris Match e algumas outras revistas cuidadosamente mobilizadas.

Um ser cuja notoriedade, de natureza igual à das celebridades da reality TV, só poderia entrar em colapso através desse dispositivo.

*

O que o livro nos diz é a segunda etapa da tomada do poder por Macron, seguindo a que lhe permitiu ser adotado por uma oligarquia parisiense, que agora apresentaremos.

O que o livro revela, mas pouco revela, é até que ponto as redes mais pútridas do mais rançoso da França estão ligadas às pessoas poderosas que se vangloriam de uma moral elegante e de valores decentes.

Estranhamente afastada de muitos canais de televisão e mídia, a investigação conduzida por Jean-Michel Décugis, Pauline Guena e Marc Leplongeon revela como um antigo cafetão que se tornou bilionário e depois um oligarca, um certo Xavier Niel, conheceu no início do século XX uma mulher do *ramo*, Michèle Marchand, presa especialmente por tráfico de drogas, e decidiu unir forças com ela para fazer dela parte de sua rápida ascensão às fortunas mais altas da França.

A primeira estranheza que o texto revelou foi que este Mercador "Mimi" tinha sido encontrado por Xavier Niel graças às redes que ele havia cultivado durante seu tempo na prisão. Se um estava preso em Fresnes e o outro na cela VIP do Ministério da Saúde - onde estava protegido pelo juiz de instrução Renaud Van Ruymbeke, que mais tarde diria que estava fascinado pelo personagem, como o estava por muitas pessoas poderosas, poupando-o demasiado tempo na prisão pelas suas requisições - o livro diz-nos que o seu advogado era comum e apresentou-as mutuamente.

Recordemos que Xavier Niel é agora o proprietário dos meios de comunicação social mais importantes do nosso país, e que colocou à sua frente um capanga, Louis Dreyfus, encarregado não de censurar ou de o dizer directamente, mas de recrutar e despedir, promover e punir. O que vamos ver é muito mais importante.

Esta primeira surpresa não é suficiente. Com efeito, os costumes irregulares das pessoas mais ricas do nosso país já não causaram qualquer escândalo, pois tomaram a seu cargo o amor e, por conseguinte, começaram a comprar de volta todos os meios de comunicação social do país - menos de dez deles possuem 90% da imprensa escrita, não o esqueçamos - para controlar a sua imagem, ou, como diz o senhor deputado Niel, para "não serem intimidados". E se Xavier Niel se cobriu de algumas trevas das quais foge a maioria dos seus semelhantes, sob a forma de envelopes que alimentaram uma rede de prostituição da qual ele parece não ter sabido nada,

sabemos há muito tempo que as fortunas são mais frequentemente o resultado de putrefacções cadavéricas do que de actos que qualificam como beatificações.

No entanto, *Mimi não pára* por aí e "revela" um elemento que é um pouco embaraçoso para as aparições bem intencionadas de nossa elite. Aparições cuja importância será recordada: os nossos *dominantes* são considerados legítimos na medida em que afirmam *dar a liderança*. A sua exemplaridade - moral, intelectual ou performativa - legitima os privilégios que lhes são concedidos e parece ser a chave do poder que a sociedade lhes atribui. Se este *império* entrasse em colapso, todo o edifício cairia como resultado.

Este é o elemento revelado pelo livro *Mimi* e que, por modéstia, a pequena Paris não ousou dar a conhecer até então ao resto do país, incluindo o maior jornal da França, *Le Monde*, este grande jornal diário que, no entanto, ostenta uma independência infalível.

Este elemento é o seguinte e está dividido em duas partes: Xavier Niel e Emmanuel Macron são amigos de longa data, e o primeiro mobilizou sua fortuna e sua rede para que o segundo fosse eleito enquanto ainda era um completo estranho. O facto de Xavier Niel ser o proprietário do grupo *Le Monde*, mas também de *Obs* e deter participações minoritárias em quase todos os meios de comunicação social franceses que não são propriedade de outro oligarca, incluindo *a Mediapart*, não se deve provavelmente ao facto de os nossos jornalistas, muito modestos, nunca terem revelado as suas ligações, e *a fortiori* que essas ligações teriam alimentado o fornecimento de alguns dos seus recursos ao serviço do senhor Macron, que deveria ter sido registado em dinheiro. No entanto, esta disponibilidade remonta*, pelo menos, ao* início de 2010. Isso é entre três a seis anos antes da eleição do Sr. Macron.

O elemento não é insignificante. Para além da evidente violação do código eleitoral e do regulamento relativo às despesas de

campanha que implica a disponibilização de fundos de um bilionário a um candidato sem qualquer declaração, há que recordar que a fortuna de Xavier Niel está directamente dependente das decisões dos nossos governos - bastaria que o Estado retirasse as licenças telefónicas concedidas a Free para que a sua fortuna desmoronasse imediatamente. Sua dependência do imenso poder político é tal que François Fillon decidiu conceder uma licença telefônica à Free - explodindo a capitalização de mercado da Free, mais de 50% da qual ainda pertence ao Sr. Niel - com o único propósito de "irritar" Nicolas Sarkozy (definitivamente).

Na verdade, o Sr. Sarkozy odiava o Sr. Niel, que o devolveu bem, *a amizade que o* primeiro tinha com Martin Bouygues, que viu seu império tremer por causa do segundo, não tendo nada a ver com isso. O Sr. Fillon, na sua guerra latente contra o homem que o tinha nomeado, tinha encontrado muito para vingar, e talvez para fazer tremer um dos apoiantes daquele que ele trairia.

*

Compreendemos a importância para o Sr. Niel de agradar às elites políticas e tecnocráticas do nosso país e, portanto, de se constituir como um oligarca, investindo na imprensa para garantir que esses políticos lhe dêem uma influência sobre a qual ele possa jogar - exatamente como o seu adversário, Sr. Bouygues, faz com o 20H da TF1, convidando os líderes do nosso país de acordo com sua capacidade de servir seus interesses.[5]

O Sr. Niel tem um prazer infinito em almoçar com qualquer jovem intrigante que lhe mostre seu interesse, desde que tenha passado por uma daquelas fábricas de elite que lhe garantem um destino dourado - a Politécnica, a École Normale supérieure

5 https://fr.news.yahoo.com/xavier-niel-free-accuse-bouygues-faire-lobbying-gr%C3%A2ce-133915069.html

ou a ENA[6]. Em seguida, convida e olha para estes companheiros escaladores de corda[7] num restaurante perto da *Madeleine*, dá-lhes todo um acto destinado a dar-lhes a impressão de que poderiam unir forças, e assegura que os laços cordiais são mantidos, que ele não hesitará em mobilizar mais tarde. Assim, várias centenas de altos funcionários já foram curiosamente *influenciados*, no momento de escrever, em um momento em que a carne ainda é tenra, e as idéias são mal formadas.

Tudo isto é conhecido e conhecido por todos os que participam neste *pram* político-mediático que é a pequena Paris. Por conseguinte, é surpreendente que só em Setembro de 2018 tenham sido reveladas as ligações entre um dos mais importantes oligarcas do nosso país e o seu Presidente. Não só porque deveriam ser conhecidos para controlar os possíveis conflitos de interesses e intervenções no espaço democrático que o Sr. Niel poderia ter implementado, mas também porque teriam permitido levantar um véu sobre a imaculada concepção que fez um milagre durante a eleição de Macron. Teríamos votado de forma idêntica, se soubéssemos que este admirável jovem, tocado pela graça e vindo do nada pela única força do seu talento, foi de facto impulsionado por um dos homens mais poderosos e influentes em França, que suspeitamos não estar a agir sem interesses, mesmo antes de ter sido apresentado aos franceses?

*

Claro que não, claro que não. E no entanto, quando o caso foi conhecido, mantivemo-nos calados. Ninguém se bufou. Foi só depois de um livro em que ambos estiveram envolvidos em apenas dois curtos capítulos, um ano e meio após esta eleição

6 Este foi o nosso caso em janeiro de 2014, quando ele anunciou que um jovem Secretário-Geral Adjunto da República se tornaria Presidente.
7 porque sim, Sr. Niel, ao contrário do que diz uma lenda feita com a ajuda de Mimi, é realmente parte deste sistema, como o bom herdeiro de uma burguesia confortável que o tinha registrado em uma destas classes preparatórias da elite científica, distorções da escola republicana que sagrada e consagrar os herdeiros mais jovens de nosso país.

e pelo menos quatro anos após a sua primeira reunião, que a informação foi revelada - e retomada, discretamente e sem comentários, por um jornalista de Le *Monde que* conhecia bem estes assuntos, uma certa Raphaëlle Bacqué.

Estamos tanto mais surpreendidos quanto é na casa de Xavier Niel, na muito elogiada Estação F - construída em Paris com o apoio da Presidente da Câmara de Paris, Anne Hidalgo, a quem Xavier Niel apresentou a sua *missi dominici* Jean-Louis Missika, companheiro de viagem de Free desde a primeira hora e devidamente nomeado primeiro vice-presidente de um Presidente da Câmara cujo segundo vice-presidente, Christophe Girard, é também funcionário de outro oligarca, Bernard Arnault, de quem regressaremos; É, portanto, dentro desta altamente elogiado Estação F construído com a ajuda do poder público e ainda inteiramente dedicado à glória de Xavier Niel que Emmanuel Macron foi recebido várias vezes e até mesmo falou desses "nothings" que veríamos nas estações, estes cidadãos reduzidos, ao contrário dele e seus acólitos, para tomar o RER eo metro.

O cidadão desinformado pode ter pensado que foi uma pura e feliz coincidência que os Srs. Niel e Macron tivessem trocado visitas e demonstrações de afeto e apoio em lugares que, da escola 42 à estação F, pareciam ter como objetivo servir ao bem comum e não à sua influência e reputação. Mas os jornalistas, tal como o Sr. Niel se gabou em toda a Paris de amar e procurar ser eleito, e depois apoiar o seu amigo? Mesmo sabendo do apoio que as autoridades públicas haviam dado à implementação destas plataformas, que viam bem as dificuldades que poderiam causar a organização destas semelhanças, demonstrações de força hipercontroladas encenadas com uma aparência de imprudência para modernizar a imagem do Sr. Macron, dão a impressão de que ele era a personificação do novo, criam sozinho a confiança de seus companheiros mais preocupados com estas revoluções que tanto preocupam?

*

Não nos fiquemos por aí, embora o facto de este elemento ter permanecido oculto durante tanto tempo seja suficiente para questionar a integridade do nosso espaço mediático e a saúde democrática do nosso país. Porque acontece que os nossos colegas estão a aventurar-se um pouco mais. Com efeito, não se contentam, como se nada tivesse acontecido, em dizer-nos que duas pessoas ligadas pela multidão e que ficaram próximas dela se aliaram para eleger um estranho para a Presidência da República, mobilizando riqueza e redes para o tornar conhecido e imposto aos franceses, na ideia de que ele serviria os seus interesses.

Descobrimos também, através de sucessivos pontilhismos, as formas como Xavier Niel interveio no coração do nosso espaço democrático para tornar o seu protegido conhecido e posteriormente eleito. Assim aprendemos no livro que foi Xavier Niel quem ofereceu a Michèle Marchand para cuidar da imagem de Emmanuel Macron e sua esposa, durante um encontro organizado em sua mansão particular com esta última.

Esta mansão privada, onde se realizou este encontro crucial, não é nada menos que uma réplica em mármore do *Grande Trianon.*

Mimi Marchand, a rainha da imprensa popular, condenada por tráfico de drogas - foi presa dirigindo um caminhão carregado com 500 quilos de haxixe - teve sua foto tirada no escritório do Sr. Macron em julho de 2017.

A pessoa que não hesita em expor a privacidade das pessoas para as intimidar e usar as suas fontes para destruir este ou aquele indivíduo sob comando foi a pessoa encarregada de introduzir o Sr. Macron no exército francês. Mimi Marchand, ou o comerciante de segredos que está no centro das atenções da imprensa popular há vinte anos, capaz de silenciar informações,

mesmo que seja de interesse público, em poucos momentos, mostrar e expor corpos nus para humilhá-los ou consagrá-los.

Desde que lhe paguemos bem.

Mimi Marchand e seus dias na prisão, suas redes na máfia e na polícia, seus capangas e paparazzi, suas ameaças e violência, seus envelopes de dinheiro que mataram mais de um, são amigos muito próximos de Emmanuel e Brigitte Macron.

E esta mesma Michèle Marchand foi apresentada a Brigitte Macron-Trogneux pelo seu "amigo" Xavier Niel, na sua mansão privada, para silenciar informações e transformar Emmanuel Macron, então ilustre banqueiro desconhecido e rico que tinha usado as redes estatais para fazer fortuna, questionando o seu futuro, transformando-o num genro ideal e gerando simpatia que nada na sua carreira tinha criado.

A operação, segundo os autores do livro, foi um sucesso, pois foi diretamente na origem dos - nada menos que - 29 dithyrambics que *Paris Match* e alguns outros concederam a Emmanuel Macron e sua esposa em poucos meses.
Vinte e nove deles.

*

Mas como poderia um único indivíduo, uma mulher como Mimi Marchand, sozinha, ou com o apoio de um único bilionário, ter provocado tal conversão? Parece muito grande.

E é. Na verdade, estamos a começar a cruzar as referências às coisas e às coisas não ditas que estão por detrás destas investigações. O proprietário da *Paris Match*, Arnaud Lagardère, cujos autores dizem que Mimi Marchand é a verdadeira diretora, foi também cliente de Emmanuel Macron durante sua passagem por Rothschild, o que não é mencionado no livro. Como a *Vanity Fair* relatou, verifica-se que o braço direito do Sr. Lagardère nos meios de comunicação social, um certo Ramzy Khiroun, foi colocado à disposição do Sr. Macron por Arnaud

Lagardère, logo que foi nomeado Ministro da Economia, para tratar da sua comunicação. E que foi, portanto, a aliança de Mimi Marchand e Ramzy Khiroun, Niel e Lagardère que permitiu implementar esta operação de comunicação.

O senhor deputado Lagardère é o herdeiro de um império imenso que, pela sua mediocridade, fez passo a passo com a pele. A fortuna da família dele foi feita pelo Estado.

*

Acontece que o acordo funcionou tão bem que não é surpreendente que o editor do Paris Match - nomeado após a demissão do anterior, a pedido de Nicolas Sarkozy - seja demitido no verão de 2018, não foi pela graça de uma chamada de Brigitte Macron ao faz-tudo de Arnaud Lagardère, Ramzy Khiroun, uma chamada feita a pedido de Mimi Marchand, que temia perder a sua principal ligação e a principal fonte do seu financiamento. Brigitte Macron sabia o que tinha a perder quando perdeu Mimi Marchand. Foi por isso que, alguns dias antes, Mimi Marchand foi proposta para ser recrutada no Eliseu para os serviços administrativos do palácio, que estavam relutantes em o fazer. Arnaud Lagardère concordaria.

Por que razão não está isso escrito no livro *Mimi*, pois não se diz que Arnaud Lagardère era o cliente falido de Emmanuel Macron e que o Sr. Khiroun e o seu berlutti eram a sua *missi dominici* ? Porque o editor deste livro, a *Grasset*, é propriedade da Hachette, que foi adquirida por uma holding denominada Lagardère Active, cujo proprietário é um certo Arnaud Lagardère, e cujo director efectivo é um certo Ramzy Khiroun.

E começamos a entender por que neste país ninguém entende nada, enquanto todos sentem tudo. Porque o espaço público francês é atravessado por semicompromissos que impedem qualquer um de ter a independência de dizer *tudo*: todos têm uma afinidade, um laço, uma dependência de uma parte deste

sistema que os impede de se intersectar ou de afirmar. E todos eles, como resultado, devem truncar a verdade.

*

Vamos começar de novo. Um após o outro, "descobrimos" - um pouco tarde, note-se, estamos apenas em Setembro de 2018 - que, para além do facto de Xavier Niel e Emmanuel Macron terem sido amigos durante anos - o que não foi dito -, esta amizade tinha sido posta ao serviço de um projecto político e tinha posto em marcha uma elaborada máquina de propaganda, financiada pelo senhor deputado Niel e apoiada pelo senhor deputado Niel. Lagardère fora de qualquer regra eleitoral, pelo menos a partir de 2016, provavelmente bem antes disso; e que esta máquina de propaganda desempenhou um papel importante na eleição presidencial de 2017, ao permitir que dezenas de pessoas da Unes de presse, de *Paris Match,* que acabamos de mencionar na Gala, Closer e VSD, fossem obtidas em benefício de uma pessoa desconhecida impulsionada até então até ao cenáculo de pessoas elegíveis.

Compreendemos que parte desta informação não foi revelada porque uma parte dos meios de comunicação social mais importantes do nosso país pertencia a este oligarca, e outra parte dos outros meios de comunicação social a este outro oligarca: que existe, portanto, contrariamente ao que repete repetidamente o mais pequeno jornalista a quem gostaríamos de pedir, um grave problema no facto de a imprensa francesa estar concentrada nas mãos de algumas pessoas muito ricas, que investiram nos meios de comunicação social porque a sua fortuna depende do Estado. Todos os palavrões cobertos por jornalistas que se atrevam a questioná-lo já não o poderão fazer neste momento.

Mas vai mais longe: o que descobrimos é que estes comunicados de imprensa foram vendidos por Mimi Marchand a revistas pertencentes, na sua maioria, a oligarcas que tinham estado em relações comerciais com o futuro Presidente da República,

especificamente. Há todas as razões para acreditar que isto foi feito porque todos estavam interessados, e não só porque foram seduzidos pela cor dos olhos do futuro Presidente e pela beleza do casal que formou com Brigitte Macron.

E aprendemos isto quando também sabemos que estas revistas aceitaram, e isto sem que ninguém se ofenda realmente - ou seja, dando-lhe importância suficiente para que seja censurado - publicar "falsas exclusividades" e "falsos paparazzades" fabricados de raiz pela agência de Mimi Marchand, a *Bestimage.*

Que, em suma, o Sr. Macron foi apresentado em papel brilhante, alegando que não o queria e nada podia fazer a respeito dele, e que os franceses, acreditando que estavam descobrindo imagens espontâneas, descobriram imagens feitas, fabricadas e financiadas por alguns dos homens mais poderosos da França para apresentar-lhes um casal ideal que atendesse aos seus interesses.

Neste ponto, pode-se comparar com a súbita ascensão de um certo Putin, V., que foi *colocado* em sua posição durante a noite *através de* uma eleição democrática por uma oligarquia em busca de defender seus interesses, que ficou em pânico, pronto para vender ao seu povo qualquer burocrata que lhe prestasse juramento, exatamente da mesma forma que Macron foi impelido em poucos meses a ser eleito *democraticamente*, multiplicando por isso as operações de comando e encenação que seriam ridicularizadas em qualquer outro país.

Para justificar essa aproximação, poderíamos salientar que, desde então, o senhor Macron tem estado envolvido na gestão dos meios de comunicação estatais, comandando e cancelando programas com os amigos que assegura que serão recrutados ou mantidos nos seus postos - estamos a pensar no senhor Delahousse, um Amiens, tal como o senhor. Macron, que Delphine Ernotte queria afastar do serviço público em outubro de 2017 e que, após a intervenção do Eliseu, foi mantido e se

vingou em dezembro do mesmo ano, impondo a transmissão de uma entrevista com o Presidente, que permaneceu nos anais devido à sua natureza doméstica, grinalda literal de um Presidente da República pelo serviço público, longo túnel de propaganda de quarenta e cinco minutos disparado nos escritórios do Eliseu. Pensamos no Sr. Pujadas, embora não seja um patife muito feroz, que foi expulso de seu posto no dia da posse do Sr. Macron. Estamos pensando em alguns outros casos que, afetando Lea Salamé como fizeram com Michel Field, poderiam, com um pouco de coragem, ser publicados em breve. Finalmente, pensamos em todos os outros casos, distribuições de prebendas e benefícios que o Sr. Macron implementará - paralelamente a essa efetiva supervisão de parte da mídia - para premiar aqueles que o ajudaram, utilizando políticas públicas que incentivassem o aumento da desigualdade e fossem acompanhadas de autoritarismo e arbitrariedade desenfreados, reduzindo a liberdade à medida que a corrupção aumentava.[8]

Podíamos fazer isso, mas num grito de ouro, seríamos imediatamente acusados disso. Afinal de contas, as pessoas não morrem por assassinato em França quando são jornalistas. Só morremos por suicídio e inanidade, por sermos esmagados quando queríamos enfrentar o governo e nos recusamos a ceder. As pessoas morrem por compromisso ou precariedade, porque os mecanismos de silêncio dos corajosos são muito mais insidiosos do que num país autoritário, onde têm de passar por organismos como o CSA para que a informação seja censurada. Na França, a informação é diluída, sufocada pela mediocridade de sua produção, sua editorialização, a secagem dos meios postulados - nenhum desses oligarcas, é claro, teria a idéia, depois de investir milhões para comprá-los de volta, de perder algum dinheiro por esses meios que afirmam deter para

8 Da lei do sigilo empresarial às privatizações, passando pela *tributação plana*, a *tributação à saída*, a abolição do ISF, a CICE e muitos outros mecanismos mais discretos, são inúmeros os mecanismos que têm visado alimentar os interesses dos indivíduos que a têm apoiado, criando um sistema de impunidade que acompanhou a redução das liberdades públicas, através da integração do estado de emergência no Estado de direito e de toda uma série de disposições legislativas e regulamentares que são regularmente denunciadas.

defender a democracia. Não, em França, ninguém se dá ao trabalho de matar. Uma vez que é o suficiente para nomear.

Há muitos outros elementos que tornariam a comparação inútil, incluindo o facto de o Sr. Macron não ser oriundo dos serviços secretos, mas de outro organismo igualmente importante, a Inspecção-Geral das Finanças; o facto de ter sido impelido em tempo de paz - onde o Sr. Putin teve de gerir a Chechénia numa situação frágil, o que o levou imediatamente ao massacre e à tortura.

Rejeitaremos o paralelismo a partir de então, mas mesmo assim ele permanecerá, como uma pequena música que nos recorda a fragilidade da nossa liberdade, entendendo que as diferenças que podem parecer da natureza só podem ser de contexto. Portanto, ficaremos conscientes de que somos perigos criados por este tipo de ascensões programadas e interessadas, em ambientes onde não há espaço para mostrar sua rudeza, onde tudo pode ser dito, exceto os mecanismos que impedem que tudo seja revelado. Recordaremos como outros detentores do poder acabaram por tomar o poder, o poder, de uma forma muito brutal, para compensar a sua fragilidade, depois de terem parecido insignificantes. Lembraremos que nossas elites acreditavam em Poutine como um caso de transição, um baluarte temporário da democracia, assim como as elites estrangeiras acreditariam, por um tempo, em Macron como um baluarte de nossas liberalidades. Quem teria pensado, em 1999, nesta democracia ressurgente e finalmente libertada dos direitos do passado que a Rússia era, que apenas alguns anos mais tarde, Politkovskaya seria morta?

Quem diria que, em 2017, enquanto um jovem imigrante bloqueia o fascismo, alguns meses mais tarde, um certo conselheiro deste Presidente, Place de la Contrescarpe, vestido de polícia, espancaria os manifestantes e, por isso, não seria punido? Que milhares de manifestantes seriam de novo detidos, preventivamente, depois de uma campanha de terror ter anunciado mortes e assassinatos, o destacamento de

milhares de polícias e tanques para as ruas de Paris, a fim de evitar uma insurreição que pretendia derrubar um sistema cujos excessos já não podia tolerar?

Não, não nos deixemos aproximar. Mas, no entanto, perguntamo-nos.

*

Vamos voltar aos factos. Agora, aqueles que acabamos de expor quebram um pouco a imagem do jovem com templos loiros e olhos azuis que, vindo do nada, teria conquistado o país pela única força do mérito e do amor apaixonado que sua brilhante esposa o alimentou. A pureza do novo mundo de Emmanuel Macron, um jovem corajoso capaz de roubar e casar com uma mulher mais velha, fato que foi destacado até o ponto de náusea por uma imprensa oca e oca, sofre um golpe, e o leitor honesto fica surpreso por não ter se dado conta de seus laços de amizade e vassalagem antes.

Devemos insistir neste ponto: sabemos que, pelo menos em parte, esta informação era conhecida por um grande número de indivíduos - estamos a pensar em particular na relação entre Niel e Macron, uma vez que nós próprios a estávamos a revelar em 2016. Por que razão, para além do corajoso e importante jornalista independente Marc Endeweld, isto nunca foi dito? Por que demorou até a revisão do livro de que estamos falando por Raphaëlle Bacqué em setembro de 2018 (!) para que *o Le Monde* fizesse uma modesta menção a ele, sem que a informação fosse retomada ou analisada, ou mesmo para provocar um reexame do apoio abençoado que foi concedido àquele que, durante meses, foi apresentado como divinamente vindo da coxa de um Júpiter que ele iria tentar imitar?

Como é que essa informação não só não foi publicada, mas contextualizada, destacada, explorada e explicitada? Que, quando isso aconteceu, parecia sair do vazio, ser apenas um assunto secundário, ao passo que tornou possível

compreender de repente, brutalmente, parte das estranhas manipulações que tinham sido mascaradas aos franceses e que os tinham enfeitiçado? Como é possível que ninguém tenha ficado indignado por, com este facto, ninguém ter ficado indignado com o lançamento de propaganda financiada por um oligarca e aprovada por um segundo, ter alterado toda uma eleição presidencial? Que ninguém reparou? Que ninguém, nestes termos simples, o afirmou e expressou indignação?

Que forças estranhas são elas capazes de censurar as centenas de jornalistas políticos que, em Paris, apenas têm o papel de revelar os mecanismos de ascensão e queda e os nossos dirigentes? Estes ingressantes socialmente financiados, formados nas melhores escolas do nosso país, aos quais foi concedido acesso exclusivo aos poderosos para controlá-los em nome da comunidade, cujas centenas de horas de trabalho são financiadas mensalmente para um único fim: que permitem que os cidadãos compreendam melhor o funcionamento do nosso sistema político e que votem de forma informada, assegurando assim que as nossas democracias liberais não sejam apenas formais e não reduzam as suas instituições a uma charada cujo objectivo seria cobrir as cooptações que as nossas elites gostariam de criar?

Que poder tão obscuro permite tanto silenciá-los e transformar uma vil operação de propaganda em um milagre etéreo?

O que é esta imprensa livre que está satisfeita com o facto de o seu trabalho ser esmagado por dispositivos de propaganda grosseiros, que tomam a finura da sua liberdade, uma manipulação que nunca despertará a sua indignação?

No entanto, não podemos cingir-nos à pergunta feita.

Porque o quadro ainda não tem imagens. O que acabámos de revelar ainda não é nada. Com efeito, os nossos três colegas

repórteres e romancistas responsáveis por esta importante investigação sobre Michèle Marchand - que, como recordamos, desde que o revelam, fez o V da vitória no gabinete do Presidente da República Francesa, o mesmo que foi criado pela primeira vez pelo General de Gaulle -, esta mulher que tinha sido detida a conduzir um camião cheio de quinhentos quilos de droga alguns anos antes - esqueceram-se estranhamente de mencionar alguns outros elementos que conhecemos, de que também eles estão cientes, exactamente da mesma forma que os seus colegas anteriormente mencionados se esqueceram de mencionar, em nome da modéstia e intimidade, propriedade ou insignificância, os elementos relativos à relação entre Niel e Macron que eles conheciam, privando o povo francês de informações cruciais no momento de tomar a sua decisão.

E depois começamos a preocupar-nos.

*

Uma vez que o destino do Sr. Lagardère, um oligarca cuja influência será ainda mais alargada, está resolvido, prossigamos por este outro caminho: nomeadamente, que esta mesma Michèle Marchand foi também encarregada de *controlar a imagem* - ou seja, de silenciar qualquer informação comprometedora a seu respeito, em detrimento do bem comum - de outro oligarca, um certo Bernard Arnault, a primeira fortuna da França, a quarta maior do mundo, com 70 mil milhões de activos e proprietário do grupo de luxo LVMH. À primeira vista, isto poderia parecer tão insignificante quanto a "amizade" entre Niel e Macron, se esquecêssemos de especificar outra informação que o decoro e as convenções burguesas mais freqüentemente levam a esquivar: isto é, que o *dissidente*, o rebelde, o homem do povo Xavier Niel, vive em concubinato com Delphine Arnault, filha e herdeira de Bernard Arnault.

Lá, o leitor inocente nos perguntará: por que isso seria tão importante? Afinal, não nos ensinaram a não interferir na vida

privada das pessoas, sejam elas fracas ou poderosas? Não o ouvimos repetido, com um olhar indignado, assim que nos permitimos falar sobre este assunto? Não é este o mantra desses mesmos jornalistas políticos cuja utilidade foi questionada, tão cheia de modéstia e silêncio, de decoro e cegueira, que se mostram diariamente animados, nas suas redacções, com a ideia de partilhar e vender toda a fofoca? No entanto, quando se trata de escrevê-los, publicá-los, aceitar todos os compromissos impostos por suas fontes, até que eles não mais se tornem apenas o exército de reserva dos poderosos (o que eles são factualmente), mas seus escribas designados?

Riamo-nos deles e desprezemo-los, aqueles que sabem perfeitamente bem que, mesmo na monarquia absoluta, ao abrigo de Luís XIV, era necessário ter acesso ao rei nu - e que, por conseguinte, não há razão para que guardem esta informação para *si próprios.* Riamo-nos e desprezemos aqueles que fingem não compreender a importância destes mecanismos de exposição, a diferença entre uma *pessoa, um* "nada", como diria o senhor deputado Macron, e aqueles que têm os meios do Estado, ou mesmo muito superiores ao Estado, e que, portanto, podem ter uma influência significativa na nossa vida quotidiana.

Vamos rir destas pessoas, destes editores que vemos cada dúzia de jantares à mesa do Ritz para assistir à inauguração de uma boutique Louis Vuitton, a poucos passos de Bernard e Delphine Arnault, Xavier Niel e alguns outros, convidados por este último a provar pratos servidos em farda em troca de pequenos artigos que os seus capangas produziriam. E vamos continuar a compreender, para além da irritação e excitação sentidas com a ideia de fazer parte dela, a permanecer perto dessas fontes de poder que tanto trazem, o que explica essas inferioridades.

Continuemos, porque este não é o único facto que, como sabem, não só foi mascarado, como se teve o cuidado de não o associar a outros factos para permitir que terceiros, cidadãos,

compreendam o que estava em jogo na arena política. Recordemos aqui que o Sr. Arnault, que é também um grande proprietário de meios de comunicação social - *não há razão* para o afirmar - é também o principal anunciante em França. Que ele tem assim o direito à vida e à morte sobre qualquer mídia. Que não hesitou em retirar os anúncios dos diários de que não gostava - ameaçando-os de falência, a fim de os fazer compreender o que teriam de pagar se alguma vez decidissem resolvê-los. Que é também o mesmo Bernard Arnault que, com a fortuna de apoiar várias nações, quis exilar-se para promover a herança dos seus brilhantes filhos - e ficou indignado por ter sido culpado por isso. Que é finalmente o mesmo que recrutou o antigo director dos serviços secretos do nosso país, o mesmo que não hesitou em afirmar há algum tempo que lamentava não ter, ao longo da sua vida, ganho mais dinheiro.

O mesmo Bernard Arnault que faz e derrota príncipes e cujo, por estranho que pareça, você não sabe nada sobre os compromissos e corrupções, laços de influência e invisíveis, affidado e capangas que ele vem usando e tendo há décadas.

O mesmo Bernard Arnault que usa um certo Mimi Marchand para este fim.

*

Assim sendo, um desses outros factos "conhecidos em Paris", mas mascarados ao resto da população a pretexto de que não lhes diz respeito, não é insignificante, e veremos porquê. Um destes factos, que não apresentaria o menor interesse democrático e justificaria ser mantido afastado das "pessoas", foi no entanto exposto por um certo Jean-Jacques Bourdin durante a famosa entrevista de Trocadero que realizou com o Sr. Plenel antes do Presidente. Sob os olhos vigilantes de todo o país, o Sr. Bourdin deixou-se então indecente: saber que o principal beneficiário em França das políticas fiscais aplicadas por Emmanuel Macron mantinha relações estreitas com a sua mulher e com ele, que era, em suma, seu amigo, e que o

principal beneficiário de que estamos a falar era nada menos do que... Bernard Arnault.

Indignação geral! Esconde este peito que não conseguimos ver! Escândalo e mediocridade! Não, não está enganado: não foi este relatório que suscitou curiosidade e indignação, mas sim o facto de ter sido declarado.

Em nome do que é que tal facto teria de ser exposto? Teríamos sido assim tão baixos? O Presidente não tem amigos, até o diz! O circo mediático que começou teria feito rir as pessoas, que teriam podido esquecer as tragédias que estes compromissos, este espírito quer e domina, esta fantástica capacidade de manter a ordem para quem sente que está prestes a ser exposto, provocar pelo ricochete. A resposta do Presidente a esta pergunta foi engraçada: "Não tenho amigos", especialmente se conhecermos um certo Xavier Niel, que tem vindo a dizer vezes sem conta há anos: "Como todos os ricos, não tenho amigos". Não sabemos quanto tempo demorou a palavra de Niel para se tornar macroniano - bem, não saberíamos se não soubéssemos que eles eram amigos - mas ao mesmo tempo, poderíamos ter entendido, se tivéssemos tentado ouvir o homem que estava dizendo que você deveria sonhar em ser um bilionário. Uma anedota insignificante, que a porosidade deste discurso. E ainda assim.

Voltemos à factualidade, descartando por um momento as intervenções, chamando-as de terreno comum, e as políticas que se financiam mutuamente - não mencionamos, pois não é este o nosso tema, o que o senhor deputado Niel tinha obtido da senhora deputada Hidalgo antes de o utilizar do senhor deputado Macron -, pois não mencionaremos a litania delirante das políticas públicas implementadas pelo senhor deputado Macron para proteger aqueles que o fizeram subir. Seria reivindicar uma visão tão estranha que, *no final,* esses seres ficariam sem ideias e só pensariam na política através do seu prisma, ou seja, através daquilo que serviria os seus interesses.

Seria romper com uma visão marxista que consideramos desajustada, que faz das grandes multinacionais molochs sanguinários e desencarnados, onde, ao atravessar esses espaços, só vimos interesses privados capazes de se mobilizar e se projetar a partir de sua própria situação, o que explica a fragilidade e fraqueza, a falta de altura de visão dessas políticas que *no final* servem às grandes instituições, públicas ou privadas, para fortalecer apenas os destinos daqueles que as presidem. Seria uma forma de sair de uma conspiração bastante fútil para expor a medíocre humanidade de indivíduos em quem se acreditava que todo um poder maquiavélico tinha sido acreditado. Isso seria degradá-los.

Fiquemos, pois, satisfeitos com a realidade e, mais uma vez, surpreendidos. Coisa estranha! Porque descobrimos que o editor da *Mediapart*, que concordou com o líder sobre a declaração do Sr. Bourdin, sabia que o Sr. Arnault e o Sr. Macron eram amigos, mas não o foram, num meio de comunicação corajoso que nunca duvidou de expor a vida privada dos poderosos, nunca escrita ou publicada. Não só isso, como também o seu colega mal se contentou em dizê-lo quando caiu a indignação e foi acusado desta incursão, sem que o Sr. Plenel dissesse uma palavra. Poderia ser porque a esposa do homem encarregado de estudar casta na *Mediapart*, Laurent Mauduit, tinha uma posição importante em um dos grupos em que o Sr. Arnault tinha interesses significativos, o *Carrefour*, até 2017, que ninguém tinha dito nada sobre isso? Ou porque o genro do Sr. Arnault, Xavier Niel, investiu nos seus meios de comunicação? É duvidoso - é isso que torna o horror destes conflitos de interesses contra os quais *a Mediapart* se transformou num censor. Não acreditamos nisso, mas somos obrigados a notificá-lo.

Porque, para além destes pressupostos, um facto é claro: perante o candidato da oligarquia, e apesar das suas muitas e profundas investigações, apesar da acumulação de factos que *a Mediapart* brilhantemente permitiu revelar, o jornal diário nunca se tinha levantado editorialmente, como faria contra

muitos outros políticos, e tinha sido até agradavelmente cúmplice do Sr. Macron durante os programas de televisão de fim de campanha que teriam feito corar qualquer partido. Se é o resultado de determinismos sociológicos ou da velha aversão pessoal que o Sr. Plenel tinha pelo outro candidato que *a Mediapart* poderia ter apoiado, o Sr. Mélenchon - uma aversão que também nunca é mencionada - não importa. O Sr. Macron, por mais culpado que fosse, o que os jornalistas *da Mediapart* continuavam a demonstrar, não foi em momento algum colocado editorialmente no índice, como muitos outros líderes seriam por fatos muito menos importantes.

*

No entanto, numa altura em que estamos a descobrir que os primeiros beneficiários de políticas fiscais que evaporam milhares de milhões - sim, milhares de milhões - de cofres públicos todos os anos estão perto do Sr. Macron, e que esta informação era conhecida pelos jornalistas, ninguém diz nada.

Embora estes mesmos jornalistas saibam perfeitamente que todos os peritos e estudos económicos demonstraram, repito, que não havia qualquer razão económica para estas decisões, que, por conseguinte, não há sequer suspeita, mas sim sequestro comprovado, de que vimos o rosto do Sr. Raymond. Macron deixa-se levar e tenta escapar invocando, infeliz! uma sentença arrancada a outro dos seus amigos oligárquicos, dizendo, envergonhado, como uma criança apanhada com a mão no frasco de doce, que não tinha "amigos", pergunta-se: o que estamos a fazer?

O que, nessas mentes, pode justificar esse espírito de viuvez que levou à investigação, expôs essas ligações? Sem mencionar a denúncia?

Não há sequer necessidade de invocar este ou aquele compromisso: já há o suficiente para nos envergonharmos violentamente. Desde quando é que estes jornalistas sabem?

Por que razão não o tinham anteriormente não só afirmado, mas também recordado, insistido nele, insistido nele, ligado, como fez Jean-Jacques Bourdin, com o seu batom, a políticas fiscais cujo absurdo todos reconheceram, e por que razão não foi feito e repetido até nos deixar enjoados? Porque é que nenhum investigador se interessou por ela, perguntando-se, por exemplo, porque é que o Sr. Macron, o austero, o homem da imaculada concepção, tinha políticas tão favoráveis aos mais privilegiados, enquanto aumentava a tributação de todos os outros segmentos da população? Mas também simplesmente como ele conheceu um homem de dinheiro, e desde quando? Sem falar ou ousar questionar, naturalmente, sobre o efeito e o apoio que uma tal amizade poderia ter tido - ou ainda mais, sobre a possibilidade de ter sido combinada com a do Sr. Niel.

Sobre a ideia, por exemplo, de que o Sr. Arnault deu ao Sr. Macron qualquer apoio para lhe agradecer ou influenciá-lo na sua tomada de decisão.
Um apoio que poderia ter levado o nome de Mimi Marchand.

*

Em suma, como é que todos os nossos delegados, que beneficiam de benefícios fiscais, privilégios legais e regulamentares, aqueles de quem depende o funcionamento da democracia representativa, *os nossos* jornalistas, se calaram ou preferiram evitar estes factos todos estes anos - afirmando que haveria um gesto ideológico quando se trata de questionar uma correlação inegável, para não falar da causalidade - mas também uma vez revelado o facto, ficaram indignados por ter sido, em vez de se atirarem aos seus telefones e computadores para assediarem os seus interlocutores e assim assegurarem que a democracia não tinha sido pervertida, que a probidade e a integridade eram respeitadas, que os nossos valores mais fundamentais eram protegidos? Para simplesmente revelar a verdade?

Será que entre Bernard Arnault e seu genro, entre seu poder publicitário e suas propriedades, somado às redes de poder que mantinham, esses seres criaram tal opressão que sua consciência foi diluída em todos os momentos, dando origem à conformidade em todos os momentos, já que os jornalistas agora sabem que já não devem à sociedade, mas a seus donos, anunciantes e não a seus leitores, que ainda são menos importantes em seu *modelo de negócio*? Será que compreendemos assim como a indústria da informação em França se desmoronou gradualmente, aceitando com cada vez maior naturalidade o aberrante, fazendo com que a sociedade se amoleça até se desmoronar, presa ao melaço de um sentimento de podridão generalizada, alimentado não pelo vigor da imprensa, mas, pelo contrário, pela sua incapacidade de denunciar, de se livrar destas ligações incestuosas que se desenrolam constantemente por todo o lado?

Será que na raiz dessa degradação, dessa perda absoluta de energia que transforma jornalistas em zumbis, está sua subjugação literal nas mãos de alguns bilionários com tal poder que já não precisam mais usá-la, contentando-se pontualmente em silenciar, comprar, intimidar ou simplesmente desinteressar qualquer jornalista que não queira que sua carreira termine, para todos os outros, para construir uma necessidade urgente de conformidade?

Por que esperávamos que as pessoas se levantassem para finalmente, sinceramente, sinceramente, denunciar o que até agora parecia natural - políticas fiscais brutalmente injustas, produzidas ao serviço de uns poucos -, mesmo que apenas em algum lugar, uma escravidão consciente ou inconsciente se instalou? Onde estão as dezenas de Unes refletindo aqueles que elogiaram os méritos íntimos do Sr. Macron e sua esposa, questionando seus vínculos com os Srs. Niel e Arnault, que deveriam ter aparecido no dia seguinte à publicação de *Mimi*, no dia anterior quando ele decidiu abolir o ISF sem em nenhum momento discuti-lo, durante a lei sobre confidencialidade comercial? Onde está a falta de modéstia

que leva todos a falar sobre a vida privada dos poderosos quando são servidos, quando decidem fazê-lo, e a ficar calados assim que isso os possa embaraçar? Onde estão essas fotografias e papéis carregados de conchas, não seus olhos azuis, mas as relações de interesse que ele tinha e mantinha? Não aqui e ali uma investigação, mas em todo o lado e a todo o momento, dezenas de Unes e relatórios, sistematicamente agressivos e apresentados?

Para garantir que tudo isso seja apenas uma fantasia, force o Sr. Macron a demonstrar o que todos sabem: que ele é obviamente apenas uma pomba branca, que não há nada a suspeitar, que tudo isso foi cuidadosamente compartimentado?

*

Uma vez estabelecido o facto relacional - e foi - teríamos ido mais longe. Para além da pergunta sobre a relação entre estas amizades e os preconceitos políticos do senhor deputado Macron, não teríamos tido de procurar compromissos e conflitos de interesses que pudessem ter gerado? Procurar nestas zonas protegidas, estes não lugares da República que em alguns distritos de Paris, fabricam todos os compromissos, os dados que permitem provar as intervenções no espaço público destes oligarcas a favor dos seus protegidos? Recrutamento e decisões de funções, intervenções factuais nas suas vidas e nas dos seus entes queridos, o que se chama corrupção?

Já não se tratava apenas de uma questão de perguntar desde quando, então, o Sr. Macron tinha-se tornado amigo do casal mais rico da França, nem como aceder a esses indivíduos, contra cuja geração eram valorizados - uma vez que, segundo Xavier Niel, e estamos a começar a compreender o significado da sua frase, nenhuma amizade nessas relações, o que significa, de sua própria admissão, que só há interesses - enquanto que um deles é suposto ser um bom garoto de Amiens, perdido

sozinho em Paris, fugindo da opressão da família para construir seu destino por um amor tantas vezes ampliado?

E qual é a ligação entre o facto de esta fábula ter sido feita para ser contada a um grande número de pessoas, e a máscara que ela imediatamente colocou nas relações que acabámos de mencionar? Era uma pura correlação, ou havia um desejo de esconder um encenando o outro? Em suma, desde o início, seria um processo de fabrico?

E não deveríamos, então, ter-nos indignado, ou *a fortiori* desculpado, por termos falado desse senhor *provincial* que, projetado sem dinheiro em Paris pelo fato de um amor quebrado, tinha-se dedicado ao bem comum após estudos brilhantes antes de ser impelido às mais altas responsabilidades do Estado, sem nunca se comprometer, disposto a fazer qualquer coisa para se sacrificar? Não foi essa a história que centenas de jornalistas da *Paris Match* à France Télévision contaram, gastando milhões de dólares laboriosamente arrancados da sociedade para encenar documentários, histórias, pesquisas e retratos que não transmitiram a realidade, mas uma fábula fabricada?

Com efeito, isto é apoiado - não nos atreveríamos a dizê-lo - por algumas pessoas poderosas à procura de um relé, numa altura em que todos os candidatos do sistema estavam em colapso, nada tinha a ver com a inocência que estava a ser alegada. E não devíamos pedir desculpa por tê-lo reclamado com pena?

Já ouvimos a indignação de todos os pequenos soldados do regime, jornalistas que não se limitam a colocar a sua independência acima de qualquer suspeita, mas acusam, perante quem os apresenta, os factos que expõem o seu compromisso, de conspiração, destas dúvidas sobre a sua integridade - como se tivesse, perante as provas do seu fracasso, qualquer interesse! Aqueles que passam os dias a discutir sobre

a sua falta de serventia, sem nunca se encontrarem em desacordo com a ordem; esmagados pela sua morgue e desprezando os dissidentes que ousariam interrogá-los; todos aqueles que, reclamando a sua liberdade, nunca terão deixado de esconder estes factos durante este período e que, através do seu relato danificado da campanha presidencial, têm uma enorme responsabilidade no colapso do regime a que estamos a assistir.

Ouvimo-los indignados, mas só os podemos desprezar nesta fase. Porque estes seres mostraram que não se pode confiar neles. Seja por causa de sua imunda estupidez - incapacidades com inteligência mínima que torna política uma relação amistosa entre um oligarca que possui meios de agir sobre a realidade superiores aos de um Estado e de um Presidente - ou por causa de seu compromisso.

*

Porque mesmo que acreditássemos neles - se acreditássemos que não haveria nada a suspeitar destas ligações inexplicáveis - tudo isto teria exigido *uma* mobilização *mínima* e óbvia de imensos meios de investigação para finalmente fechar a porta a estes conspiradores e outros inimigos da democracia que, não contentes de ver o mal em todo o lado, acreditam que existe uma cloaca em Paris onde os políticos se venderiam a financiadores, sob o ausente escrutínio de jornalistas podres.

Aquela nenni. Um único jornalista, num único livro, tentaria fazer este trabalho a tempo: *L'Ambigu M. Macron* de Marc Endeweld, então um jornalista investigativo. E este trabalho, enquanto ninguém entendia nada sobre o fenômeno Macron, não seria sequer revisto em Le *Monde* ou Le *Figaro*. Vistos com desdém, deixávamo-lo passar, preferindo interessar-se e entusiasmar-se com a história que Lagardère e Niel, Arnault e Marchand estavam a fazer.

Apenas um homem corajoso, o mesmo que mais tarde se demitiria de *Marianne* após sua aquisição por um oligarca checo, um certo Kretinsky, investindo em *Elle* e *Le Monde* para preparar sua aquisição de uma *Engie* que Macron estava prestes a privatizar, assim como o Sr. Drahi havia comprado *Libération a* pedido do Sr. Holland - um pedido transmitido pelo Sr. Macron - para ser autorizado a comprar SFR, antes de nomear seu amigo e escritor Laurent Joffrin como editor. Não é isso que estamos a dizer. É o capanga do Sr. Drahi, Bernard Mourad, íntimo do Sr. Macron, na *Vanity Fair de* dezembro de 2018, que expõe sem hesitação as modalidades de formar uma oligarquia, um bilionário encontrando apoio em um Presidente contra colocar ao seu serviço uma mídia comprada para esse fim. Tudo isto sem qualquer desconforto ou perguntas.[9] Sem indignação.

Não, nada disto foi feito. Pelo contrário, preferiram se estrangular diante da exposição desse fato, acreditar nas explicações do Sr. Macron - sua afirmação, contra toda evidência, de não ter amigos, e contra toda evidência adicional, de ter agido racionalmente eliminando a ISF - onde todos os especialistas e estudos a contradisseram. Preferimos ficar indignados contra aquele que estava tentando expor tudo isso, apesar de descobrirmos ao mesmo tempo que a primeira fortuna da França, Sr. Arnault, foi realmente convidada como convidada de honra pelo Sr. Macron para o jantar de Estado oferecido por Donald Trump algum tempo antes. Mas, finalmente, afinal de contas, foi provavelmente uma coincidência, e novamente: como, se fosse verdade, deveria interessar ao público? Voltamos a ele, a ordem tem sempre de justificar a sua cobardia para não avançar. Afinal, o que fizeram alguns biliões aqui, alguns biliões ali importam? A política não era uma questão de empirismo, não deveríamos deixá-los tentar, e se entretanto degradássemos a vida de milhões de pessoas para o fazer?

9 Este é o único facto de estarmos a acrescentar a esta versão actualizada do texto de Outubro de 2018, que nos parece tão rude.

Nosso presidente não teve o único erro, durante a reunião do Trocadero, em suma, de ter ficado embaraçado por um fato insignificante, e de ter negado a existência de uma amizade que era, afinal, natural? Este é o argumento que seria seguido, uma vez esgotados todos os outros, pelos soldados do sistema, com o objectivo já não de convencer, mas de acalmar e acalmar. É aí que o compromisso nos leva.

Porque se o Sr. Macron parece ter amizades seletivas, e implementar políticas públicas que estão particularmente alinhadas com os interesses dessas amizades, não seria natural que pessoas talentosas se apreciassem e associassem umas com as outras? Por que devemos suspeitar do óbvio, onde seria tão fácil, diante de um ser que se parece tanto conosco, acreditar em boas fadas?

Não teria sido mais fácil, e mais visível, atribuir aos associados uns dos outros as opções políticas dos outros, enquanto uma legislação poderosa controla o financiamento da vida pública - esqueçamos por um momento os vinte milhões de Bygmalion e todos os casos recorrentes que mostram a insignificância deste controlo - e que não foi identificado qualquer vestígio de compromisso? Por que questionar a insistência delirante com que este ser, além do ISF, defende a manutenção da CICE, que ele criou, e que a cada ano custa ao Estado pelo menos vinte bilhões, para um efeito que - mais uma vez, todos consideram insignificante?

*

Mas vamos seguir em frente, porque ainda não chegamos lá, e vamos vender o rastilho: todas essas ondulações indignas ainda não são nada, e nos levarão a um ponto de síntese.
Recordemos aqui, portanto, que um livro nos permitiu descobrir, em setembro de 2018, isto é, "apenas" um ano e meio depois de uma campanha presidencial supostamente democrática e tornada transparente por uma imprensa

independente e feroz permitiu ao povo escolher seus líderes, que Michèle Marchand, vulgo *Mimi, uma* mulher de pouco bem, degradante em todos os aspectos, tendo saído da prisão e ainda de obras menores, para tornar-se *de facto* e a partir de 2016 conselheira de comunicação de um homem desconhecido que se tornaria presidente. Que agiu com o apoio de um obscuro capanga e de um oligarca delinquente arrependido, com o apoio de outro oligarca e do homem mais poderoso da França, utilizando redes que levam uns às mafias e outros às profundezas do Estado - iremos depois invocar o caso Squarcini; tudo isto para, através de uma campanha mediática sem precedentes, fazer surgir do nada um indivíduo que aplicasse políticas extremamente favoráveis a esses indivíduos.

Que esta propaganda mediática não foi compensada, contrariada, por qualquer investigação séria, excepto a do Sr. Endeweld, então um jornalista independente. Apenas um jornalista.

Que esta bludgeoning foi duplicada, ou alimentada, pelo seguidismo e pela conformidade, centenas de artigos laudatórios, por vezes reivindicando apenas uma objetividade inatingível, entre jornalistas sérios e inconscientes do que estava sendo tocado, mas também de documentários e várias encenações, recordaremos em particular as reuniões semi-vazias apresentadas como gloriosas, ou as proses empurrões apresentadas como brilhantes, ou as propostas programáticas inexistentes justificadas em nome do pragmatismo e da integridade.

Porque estamos bem conscientes da natureza gregária dos seres humanos, e das suas dificuldades, face a um fenómeno que todos apresentam como natural e maciço, na preservação do seu juízo.
Soube-se, portanto, que este bludgeoning tinha sido levado a cabo, entre outros, por um oligarca, Xavier Niel, também um

condenado, detentor de uma sétima fortuna em França dependente do Estado e tendo beneficiado do apoio estabelecido de um político; um oligarca que decidiu, depois de comprar os meios de comunicação mais importantes do país, colocar-se ao serviço de um jovem para o ajudar a dar-se a conhecer e a consagrar-se.

Depois, por nós, e já não pelos nossos investigadores que tiveram de reter uma certa quantidade de informação por razões mencionadas e outras a mencionar, que o mesmo Xavier Niel era genro de Bernard Arnault, a primeira fortuna da França, que o mesmo Bernard Arnault tinha conhecido intimamente Brigitte e Emmanuel Macron durante um período de tempo indeterminado, que era conhecido, que não tinha sido dito, e que o senhor... Arnault, para além dos benefícios fiscais que o Sr. Macron lhe concederia por lei e não por excepção - o que teria sido visto demasiado depressa -, beneficiou durante o mesmo período dos serviços da mesma pessoa que ele e do Sr. Niel para moldar a sua imagem entre os franceses. E que o conselheiro de comunicação de dois dos mais poderosos oligarcas franceses era também o do Presidente da República, e que o tinha servido "gratuitamente" sem que ninguém soubesse de nada até Setembro de 2018, tudo isto sem um contrato escrito, complementando - enquanto o senhor deputado Macron cobrava a milhões de Franceses políticas fiscais que apenas serviam os primeiros, e o senhor deputado Lagardère cobria tudo isto autorizando estas políticas de comunicação.

*

O leitor suspeito perguntará nesse momento: e então? Não era isso, se não fosse dito, entendido?

Em primeiro lugar, recordemos que não é só isso. Que, para além dos pequenos donativos fiscais, a criação de fortunas não é tão milagrosa como se poderia pensar, e que a sua ligação com a política, e a sua capacidade de a influenciar, é

decisiva, uma vez que essas fortunas estão nos milhares e não nos milhões.

Recordemos também que as constituições dos destinos políticos em França, nesta gloriosa democracia que já não nos gabamos, talvez não devam tanto como pensávamos às virtudes e qualidades intrínsecas uns dos outros, mas à sua capacidade de seduzir e servir esses mesmos oligarcas, que, como vimos, foram capazes de gastar centenas de milhões nos meios de comunicação social para nos fazer acreditar no seu desinteresse. E que o apoio dado à riqueza de algumas pessoas - apoio que Emmanuel Macron objectivamente estabelece para os seus protectores, através da adopção de toda uma série de disposições fiscais e regulamentares que lhes dizem directamente respeito e que não têm qualquer benefício para o bem comum - pode fazer o destino político de outros. Para o fazer, tens de passar por terceiros desagradáveis.

Que, em suma, as amizades que o Sr. Macron tem com o Sr. Arnault e o Sr. Niel podem não ser tão insignificantes como se diz, mas, pelo contrário, podem ser decisivas, nós insistimos nesta palavra, politicamente decisiva, e que podem ter sido mascaradas da opinião pública por uma razão. E que, quando não fossem mascarados, teriam se tornado insignificantes, secundários, sufocados pela mesma razão.

Recordemos os métodos de construção da fortuna do Sr. Arnault, que se tornou o mais rico entre nós: é graças a uma operação escandalosa levada a cabo à custa do Estado, a compra de Boussac levada a cabo pela graça de um favor político que lhe foi concedido por um certo Laurent Fabius nos anos oitenta, que o Senhor. Arnault conseguiu construir seu império, tornar-se bilionário, recomprar a mídia com uma pá e, tendo se tornado a primeira fortuna da França, tornou-se amigo dos presidentes da República que decidiram reduzir sua carga tributária para permitir que seus filhos legassem

um poder não disfarçado - um presidente que não hesitaria, uma vez eleito, em afirmar que as tentativas de fraude fiscal eram apenas otimização, e que havia "boas razões" para entrar em execução fiscal na Bélgica.

É onde estamos agora.

*

É justamente através de sua vinculação com a política, que tem mobilizado generosamente os recursos do Estado para subsidiar empresas, que Arnault pretendeu salvá-las depois de vê-las oferecidas a ele e desmantelá-las - pretendeu ter uma política social que trairia - que esse oligarca fez fortuna. Foi realmente através de amizades e outras conivências então consideradas inofensivas, com o Sr. Fabius muito especificamente, que este Sr. Arnault se tornou o que ele é, em detrimento de um país inteiro. Mas, sobretudo, recordemos que se os activos que fundaram a sua fortuna foram vendidos por um poder desesperado, não foi para evitar a falência e os despedimentos - pois, de facto, esses despedimentos ocorreriam -, mas porque esse poder estava em busca de apoio para se manter no poder e contrariar o regresso inexorável da direita de 1983, e procurou construir uma rede de financiadores e órgãos de comunicação social capazes de construir um sistema que esmagasse o espaço público e fizesse esquecer a traição das suas promessas de campanha. Que o façam cronologicamente por essa ordem, para se manterem no poder. Para desviar a democracia.

E estamos começando a entender como tudo isso pode nos afetar muito mais seriamente do que pensávamos.

A ligação entre a pequena e a grande corrupção, entre a pequena e a grande política - entre uma CICE criada por um senhor Macron que ainda é Secretário-Geral do Eliseu, um sistema que custou ao Estado várias dezenas de milhares de milhões de euros e cujo primeiro beneficiário seria o grupo

Carrefour - e o apoio exuberante que essas mesmas grandes empresas lhe dariam em troca - começa a tomar forma.

E compreendemos que, nestas questões de amizade que podem parecer insignificantes, há, portanto, algo que afecta directamente a integridade do nosso regime, e na complacência que os jornalistas têm demonstrado para com estas pessoas poderosas que começa a ser uma questão de crime.

O princípio de uma democracia representativa é estabelecer intermediários para representar o povo e a sociedade e controlar a ação do Estado e de nossos governos. Os jornalistas em primeira instância são responsáveis por assegurar que os nossos representantes não usem o poder para os seus próprios interesses. Se não o fizerem, o próprio significado do nosso sistema desmorona e a nossa democracia torna-se formal - onde era real. Que sentido faria numa eleição em que teríamos de votar cegamente, sem saber nada sobre os actores a quem seríamos apresentados, os interesses que os impulsionavam?

*

Mas continuemos a nossa prova, porque não terminamos com as nossas revelações. Tal como não te tornas bilionário por nenhuma razão, não te tornas presidente de qualquer maneira. Isto é óbvio. A excepcionalidade da função de liderar um país leva-nos muitas vezes a crer que seria o resultado da excepcionalidade da pessoa que o assumiu. No entanto, alguns mecanismos de cooptação e corrupção jogam muito mais fortemente do que as qualidades que se acredita serem intrínsecas e necessárias para a liderança dos povos. E Xavier Niel, que decidiu - como Bernard Arnault[10] - investir sua fortuna na mídia e alimentar suas redes, sabe bem disso. Não nos associamos com a Mimi Marchand por nenhuma razão.

---

10 Recordemos aqui que somos donos não só do maior conglomerado de luxo do mundo, capaz, pelo seu poder publicitário, de matar um meio de comunicação social se assim o desejarem, mas também directamente do mais importante meio de comunicação social francês, o *parisiense*, e do único jornal diário económico do nosso país, o *Les Echos*, depois de ter completado *o La Tribune*, o seu concorrente.

Claro, o ser ingénuo pode pensar assim. Ele deve então ser redirecionado mais uma vez para o livro que estávamos citando, *Mimi*, que revela no livro posterior do Sr. Endeweld que Xavier Niel, antes de propor ao "Macron" para cooperar com Michèle Marchand, se ofereceu para usar suas "redes" para tentar verificar e possivelmente silenciar informações.

Estamos a falar do maior detentor de títulos de imprensa do país. O mesmo que pôs as mãos no *Le Monde* e em alguns outros jornais, fingindo nunca interferir no seu conteúdo. Estamos a falar do futuro Presidente e da futura Primeira-Dama, Sr. e Sra. Macron, que aceitaram este serviço, e, da mesma forma, já aceitaram escravizar-se a um terceiro que se tornou todo-poderoso para com eles, endividando-se com um facto de que poderiam, a qualquer momento, reutilizá-los, vinculando-se sempre à sua capacidade de os chantagear.

*

Porque é que isto é tão importante? Porque nos permite compreender como funciona o senhor deputado Niel, que afirma nunca interferir no conteúdo dos *seus* jornais - algo que o senhor deputado Dassault, proprietário do *Figaro* após a aquisição do grupo de Robert Hersant pelo seu pai, nem sequer se preocupa em fazer. Sabemos que acordos fez com outro político, o senhor deputado Valls, durante este período *através do* seu pai e antes; nem o senhor deputado Lagardère, nem o senhor deputado Arnault. Isto poderia parecer-nos melhor, mas na realidade é pior, pois mantém a ilusão de que os jornalistas gritam para se defenderem contra todas as provas, a de um livre arbítrio que seria preservado por tudo isto, e de que temos absolutamente de nos livrar de uma ilusão sobre a qual a Mediapart desempenharia um papel importante, publicando um verdadeiro e falso grande inquérito sobre o senhor. Niel que faria pschit, antes de perder o interesse para sempre; uma ilusão sobre a qual *Le Monde* tentaria jogar por sua vez, publicando uma grande investigação sobre o Sr. Kretinsky

quando este último comprou de volta as acções de outro pequeno oligarca, Mathieu Pigasse; fingindo acreditar que era isto que, através destas recompras, o Sr. Kretinsky tinha feito. Niel e o Sr. Kretinsky estavam tentando evitar; cegos para a influência política muito maior que eles estavam realmente tentando comprar, o que valeu a pena o pequeno inconveniente.

Isto é muito pior, porque de que serve intervir directamente no conteúdo, quando se pode contar com homens de confiança como Michèle Marchand, invisíveis até ao livro de Setembro de 2018? De que serve, quando sabemos que podemos intervir indirectamente na produção de informação através de um capanga, Louis Dreyfus, que durante algum tempo foi simultaneamente Director-Geral do Le *Monde*, de l'*Obs* e des *Inrockuptibles* , desculpar que ele seja responsável, em todos estes jornais, pelo recrutamento e despedimento, pela promoção e pela colocação de lado de todos os jornalistas das mais prestigiadas redacções de Paris, onde todos os jornalistas em França sonham em ser recrutados?

Xavier Niel nunca censura um artigo. De que serve, quando é possível censurá-lo - pelas redes mafiosas de Michèle Marchand, pelas pressões ou receios de pressão do Sr. Dreyfus, pela autocensura de todos aqueles que ele tem cuidadosamente, com os seus camaradas oligárquicos, precários e pressurizados? Porquê correr o risco de aparecer quando basta instruir um ou outro para despedir e recrutar jornalistas que teriam a dor ou o azar de a agradar ou desagradar; para pedir à senhora deputada Marchand que faça desaparecer esta ou aquela informação, ou para desacreditar este ou aquele adversário, sem que ninguém possa adivinhar que foi por sua instrução que os seus capangas agiriam para intimidar, destruir ou pilhar; e, jogando com a precariedade de uma profissão fraca e servil, afastada pela sua cobardia, mas sobretudo pela acumulação de concentrações capitalistas, planos sociais e pressões salariais cada vez maiores, para que ninguém corra o risco de se lhe opor demasiado? De que serve, quando tudo o que tinha de fazer era comprar os títulos de imprensa mais importantes do país para

se colocar no topo da cadeia alimentar e garantir que nenhuma pessoa ambiciosa o atacaria *seriamente*, onde, em qualquer sociedade saudável, o Sr. Niel, como qualquer outro oligarca, teria sido visto como um troféu de guerra para qualquer jornalista que quisesse fazer nome para si próprio?

De que serve, quando o mais importante é poder, almoçar no almoço permitido pela influência que se lhe empresta, para influenciar as hierarquias do regime, mas também para sugerir em troca ao capanga o interesse que ele teria por tal político ou líder, sugestão que será transmitida ao editor, que por sua vez, e assim por diante - o ar de nada, cada um ignorando deliberadamente a quem poderia servir esse interesse aparentemente inocente - até chegar finalmente ao jornalista a quem será encomendado um artigo, ele próprio mantido na ignorância dos mecanismos que deram origem a esse interesse, como aconteceu para M. Macron, instrui este último a recompensar o seu amado protector, se necessário?

*

Fingimos descobrir tudo isto, mas é uma figura de estilo. Porque a omnipotência de suas deficiências, e se Xavier Niel me anunciou pessoalmente já em janeiro de 2014, quando Emmanuel Macron era apenas Secretário-Geral Adjunto do Eliseu e desconhecido do público em geral, que ele se tornaria Presidente da República, então pode-se imaginar que eu não era o único a ser informado disso. E que teria sido do maior interesse, a partir desse momento, dar a conhecer esse facto, evitar qualquer conflito de interesses e compreender de onde vinham todas as marcas de estima que cobririam o intrigante em causa.

Onde a própria fundação do nosso sistema democrático foi alcançada, a imprensa contenta-se em identificar ligações de corrupção ou denunciar estratégias fiscais errôneas. Ninguém parece estar incomodado com o facto de ainda se dizer que o Sr.

Niel, a família Arnault e os Macrons se encontraram pela primeira vez seis meses depois do Sr. Niel. Niel disse-me que o seu amigo Emmanuel Macron viria a ser Presidente da República e que o teriam feito - para completar - num jantar em Nova Iorque ou Los Angeles, informação que todos, sem nunca a terem verificado, têm vindo a transmitir desde que o senhor deputado Bourdin obrigou os jornalistas a fingir que estão interessados nestes assuntos, como se, para melhor, os sufocassem.

Ninguém está tentando, em tudo isso, quando pela primeira vez, um poder foi estabelecido em uma oligarquia grosseira e óbvia, para realmente investigar.

*

Estás saturado? E no entanto, isso não é tudo! E isto é apenas o começo. Porque o putativo padrasto de Xavier Niel, Bernard Arnault, que se deu ao luxo de recrutar o todo-poderoso ex-diretor dos serviços secretos do país, Bernard Squarcini, da LVMH para se tornar o seu "Sr. Segurança" - o mesmo senhor. Squarcini, que continua a chamar seus antigos subordinados para pedir-lhes informações sobre esta ou aquela pessoa, e que, por esta razão, está prestes a ser condenado, porque os juízes do cerco são talvez o último corpo de funcionários públicos de "elite" a não ter sido absorvido pela oligarquia - Bernard Arnault, portanto, colocou seu aparelho de segurança ao serviço do candidato Macron para completar a proteção oferecida por seus meios de comunicação, *através de* seu genro Xavier Niel, Michèle Marchand. Isto é certamente mais interessante do que saber que a LVMH está a vestir Brigitte Macron - com boa vontade - mas, estranhamente, é a segunda informação e não a primeira que está constantemente a ser dita - sem que ninguém encontre nada que a indignar.

No entanto, questionar e denunciar o fato de nossa primeira-dama ter se transformado em uma marca publicitária móvel para LVMH e LVMH exclusivamente, abusando de suas

funções dessa forma, criando um óbvio conflito de interesses, poderia ser um primeiro passo. Um primeiro passo que teria permitido voltar ao trabalho sujo do Sr. Squarcini, mas talvez mais além. O que teria levado ao interrogatório, e portanto à descoberta, de que o Sr. Arnault conhecia realmente Brigitte Macron muito antes de Xavier Niel, a quem ele realmente apresentou o Sr. Arnault. Macron a Xavier Niel, pela graça de Brigitte Macron que se fez professora de seus filhos dentro da muito seletiva e fechada escola particular Franklin, templo da oligarquia onde se formam os herdeiros da elite do país; e que é de fato Bernard Arnault, *via* Delphine Arnault, e não o insignificante Pascal Houzelot, como dizia no livro *Mimi* - que se fez conhecer primeiro Xavier Niel e Emmanuel Macron. E é, portanto, compreensível que não só os nossos alegres motoristas de pram na mídia não tenham conteúdo para esconder informações, mas também transmitam informações falsas para esconder as redes, compromissos e conflitos de interesses que eles afirmam expor e controlar.

*

Assim se descobriu de passagem que a altruísta e generosa Brigitte Macron, admirada por todos os franceses desde que o traficante de drogas Mimi Marchand se tornou sua melhor amiga e se tornou uma primeira dama ideal por dois oligarcas, Brigitte Macron, musa do bem comum, não ensinou em uma escola pública, não em uma escola difícil, não em um lugar onde seu compromisso seria valorizado, mas em uma das escolas secundárias mais ricas de Paris, escolhida voluntariamente e onde ela aproveitou sua posição para se ligar à principal fortuna da França e apresentá-la a seu marido ambicioso - que então foi dito insatisfeito e aflito - para garantir que este último fosse colocado no estribo e fosse facilmente impulsionado por ele.

Agora estamos mesmo a começar a ficar tontos. O jovem com os seus olhos aguçados, uma pomba branca pronta a sacrificar-se pela França, que veio do nada para tomar tudo, apresentado às

pessoas que imediatamente o apelidariam de "dublado", tinha, de facto, mesmo antes de ser ministro ou vice-secretário geral do Eliseu, como apoio e amigo não só do oligarca Xavier Niel, mas também da principal potência financeira em França, para além do banco Rothschild e das suas redes, que obteria traindo a Inspecção-Geral das Finanças - ela própria ricamente dotada de redes, pois as traições do corpo acabaram por torná-la uma peneira e uma fonte de compromissos recorrentes para o Estado e não um órgão de controlo deste último -, para além da burguesia Amiens, para além das de Jean-Pierre Jouyet que estamos prestes a expor, e isto apesar de ser organicamente, publicamente "nada". E recorda-se que a imprensa desses indivíduos o apresentaria, *anos mais tarde*, por acaso e em completa independência jornalística, como proveniente do vazio, produto puro de gênio e mérito, dotado de qualidades e de uma aura mística capaz de enfeitiçar o plebe apenas pela sua inteligência e talento. E que nenhum jornalista, até agora, denunciaria seriamente a operação de comunicação que lhes tinha sido imposta.

A impostura que tinha sido imposta aos franceses.

*

Este homem, porém, que já se tinha tornado milionário antes dos trinta anos, graças à venda das redes que a República lhe oferecia a um banco privado, ser-nos-ia apresentado como o modelo da democracia liberal, da nossa meritocracia republicana, de um sistema limpo.

É difícil não tirar dela a seguinte pergunta, tão esmagadora são os fatos: esse homem, cuja jornada inteira exalao serviço do eu, teria sido de fato apenas um fantoche a serviço daqueles cujo programa ele aplicou, ao pé da letra, usando seus títulos e qualidades inventados - é mesmo afirmado, por falta de talentos sobre os quais se basear, um filósofo reconhecido[11] e pianista renomado? - para cobrir esta operação bem oleada?

11 Um filósofo "perfeito", já que ele nunca havia publicado nada, e portanto não podia ser julgado como tal.

Em todo caso, estamos começando a compreender as razões dessa surpreendente lacuna entre nossos sentimentos - nós que acumulamos os mesmos títulos e seguimos, grosso modo, o mesmo caminho, e que não podíamos, portanto, ficar impressionados com a superfície apresentada, forçados a tentar perceber seu fundo e nunca encontrá-lo, resistentes a todos os mecanismos simbólicos de intimidação implementados pelos oligarcas de que estamos a falar, uma vez que conhecemos os seus métodos de fabrico, na realidade somos apenas existentes e temos legitimidade na medida em que fomos instituídos para controlar as utilizações indignas dos títulos e funções que partilhamos com o Sr. Macron, evita que os seres venham a trair tudo isso para servir a si mesmos ou aos seus interesses. Começamos a compreender este sentimento que, já em 2013, nos abraçou diante de um indivíduo cuja aparência de insignificância era tal que questionou sua capacidade de encarnar, diante da mediocridade oca de seus discursos, a facticidade das estruturas que o sustentavam - lembremos desses "membros" que eram apenas assinantes de mensagens de e-mail -, este ser que ficou satisfeito durante meses, navegando na notoriedade fabricada por Niel, Arnault, Lagardère e Marchand, a não apresentar um programa, e que tinha um registo de que tentariam no entanto apresentar-nos como revolucionários, obrigando-nos a entusiasmar-nos com a ideia de que o ser de génio tinha permitido a criação de novas linhas de autocarros perigosas e poluentes. O espanto com a excitação que ele despertou, e com a popularidade precária que de repente o cercou. Estamos começando a entender sim, que algo foi feito, e que sim, todos os vetores que, em uma sociedade saudável, servem para controlar as intrigas e garantir que nossos mecanismos de controle funcionem, foram infiltrados e subvertidos até explodirem.

*

E começamos a ficar indignados. Porque tudo isto só é descoberto mais de um ano após a eleição presidencial, e

mesmo assim, é apenas parcialmente conhecido, e talvez nunca o tivéssemos aprendido, e mesmo assim, encontramo-nos a ter de pôr tudo isto, nós próprios, em narrativa, e porque é que nos vemos a ter de o fazer? Porque um dos jornalistas que realizou a melhor investigação do momento sobre Macron, *Mimi,* que, recorde-se, contém apenas algumas páginas sobre este último, foi empregado pelo dito Bernard Arnault e só pôde revelar parte da informação que apresentamos, como não pôde fazer em relação à outra parte interessada, uma certa Lagardère, Arnaud. Que os poucos outros que, entretanto, colocaram a sua independência acima de qualquer questão de carreira foram entretanto esmagados. E que os poderosos membros da profissão, como Madame Bacqué, que não tinham nada a temer, preferiram durante meses e anos ficar em silêncio diante da implementação de todos esses compromissos, fazendo-se cúmplices factuais, muito ocupados adorando esse personagem romance que fez deles o ator errado com um olhar profundo, até apoiá-lo implicitamente.

Agora, talvez esteja na hora de fazer com que todos tremam.

Pois se a miragem desaparece, ele vem como este coterie, esta pequena banda que na escala inferior se faz escala curta para escravizar-se a sua poderosa e, assim, garantir a sua posição, prestando uma série de serviços e dispositivos cujo alcance não poderia ser detalhado aqui tão imenso é ele, e cujas conseqüências se traduzem em medidas legislativas e regulatórias que impactam todo o país, laços tão íntimos que provocam casamentos e separações, todos com o único objetivo de servir e servir a si mesmos, esta camarilha já acumulou tal poder que, mesmo expondo-os, destronando-os democraticamente apareceria no estado impossível. Que mesmo que o Sr. Macron se fosse embora, ainda teríamos um aparelho tão potente que ele só poderia pedir a revolução.

*

Estamos a tremer, porque o simples facto de dar a conhecer esta informação, de mostrar o conluio que levou à constituição de uma das potências mais vorazes da história da Quinta República, parece impossível de conduzir. Como podemos fazer com que as pessoas saibam que milhares de milhões lhes são roubados todos os anos em resultado de vários compromissos que as levaram a ser perfeitamente enganadas? "Amizades", que usam a República para servir, promover e em pequena escala o seu próprio povo, em vez de o proteger? Como pode esta acumulação de factos - para muitas pessoas, mas que não estão completos e expostos na sua totalidade - ser descartada politicamente?

Onde fazê-lo, como torná-lo conhecido? Que organização de mídia poderia recebê-lo, inclusive para contradizê-lo? *Libertação, L'Express* ou *BFM TV*? Ou seja, a mídia de Patrick Drahi, cujo império se consolidou com a ajuda de Emmanuel Macron, Drahi que lhe agradeceu colocando à sua disposição sua mão direita e diretor *de fato* de sua mídia, Bernard Mourad,[12]durante a campanha presidencial, depois que este Bernard Mourad teve, por ordem do Sr. Drahi, "sugerido" Unes sobre o Sr. Macron, durante os conselhos editoriais destes meios nos quais, contra toda lógica, participou? Para *Obs*, para o *Mundo*, para *Télérama*, para *Mediapart*, para os outros dez meios em que Xavier Niel investiu? Em Le *Figaro*, na casa de Olivier Dassault, onde se espera que um jornalista tenha a coragem de atacar o conluio entre os meios de comunicação social e os bilionários, depois de o império do seu pai ter sido construído com base nisto?

Riamo-nos de amarelo e pensemos antes nas estações públicas de televisão ou de rádio, cujos directores são nomeados pelas autoridades políticas - indirectamente, evidentemente, nestes casos, gostamos de permanecer

---

12 Posteriormente nomeado e, portanto, patrono do *Bank of America* France, que milagrosamente receberia a gestão da privatização dos Aéroports de Paris pelo governo. Antes da sua nomeação para Emmanuel Macron, director da divisão de imprensa do grupo de Patrick Drahi, e portanto director *de facto* do Express e Libération, foi nomeado por Patrick Drahi por sugestão de François Hollande, apresentada por Emmanuel Macron via Bernard Mourad, a fim de obter a "neutralidade benevolente" do Estado na sua aquisição da SFR.

modestos, ainda que acabem por nomear, como na Radio-France, um co-promotor - e cujo um dos pilares da informação que acabamos de mostrar compromete a integridade do grupo para servir a sua amiga presidente e vingar-se da sua presidente - onde nunca o mais brilhante dos seus investigadores, Elise Lucet, atacou estes temas. O *parisiense* ou Les *Echos*, Bernard Arnault, *Vanity Fair*, que publica artigos de encomenda e afundaria imediatamente se deixasse de financiá-los?

No *Canal +* ou no *C8*, no Vincent Bolloré's, a quem Macron confiou sua comunicação quando era Ministro da Economia *via* Havas - antes que Hanouna, pilar capitalista do grupo, se tornasse o melhor retransmissor, convidando-o regularmente a se comunicar por telefone durante seus shows? Na TF1 ou na TMC, em Martin Bouygues, "há novamente comprometidos com os pregos e dependentes da ordem do Estado? No *JDDDD*? Onde Gattegno mostrou toda a sua capacidade de servir aqueles que agradaram ao seu dono, um certo... Arnaud Lagardère!

Nós trememos porque de repente começamos a nos sentir estranhamente solitários e estranhamente cercados, desde que não sirvamos a nenhum interesse, ou a nenhum revezamento que possa um dia ser mobilizado por um deles. O que parecia ser uma paisagem pluralista, cheia de jornalistas corajosos e independentes, ou pelo menos suficiente para competir entre si e assim evitar muitos compromissos sistêmicos, aparece apenas como um espaço pútrido onde o medo e a incerteza, a assimetria reinam para esmagar qualquer dicionário de informação que não serviria a um dos dispositivos de poder existentes, reduzindo nosso espaço público de modo a permitir que ele retransmita apenas aqueles que proíbem qualquer compreensão global do sistema em questão.

Porque é preciso admiti-lo: em todos esses lugares, podemos afastar a verdade. Assim, o rival do Sr. Arnault, Sr. Pinault, teve as boas folhas do livro publicado em Le *Point, o* primeiro protegido, algum tempo depois que Raphaëlle Bacqué publicou

um retrato complementar - para não dizer transitório - do segundo. Mas em nenhum desses lugares podemos realmente expor os compromissos que todos, de uma forma ou de outra, continuam a fazer. Assim, mesmo no Le *Monde*, onde Ariane Chemin pode dar-se ao luxo de revelar o caso Benalla, acabamos por nomear uma jornalista sem qualquer experiência nestes assuntos, Virginie Malingre para cobrir o Elysée, o mesmo que tinha sido nomeado por Louis Dreyfus para o chefe do departamento de economia sob as instruções de Xavier Niel, para garantir que ele se esgotaria sem nunca revelar nada.

Ser-nos-á dito que estamos a exagerar. Há muitos rádios. Uma vez que o serviço público tem os problemas que conhecemos, talvez *a Europa 1*? Lagardère, outra vez! *RMC*? Alain Weil, isto é, há já alguns anos Patrick Drahi, Alain Weil que é também, como vamos mostrar, *através da* sua irmã, íntimo da Macronia. *RTL*, que pertence à *M6*, um dos principais parceiros da Mediawan, o fundo de investimento audiovisual da Xavier Niel? Está bem, está bem. Digamos que isso poderia ser feito, após um contacto que ainda teria de ser estabelecido, desde que nenhum dos líderes tenha medo de se expor aos olhos dos seus pares assim denunciados. E depois a grande questão: quem iria falar sobre isso e, finalmente, lançar o grande debate de que ainda estamos à espera sobre estas questões?

Depois de ter percorrido todo o espaço mediático francês em pensamentos, depois de lhes ter arrancado o cabelo, pensamos nas editoras. Como uma crônica desapareceria imediatamente, engolida na bagunça de informações produzidas diariamente, um livro pelo menos forneceria uma atualização sobre a situação. *Fayard*? Mas *Fayard* foi comprado por Hachette, ou seja, por Arnaud Lagardère, *efectivamente* liderado pelo mesmo Ramzy Khiroun que interveio para proteger Mimi Marchand em Paris Match, e cujo número 2 é a esposa do "grande amigo" do Presidente, o famoso Bernard Mourad ! *Stifle*? Sob a aparência de diferenças, o mesmo proprietário, a mesma hierarquia, e agora entendemos porque o livro atribuiu a Marchand o que o

Sr. Khiroun estava fazendo, é dito de passagem, mas devemos medir o que significa falta de integridade. *Gallimard*? Eles acabaram de censurar Annie Lebrun, a autora histórica da casa, por criticar a LVMH em seu último livro sobre moda. Qualquer ligação com a recente aquisição de uma participação na empresa por Bernard Arnault não teria qualquer relação com a mesma. Por um momento, para evitar o riso catártico ou a atonia, tentamos dizer a nós mesmos que em todos os momentos... mas não, como a maioria dos nossos meios de comunicação, durante muito tempo, a casa foi independente, e nunca antes se tinha visto tal concentração! Porque vamos continuar! *Flammarion*? Comprado por *Gallimard* há alguns anos atrás! Actes Sud, de Françoise Nyssen? Vamos rir, sempre amarelos, com um riso que é sempre menos risonho. Mas ainda há muitos editores independentes. O limiar, a descoberta, a fábrica, talvez. Certamente, certamente. Mas com que distribuidores e que meios de distribuição? Os mesmos que sob o controlo do primeiro...? E aqui, novamente, que capacidade de se significar a si mesmo?

Vamos voltar para a imprensa. *Le Point*, então. Mas *Le Point* é propriedade da Artemis, a holding de François Henri-Pinault! E depois ser-nos-ia dito? Ele não é inimigo do Bernard Arnault? Não teríamos algo a ganhar ao participar nestes jogos de...? Vamos rir, e vamos deixar que algumas linhas continuem a explicar por que, novamente... A solidão está a aumentar.

E outra vez. Quem continuaria a correr o risco jurídico de tudo isto quando o aparelho jurídico relativo à difamação é montado de tal forma que a desproporção das medidas de protecção em relação aos poderosos é apenas marginalmente assumida? Não vimos que este livro, que ainda assim preservou tantos deles, *Mimi,* não foi exibido aqui e ali?

*

Vamos parar de pensar nisto tudo por agora e seguir em frente. Porque, desde então, foi descoberto que estes casos não ficaram por aqui e que Alexandre Benalla era o ponto de entrada não oficial de Michèle Marchand no Eliseu. -...ali, a respiração é retida. Benalla, o mesmo Alexander Benalla que, introduzido na Macronia por um apparatchik LR desfalcado, um certo Sébastien Lecornu, além de atingir os cidadãos nos seus tempos livres, tentou montar uma guarda pretoriana no Eliseu, ou seja, recrutar pessoas libertadas de qualquer hierarquia policial e militar - um truque autorizado pela existência de uma reserva cidadã cujos números teriam sido desviados para o Eliseu - para "defender" Emmanuel Macron e emancipar-se das poucas contrapoderes que ainda existem. Ser-nos-á dito, pare aí! Vais de galo em burro. Espera e vê o que acontece. Contando com a reserva da gendarmeria, Alexandre Benalla tinha de fato ordenado o retorno de civis ao serviço de segurança do Eliseu, que teria tido a proteção dos gendarmistas e policiais mobilizados nesta casa da qual emanam as ordens que fazem e interrompem as carreiras de todos os funcionários públicos do país. A coisa é assustadora: por um período de formação de algumas semanas, teria sido possível integrar no coração dos seres mais hediondos, sem qualquer outro controle hierárquico que não o decidido pelo político, colocá-lo ao serviço de um único homem, e dar-lhe autoridade *de facto sobre* todas as forças republicanas de ordem neste país. Repitamos: antes de o Sr. Benalla, correia de transmissão da Sra. Marchand para o Elysée, que estava encarregado, por exemplo, de transmitir ao Sr. Emelien os vídeos do dia 1 de Maio roubados da Prefeitura de Paris para que ele, por sua vez, os pudesse transmitir nas redes sociais, decidiu bater e prender cidadãos na rua para alimentar um clima de medo e violência no país - isso não foi dito, poderia ter sido tão preocupante - o Sr. Benalla. Macron procurou dar a si próprio a oportunidade de trazer pessoas que tinha escolhido pessoalmente para a sua própria força policial, e colocá-las em posição de subordinar todos os serviços de segurança do país. Porque faria ele isso? Somente aqueles que riram de nossos estranhos paralelos mencionados anteriormente não

conseguirão entender por que um conduz ao outro, fora de qualquer proporção.

E é aí que tocamos no outro vetor da presidência de Emmanuel Macron, e conectamos tudo isso. Porque está muito bem construir uma notoriedade, ser impulsionado por uma aliança de interesses. Ainda temos de construir a sua legitimidade. Para nos impormos a este Estado que foi saqueado sem ser utilizado, para encontrarmos os incentivos e os relés que nos permitirão agir com autoridade. A besta não é facilmente domesticada, e se Macron foi escolhido, foi porque vimos nele um perfil que podia impor-se. Mas isso não foi suficiente. Ao mesmo tempo que era apresentado ao povo, o seu rosto tinha de ser polido, rodeado e ter a certeza de que estaria suficientemente armado uma vez no poder.

Aquele que lhe permitiu não só tomar o poder, mas também consolidá-lo, não só para tomar conta da nação, mas também para controlar o seu Estado, este ser, que estava encantado com o presépio e provavelmente inconsciente de quem estava a servir naquele momento, era Jean-Pierre Jouyet. E quem nos leva até lá? Um certo Ludovic Chaker, companheiro invisível de Alexandre Benalla que organizou o recrutamento de Alexandre Benalla, primeiro Secretário Geral de *En Marche,* desde então situado no coração do sistema antiterrorista do Eliseu, e cuja missão era conduzir o mesmo projecto que o seu colega das forças armadas.

No entanto, Ludovic Chaker, um civil que foi empurrado para o coração do segredo de Estado, que tem o direito de saber todos os pormenores e, por conseguinte, de saber e dar a conhecer tudo o que há a dizer sobre quem possa ameaçar os interesses do senhor Macron - em suma, a fuga de cérebros do senhor Benalla - utilizando um certo Mimi Marchand para esse fim, não é qualquer um. É o ponto de[13] entrada no aparelho militar de Ismaël Emelien, o conselheiro mais próximo de Emmanuel

13 Um facto único na Quinta República: nunca antes um civil tinha sido integrado no Chefe do Estado-Maior da Presidência da República.

Macron que conheceu na SciencesPo, e que, no Eliseu, era responsável por transmitir todas as informações que lhe pudessem interessar e depois ordenar o trabalho sujo de que poderia necessitar, publicando-as na imprensa de forma suficientemente discreta para que o Conselheiro Especial nunca se encontrasse envolvido, fazendo tudo isto sem ter de responder a qualquer hierarquia militar, como é normalmente o caso nestes casos.

Assim, por razões de baixa política como imaginaremos, o Sr. Macron que desenha uma estrutura no Eliseu para alimentar as várias redes desonestas que o apoiaram com informações para desacreditar os opositores ou para se protegerem. O esquema foi revelado quando se soube que o Sr. Benalla tinha transmitido ao Sr. Emelien as imagens de videovigilância da manifestação de 1 de Maio de 2018 e que o Sr. Emelien as tinha transmitido posteriormente nas redes sociais através de contas anónimas. Em outras ocasiões, seria Miss Merchant e vetores oficiais que seriam mobilizados. Desta vez, a informação da polícia e da hierarquia não militar foi, de facto, do Sr. Benalla e não do Sr. Chaker.

O Sr. Chaker não é um estadista, nem mesmo um funcionário público, e não apareceu em nenhum organograma até que o caso Benalla o expôs ao público. Isto por uma única e única razão: proteger o Sr. Emelien de quaisquer repercussões, criar uma interface adicional que lhe permita desalfandegar os seus costumes. Como muitos indivíduos projetados longe de seu ambiente sem nenhuma habilidade particular, o Sr. Chaker tem a particularidade de ser altamente leal, o que ele dobra com velocidade incessante. Estes homens são sempre úteis para o poder. Tendo servido ao DGSE apenas por alguns anos antes de ser deposto, ele se viu ali apenas por graça e, portanto, para o serviço de seu mestre. Mas a razão pela qual falamos sobre isso é porque a maneira como ele chegou lá diz mais do que as cartas que ele tentou jogar. Porque a sua promoção a Emmanuel Macron, e é isso que nos interessa, pouco antes da campanha

presidencial e depois no Eliseu, revela o profundo emaranhado do então candidato com outra parte da oligarquia do país: aquela que assegura que os interesses dos poderosos serão transmitidos dentro da máquina estatal. Mostra não só a extensão das influências que se aplicam à Presidência Macron, a endogamia da nossa elite, mas também a pobreza de um sistema de cooptação dentro deste poder que permite, através do nepotismo e dos serviços prestados, manter privilégios que protegem alguns, escalonam a acção pública e retiram-lhe os seus meios.

Finalmente, ela revela até que ponto a imprensa voltou a cegar-se deliberadamente, glorificando aquele que era apenas a ponte ideal para unificar esse conjunto de interesses.

*

Não basta rodear-se de pessoas poderosas que procuram procuradores, o que já exige algumas qualidades, incluindo um perfil suficientemente imaculado entre o público em geral, exigindo em particular que não se tenha comprometido demasiado visivelmente, para se tornar Presidente da República: é necessário também saber rodear-se de um exército de fiéis, fiéis o suficiente para permanecer em silêncio, mas também integrados no sistema, conhecendo o funcionamento e capazes de pôr em marcha os projetos dessas pessoas poderosas; encarregados em suma de uma legitimidade de aparência suficiente para garantir a fidelidade do aparelho do Estado e assim, numa cegueira geral, pô-lo ao serviço dos interesses daqueles que vos escolheram. Cínico e interessado o suficiente para alimentar a máquina do poder sem nunca trair ou denunciar - o que explica a multiplicação de expressões de afeto que o Sr. Macron deu após sua partida ao Sr. Benalla -, suficientemente bem pago e protegido para em nenhum momento questionar os fundamentos da política aplicada, e as espoliações assim realizadas; tendo, em suma, o suficiente para ganhar para vender-lhe seus bens e qualidades.

No entanto, o senhor deputado Macron, que era particularmente jovem e não tinha assumido o controlo de nenhum caminho que lhe permitisse construir e reivindicar essa lealdade - é isso que explicará também o seu apelo às baronias emprestadas, incluindo o senhor deputado Macron. O colombo era o mais importante, e a precariedade de um sistema que só poderia entrar em colapso - deve ter constituído artificialmente esse criadouro, o que o levou a cometer alguns erros, como o recrutamento do Sr. Benalla pelo Sr. Chaker, ele próprio recrutado pelo Sr. Emelien. Propelido, ele teve que tirar de outra parte da oligarquia que também tinha que defender seus interesses, não tinha os meios ou as estacas dos oligarcas que mencionamos, mas procurou ligar-se a eles, e se beneficiou de uma inscrição dentro da tecnoestrutura que serviria idealmente ao Sr. Macron.

Assim, o caso opera tanto a montante como a jusante do Sr. Macron. Ludovic Chaker foi o ponto de contacto invisível de um dispositivo coroado por um certo Jean-Pierre Jouyet - cujo controlo sobre a tecno-estrutura era o segundo úbere do macronismo - e implementado por um certo Ismaël Emelien - que se encarregará de pôr em movimento, numa cooperação muitas vezes forçada com Séjourné, a mobilização das antigas redes strausskhanianas[14]. Encontrado e recrutado por Richard Descoings na SciencesPo, uma instituição pública, dentro de um sistema de poder parcialmente descrito por Raphaëlle Bacqué em seu livro *Richie*, também publicado pela Grasset, ele foi impulsionado responsável pela Ásia, e lá ele encontraria uma certa Edith Chabre, que o apresentaria a um certo Edouard Philippe e a uma certa Brigitte Taittinger-Jouyet, herdeira de uma das mais importantes famílias industriais da França, recrutado na SciencesPo para, de um jantar de confraternização na Petit Paris, financiar os cofres da SciencesPo, enquanto seu

14 Se o Sr. Chaker for o *ponto de contacto a partir de baixo, o* Sr. Kohler, Secretário-Geral do Eliseu, será o ponto de *contacto a partir de* cima. Escolhido por Macron com o consentimento de Jean-Pierre Jouyet como Chefe de Gabinete aquando da sua chegada a Bercy, o homem que foi adjunto do segundo no Departamento do Tesouro antes de se tornar Chefe de Gabinete de Pierre Moscovici - onde irá gerir a implementação da CICE decidida pelo Sr. Macron - foi nomeado Secretário-Geral do Eliseu em 2017, onde se tornará a maldita alma do Sr. Macron.

marido, Jean-Pierre Jouyet, um poderoso diretor do Tesouro que se tornou o diretor muito poderoso da Inspection des Finances, então o todo-poderoso secretário geral da Élysée, mobilizou suas redes para apoiar Emmanuel Macron, às vezes no limite da legalidade.

O Sr. Jouyet encontrou-se com o Sr. Macron na sequência da sua saída da ENA, que o viu ser afectado ao mesmo "corpo" original que o Sr. Jouyet, um corpo que este último seria também responsável pelo ano seguinte. Intrigado por um jovem já apoiado por seres mais poderosos do que ele e mostrando uma ambição desavergonhada, Jouyet decidiu oferecer-lhe o interino da todo-poderosa Inspecção das Finanças, quando ele próprio, que até então se tinha declarado socialista e o melhor amigo de François Hollande,[15] foi nomeado Secretário de Estado dos Assuntos Europeus por Nicolas Sarkozy. Pode ter sido dito, mas se foi oferecida a Emmanuel Macron a entrada no gabinete do então Primeiro-Ministro François Fillon durante este período, foi através da mesma pessoa - Jean-Pierre Jouyet - que ele regressaria ao Eliseu sob François Hollande.[16] É assim que as coisas estão na pequena Paris, sem levar em conta as "distinções partidárias" que o povo tentaria implementar, um princípio democrático que se torna pouco importante quando se trata de ajudar uns aos outros e avançar entre amigos. Estamos começando a entender onde nasceu o Macron's "ao mesmo tempo". O truque que foi usado para reunir toda uma população foi apenas o pretexto para uma fusão de elites até então fragmentadas, uma condensação de interesses ao serviço da endogamia galopante onde os jornalistas mais ingénuos - ou mais comprometidos e confortavelmente instalados num

15 Quem lhe tinha dado o seu lugar na inspecção financeira para que ele pudesse então dar-lhe a escada curta e que a encontrasse de novo pouco depois.

16 O caso é ainda mais significativo se acrescentarmos o nome de Antoine Gosset-Grainville, que se tornou advogado e acolheu o Sr. Macron quando deixou o Ministério da Economia. Longe de querer criar uma "startup na educação", ele se viu pronto para embarcar em uma carreira lucrativa como consultor de grandes multinacionais, a fim de ajudá-las a vencer suas disputas contra o Estado, obter mandatos de privatização, etc. É esta a entidade que irá propor formalmente a nomeação do Sr. Macron para Matignon, que o Sr. Macron lhe deve, propondo-lhe a gestão da Caisse des dépôts. O Sr. Gosset Grainville recusar-se-á a fazê-lo para manter os emolumentos literalmente capturados à custa do Estado.

sistema que não queriam mudar - apresentavam um sinal de progressismo e modernidade.
Temos de medir a dimensão da revolução proposta pelo Sr. Macron, numa altura em que o sistema se desmoronava: garantir, contra a inferioridade, uma permanência de privilégios e posições, onde as elites tinham até então travado guerras regulares, tendo de se escravizar a uma ou outra a cada cinco ou sete anos, sendo secas e condenadas a cada alternância, reduzidas a períodos de escassez, forçadas a contorções perigosas se quisessem embarcar no novo poder depois de terem servido o anterior. Compreendamos agora a densidade do louvor que Emmanuel Macron recebeu dessa classe assombrada, em um processo inaugurado pelo Sr. Sarkozy, que sabia o que tinha que compensar para ser aceito por aquelas elites que o desprezavam.

Mas estamos com pressa, e enquanto falamos, o Sr. Jouyet contenta-se em apresentar o Sr. Macron à sua família e à sua esposa - e assim a uma das maiores dinastias financeiro-republicanas do século - e à intelligentsia da SciencesPo, incluindo o Sr. Jouyet. Descoings é o Diretor, SciencesPo onde o Sr. Macron é oferecido, como qualquer enarque que sai nos corpos grandes, para ensinar um curso vago que ele escolherá de cultura geral para pôr os pés, antes de ser oferecida a direção do módulo para completar seus salários e começar a colocar seus peões lá. O Sr. Jouyet, portanto, com uma ideologia liberal que era do interesse da sua família adoptiva, o primeiro a iniciar a estratégia de esmagamento dos processos democráticos, que Sarkozy utilizou a terminologia de "abertura", e Macron, "ao mesmo tempo", e que o Sr. Jouyet A Holanda não conseguiu conter-se, o que, além da introdução de sua esposa nos jantares da cidade, rapidamente deu ao jovem intrigante a oportunidade de colocar e distribuir suas cordas amigas no IGF, violando o costume - apenas o major, que não era Macron, tinha normalmente direito a esse privilégio - antes de tê-lo nomeado para Bercy depois de tê-lo apresentado ao Eliseu através de Jacques Attali.

Jacques Attali, para quem Emmanuel Macron foi nomeado relator da missão homónima pela graça do mesmo Sr. Emmanuel Macron. Jouyet, para ser apresentado à elite económica e financeira do país secundário - isto é, a que está na segunda fila, e que depende ou se submete com grande regularidade às fortunas que mencionámos - e para, casado deste livro de endereços, ser recrutado no Rothschild, para aí fazer fortuna mobilizando os contactos que a comissão de Attali lhe tinha acabado de atribuir, para preparar sem ansiedade a mesma indução política que o senhor deputado Jouyet. Jouyet tinha acabado de antecipar sem saber e o autorizaria logo em seguida, enquanto o Sr. Hermand financiava sua vida privada.

O Sr. Jouyet, cuja esposa, Brigitte, além de seus excelentes talentos como casamenteira e herdeira, trabalha na SciencesPo a poucos passos de uma certa Edith Chabre, recrutada e nomeada diretora da Faculdade de Direito por Richard Descoings, e da qual é provavelmente por acaso - também ali - que ela é esposa de Edouard Philippe, vice- e futuro sucessor do prefeito de Le Havre cuja cidade, sem entendermos se Jouyet, é a única com quem ela é casada. Philippe estava fazendo um favor a Richard Descoings e sua esposa Nadia Marik, que haviam recrutado sua esposa ou ao contrário, ou se tudo isso fosse apenas uma coincidência, financiaria a criação e operação de uma filial da SciencesPo[17] em sua cidade e mais tarde inauguraria uma estela em homenagem a Richard Descoings, onde eu seria convidado na presença de Nadia Marik e provavelmente - minha memória está falhando, de Ludovic Chaker - Nadia Marik, agora viúva do homem que tinha estado na cidade o amante de Guillaume Pepy, chefe da SNCF e um revezamento secundário oligárquico e de seguros à esquerda, que se tornou Richard Descoings, muito próximo de Jean-Pierre Jouyet, *através* do amor da sua vida, e, da mesma forma, um inonizador no grande mundo de Laurent Bigorgne, impulsionou

17 O simples desenvolvimento das instalações custou 11 milhões de euros, financiados pela região no valor de 6 milhões de euros, a comunidade urbana no valor de 3,5 milhões de euros e a Câmara Municipal no valor de 1,5 milhões de euros.

o Presidente do Instituto Montaigne após ser considerado sucessor de Richard Descoings - Laurent Bigorgne cuja esposa arquivaria os primeiros estatutos de En Marche na Préfectura, *En Marche*, domiciliado com eles, incluindo Ludovic Chaker, como vimos, seria o primeiro Secretário-Geral, Laurent Bigorgne, encarregado de se juntar ao CAC40 na Macronia e de colocar o Sr. Ludovic Chaker. Macron l'Institut Montaigne, um instituto teoricamente neutro que inunda o espaço público com análises neoliberais que fazem o negócio dos oligarcas, financiando-o, bem como vice-presidente da associação *Teach For France* criada pela irmã de Alain Weil e recuperada por Nadia Marik, no conselho de administração onde Maurice Levy, CEO da Publicis, Emmanuelle Wargon, era membro, então diretor de lobbying da Danone e Patricia Barbizet, CEO da Artemis - a holding de François-Henri Pinault, estamos começando a entender por que *Le Point* teria sido tão relutante em nos publicar, mesmo que nos abstenhamos neste momento de detalhar o quanto era, sem que a família Pinault o entendesse plenamente, o relé de poder nestas águas, o que explicaria seu despejo; Laurent Bigorgne, um homem de direita entronizado por Richard Descoings no gotha, ex-futuro sucessor de Richard Descoings até sua morte forçou a nomeação de Frédéric Mion - próximo de Richard Descoings e padrinho de Edouard Philippe e dos filhos de Edith Chabre - para esconder a poeira, tendo trazido *para a França* Maurice Levy, CEO da Publicis e apresentado como consultor de Emmanuel Macron [18]durante seu período ministerial; Patricia Barbizet, a mulher mais poderosa da França e amiga íntima de Brigitte Taitinger-Jouyet, e portanto Emmanuelle Wargon, desde então nomeada Secretária de Estado de Edouard Philippe após suas influentes funções em Danone, como esta última havia realizado em Areva, após ter sido apresentada por Nadia Marik a Edith Chabre, e a Edouard Philippe por Edith Chabre.

---

18 https://www.challenges.fr/challenges-soir/comment-macron-a-tres-habilement-sature-l-espace-mediatique_414866

Edouard Philippe, portanto, desconhecido do batalhão, não tendo nenhum fato de glória a ser atribuído a si mesmo, pois seu sucesso no concurso da ENA, próximo por essas redes ao Jouyet, cuja esposa foi recrutada para fazer um favor ao marido ou para fazer um favor aos recrutadores, apresentado a Emmanuel Macron por Jean-Pierre Jouyet *através de* suas respectivas esposas, tornou-se Primeiro Ministro por ser também desconhecido do público em geral no dia anterior, mas cujos talentos seriam fortemente elogiados durante meses, mais por seguidores do que por conspiração, para justificar *a posteriori* o que ninguém entendeu - os jornalistas não suportam expor a sua ignorância e preferem, em dúvida, glorificar os seus súbditos para garantir que não serão culpados - enquanto Jean-Pierre Jouyet foi nomeado como uma das mais prestigiadas embaixadas francesas em Londres, para lhe agradecer e demitir. E para completar, para conectar todas essas pessoas bonitas, a SciencesPo, portanto, costumava financiar e implementar um sistema de nepotismo que nada tem a invejar as oligarquias financeiras que se colocariam a serviço do Sr. Macron, a fim de permitir-lhe servir este último, mas também o seu crescimento, *Teach For France,* portanto, um berçário que emprega Catherine Grenier-Weil, irmã de Alain Weil, chefe da BFM TV e RMC, affidé à Patrick Drahi et *devenu* proche -là encore d'un certain Emmanuel Macron; *Teach For France*, que introduzirá um certo Jean-Michel Blanquer, antigo servidor de Sarkozy, na Macronia, que Edouard Philippe nomeará Ministro da Educação depois que Descoings pensou em nomeá-lo Chefe de Gabinete quando foi proposto para se tornar Ministro.

Você já ouviu falar de algum desses nomes antes, mas eles são os pilares das mudanças oligárquicas do nosso país? Ficou surpreendido com as sucessivas nomeações para o governo e outros lugares? Isso começa a fazer sentido.
E nós fazemos a pergunta que irrita, que deve irritar qualquer um dos leitores destes "meios de comunicação mainstream" que afirmam estar expondo a verdade: Edouard Philippe foi, portanto, realmente apresentado a Mr. Macron no meio, como nos foi dito e repreendido com tanta sorte, e foi impulsionado a

Primeiro-Ministro apenas pelos seus méritos e pelo peso político que inventamos de um dia para o outro, ou melhor, pelas suas capacidades interpessoais e pela sua capacidade de servir e deixar-se servir, pela sua participação nesta pobre e podre endogamia durante décadas - que permite, através dos simples avanços permitidos pelo sistema republicano, ganhar peso pela inércia - como ele fez, quando passou para a Areva quando já era Conselheiro de Estado para colocar suas redes de funcionários eleitos a serviço da empresa, quando a referida empresa mergulhou em um escândalo de corrupção e retrocomissões Uramin que absolutamente tiveram que ser sufocadas para salvar o particular Lauvergeon, um escândalo que fez desaparecer quase 3.000 empregos e 1,8 bilhões de euros dos cofres do Estado em destinos desconhecidos, e que ainda não levou ninguém, dez anos depois, a ficar preso? Vamos rir.

Nestes espaços onde as pessoas navegam da esquerda para a direita através do centro, indiferentes aos votos e satisfeitas apenas com uma aparência de apoio às divisões que atravessam a sociedade para melhor dirigi-la - não rimos quando falamos de democracia. E ainda assim, quantos podíamos. Para o fazer, teríamos de estar cientes de que, para além de pilharem para nós próprios, estas pessoas estão a pilhar para terceiros, o que provavelmente não é o caso. Estes seres irreflectidos teriam tido consciência de que eram apenas os soldados de interesse certos, e então estas tropas fiéis de um poder que outros tinham impulsionado e financiado poderiam ter reagido. Todo este sistema baseia-se numa crença: que a ordem económica que estamos a defender, e que sabemos ser injusta e destrutiva para a sociedade, seria suficientemente justa para permitir estes compromissos e sentir-se confortável na pilhagem assim constituída. Macron interveio nestes lugares como o defensor ideal deste modelo, a epítome da reivindicação de sua neutralidade, o que explica a maquinaria que foi posta em marcha para incentivar o apoio do Estado e os milhares de relés invisíveis que o apoiariam sem dizer uma palavra fizeram-no

com boa vontade: em todo caso, tratava-se de explorá-lo para posicionar-se e prolongar estes jogos que ameaçavam o colapso.

*

Nestas áreas em que todos nós pertencemos às mesmas *entidades* - a própria expressão diz tanto -, os salários, proporcionados directamente pelo Estado ou pela pilhagem do Estado quando este já não o pode fazer, ou seja, *através de* chinelos, são confortáveis e constantes, permitindo a sua protecção em caso de fracasso eleitoral, de seis ou sete dígitos, e sendo completadas pelos assuntos do cônjuge quando o outro tem de esperar e estagnar, as viagens de ida e volta entre garantia pública e privada, contra alguns pequenos compromissos, assegurando sempre um conforto desprovido de conteúdo e compromisso, a protecção de uma posição privilegiada. Não importa que este sistema tenha acabado por desgastar a autoridade pública a ponto de a esvaziar. Que o período baladuriano, que foi o mais violento a este respeito, e que só Macron decidiu cantar, esgotaria os recursos e cada vez menos altos funcionários conseguiriam estabelecer-se lá. Jean-Pierre Jouyet, mestre de todos esses compromissos, manteve o edifício até oferecê-lo ao Sr. Macron.

Esta confiança não é política nem ideológica. Não é nem mesmo maquiavélico: acostumado ao segredo das alcovas, sabe-se que a traição de um exporia o compromisso do outro, e por ricochete, causaria uma queda completa que esses seres, que só existem através desses compromissos, não seriam e não teriam feito nada com suas vidas, não tolerariam. Como podemos pensar nestas circunstâncias de princípios democráticos e até mesmo da ideia de política, quando o Estado aparece acima de tudo como uma simples ferramenta para reproduzir o mesmo, os legados e as posições, estabilizando a nação e permitindo a sua exploração - isto explica a impressão atroz de ser lavado, de que todos nos estão simplesmente a mandar de volta? Em lugares onde as pessoas se olham, cooptam e se moldam mutuamente ao longo dos anos para assegurar a preservação de

um monopólio do bem comum que nos impede de pensar, o Sr. Macron apareceu como um ideal. E, para servir tanto quanto para servir a si próprio, para estender esse sistema, dando credibilidade ao aparelho que ele estava prestes a pilhar, ele viu-se indicando um primeiro ministro por causa dessas relações endogâmicas podres.

*

Onde é que tudo isto nos leva? A Ludovic Chaker que, depois de ter sido nomeado para a SciencesPo para supervisionar o desenvolvimento docampus asiático em Le Havre no mesmo ano em que o Sr. Philippe se tornou prefeito da cidade, foi o primeiro secretário geral do partido do Sr. Philippe. Macron na casa do futuro sucessor de Richard Descoings, um certo Laurent Bigorgne, foi encarregado pelo novo presidente de criar a sua "guarda pretoriana" depois de ter sido recrutado pelo Sr. Descoings e de ter construído uma ponte entre as suas redes e as do Sr. Bigorgne, incluindo as do Sr. Philippe, e as do Sr. Emelien. Ludovic Chaker, então, o *alter ego* de Alexandre Benalla, chegou ao mais alto nível do estado para proteger a privacidade de todas essas pessoas e destruir aqueles que as ameaçariam, intimidade elevada pela precedência burguesa como um valor sagrado, desde que não possa servir ao poder de uma forma ou de outra, ameaçando quem o comprometeria, alimentando o poder e por sua vez alimentando a imprensa para cobrir todas essas redes e seus compromissos. Ludovic Chaker, portanto, para o papel obscuro levou-nos lá, ponto de junção retórica de tudo isso *via* Ismaël Emelien, o muito discreto "conselheiro especial" de Macron, tendo oficializado em Havas onde ele iria encontrar sua esposa, ainda trabalhando lá enquanto tinha seu antigo empregador atribuído, violando a lei, um contrato de mais de 300.000 euros sem concurso em nome do Ministério da Economia, *o nosso* Ministério da Economia, para lançar a campanha não oficial da Macron em *Las Vegas, como um* evento multi-trip cujo único objectivo era fazer uma marca na imprensa e dar a conhecer o Presidente. Esta operação

foi construída *ex nihilo* graças a um subterfúgio do qual *a Business France*, uma agência estatal que permitia todos estes excessos, violou deliberadamente a lei sobre o seu então líder, uma certa... Muriel Penicaud.[19]

Ismaël Emelien, que ainda não foi informado, encontra-se com Emmanuel Macron durante uma viagem à América Latina organizada pela Fundação Jean-Jaurès, uma fundação financiada sem nenhuma razão pelas autoridades públicas, para acompanhar Laurent Fabius, a quem o Sr. Macron se ofereceu primeiro, antes de hesitar com Fillon e depois oferecer-se ao Sr. Holland por recomendação do Sr. Jouyet. A Fundação Jean-Jaurès era então dirigida por Gilles Finchelstein, Director de Estudos da Havas, propriedade de Vincent Bolloré, a agência que recebeu os contratos que o seu antigo empregado Ismaël Emelien lhe concederia em nome do Estado, após ter sido nomeado conselheiro do Sr. Macron no Eliseu, onde Emelien trabalhou paralelamente em Havas - afinal, uma mistura de géneros não exclui outro - e que se colocaria à disposição de Macron.

*

Tudo isso é tão embaraçoso em tal sistema que a questão da legitimidade do recrutamento torna-se secundária, como podemos ver até que ponto ela é condicionada por redes de lealdade e contralealdade que removem toda a autonomia dos indivíduos. Se nós traçarmos estas redes, nós poderíamos também traçar aqueles dos editores e editores de jornal que respondem à lógica similar. Edith Chabre frequentou uma obscura faculdade de direito privado antes de se formar na SciencesPo Lille, e agora ela é diretora da todo-poderosa Faculdade de Direito da SciencesPo dois anos depois que o escritório do prefeito para o qual seu marido trabalha decidiu conceder à SciencesPo ajuda significativa para construir seu campus. Nadia Marik estava no tribunal administrativo, e agora

19 Muriel Penicaud, que será lembrada pela forma como seria recompensada ao ser nomeada, contra todas as evidências, Ministra do Trabalho de Emmanuel Macron.

ela é diretora adjunta da SciencesPo depois de ter sido recrutada por seu futuro esposo que a examinou oralmente da ENA, antes de assumir a *Teach For France* com a ajuda da gotha parisiense para fazer com Laurent Bigorgne o ponto de encontro para tudo o que a Macronia vai defender amanhã. Ludovic Chaker tinha um passado desleal e, tal como Alexander Benalla, foi impelido para os cenáculos responsáveis pela supervisão e instrução dos serviços secretos do Estado. Catherine Grenier-Weil teve uma carreira obscura como assistente de pesquisa antes de assumir o cargo de *Teach for France*, e quanto a Emmanuelle Wargon, seria absurdo pensar que sua presença no governo tivesse algo a ver com sua estreita amizade com Nadia Marik e o casal Philippe, Laurent Bigorgne ou Brigitte Taittinger, embora sua nomeação tenha causado alguma surpresa, pois a presença de outro lobista sem formação política no coração do Estado começou a preocupar. E estamos a ater-nos às redes horizontais, porque quando a nora de Jean-Pierre Jouyet é nomeada Vice-Director no Quai Branly aos 25 anos, faz tão pouco barulho como quando o filho de Le Drian, um ministro socialista que se tornou macroniano por meio do qual ainda teremos de expor um dia, é nomeado para um dos cargos mais importantes da Caisse des Dépôts aos 30 anos. Aqui, genros e tios, sobrinhos e avós passam o testemunho há várias gerações: o talento é transmitido pela transmutação. Recrutamentos, amores e alianças são feitos de acordo com os critérios de fortuna e poder, fazendo e desfazendo-os sob o olhar benevolente das grandes fortunas que os financiam.

*

Tudo isto, estes pequenos jogos interpessoais e urbanos terão sido desenhados para nós, disfarçados, mascarados por uma imprensa cúmplice, para nos fazer acreditar numa fábula popular onde as questões democráticas, as questões de programa e de compromisso e, finalmente, a escolha do povo tiveram, de alguma forma, precedência. Em um sistema que, de fato, foi incubado pelo triunvirato Arnault-Niel-Lagardère, responsável pela propulsão de valentes soldados selecionados

por Emmanuel Macron, incluindo o Sr. Philippe seria o mais dócil e recomendado, graças em particular a uma introdução através de Taittinger e Jouyet, uma combinação perfeita da aristocracia estatal e da burguesia do país buscando em jovens intrigantes a seiva permitindo sua reprodução, toda a garantia da sua invisibilidade, depois a sua confirmação sob a forma de uma *eleição,* com a benevolente atenção de um certo Mimi Marchand e dos supracitados capangas, estamos, no entanto, a lutar um pouco para descobrir onde a democracia tende a infiltrar-se. É agora mais fácil compreender por que razão, após uma intervenção cataclísmica em que este regime se desenrolou, em que o senhor deputado Macron anunciou que *iria pedir aos* patrões que pagassem um bónus aos seus empregados, os senhores deputados Niel, Drahi, Levy e Richard - este último foi salvo pelo senhor deputado Macron depois de ter sido muito bem aconselhado pelo senhor deputado Emelien - anunciariam imediata e lamentavelmente o seu apoio ao Presidente, propondo um bónus excepcional destinado a ocultar o carácter absurdo de tal proposta.

Mimi Marchand, de quem descobrimos que depois de ter protegido e criado todos esses seres desde que estavam em perigo - por exposição pública - de serem denunciados, desde o verão de 2018 para novos clientes - não há contratos nesse negócio, como nos recorda o livro de que estávamos a falar, mas das assinaturas que podem ser adivinhadas e das palavras que lhes escapam para evitar qualquer compromisso - dois jovens nomes, Gabriel Attal e Benjamin Griveaux, cuja história nos preparamos agora para contar, desta vez. Nestes espaços, não se perde tempo.

Para completar o quadro, teria sido necessário, é claro, introduzir-se nas redes da burguesia de Amiens, a facilidade e a força do pai de Emmanuel Macron, Jean-Michel Macron, professor de Medicina no Hospital Universitário de Amiens, mas sobretudo da família Trogneux, cujas alianças, mais ainda que poder financeiro, foram decisivas para acompanhar os inícios de um poder que.., através do apoio dos baronias locais e em

particular dos senhores Collomb e Le Drian, Patriat e Ferrand, terá compensado um tempo pela sua falta de apoio social tecendo uma rede de solidariedade e redistribuição de prebendas desonestas, detendo os territórios secundários, mas que, não tendo sido instituídos por este poder, se romperiam à primeira dificuldade. Em seguida, deveria ter sido descrito como, com base em tudo isto - através de Laurent Bigorgne e do clã Descoings, depois da revista *Esprit* e do think tank *Terra Nova, o* jornal *Le 1,* financiado pelo milionário Henry Hermand[20] para, como o seu director Eric Fottorino admitiria publicamente, apoiar o senhor. Macron -, a mobilização de recursos intelectuais, políticos e financeiros em torno do futuro presidente seria organizada para "substanciar seu poder" e fazer com que as elites secundárias admitissem sua cooptação, enquanto seus concorrentes caíam entre casos de corrupção e lutas fratricidas estupefatas. De cada vez, os mil e um vergonhosos compromissos destinados a enganar o público através de jornalistas cada vez menos independentes, vestindo este entrelaçamento de interesses que visam impulsionar uma concha vazia em poucos meses sem nunca a expor, apesar dos compromissos óbvios destas subelites que deveriam proteger-nos dela. Seria necessário contar a história deste simpósio Terra Nova organizado em Lyon por Marc-Olivier Padis, que se tornaria diretor da venerável revista *Esprit*, que assumiu tal encontro, sentindo que teve que cancelar no último momento a apresentação de Macron, para a qual, no entanto, tinha sido organizada. Por fim, há que mostrar como todas estas redes secundárias responsáveis pela propaganda desta potência emergente, na incompreensão do público, utilizaram os recursos do Estado para o corromper, transformando os gabinetes ministeriais em máquinas de recolha de fundos ao serviço de uma ambição, Ismaël Emelien utiliza fundos do Estado não só para adjudicar contratos não adjudicados no valor de várias centenas de milhares de euros ao seu antigo empregador, Havas - propriedade de um certo... Bolloré, onde a

20 Que, ao financiar a vida privada de Emmanuel Macron, asseguraria que o seu potro nunca se comprometeria pessoalmente com um dos seus protectores e poderia chegar com a aparência de não haver corrupção à frente do Estado.

sua concubina os gastava com o senhor... Macron, mas também mobilizar os seis conselheiros ministeriais responsáveis pela comunicação do Sr. Macron, comodamente pagos pelas autoridades públicas para organizar eventos com o Sr. Séjourné, convidando em seguida os mesmos convidados para eventos de angariação de fundos - o que permite obter de 900 pessoas cerca de 7 milhões de euros e, assim, respeitando formalmente a legislação, impulsionar o Sr. Macron. Devem ser descritos, estes Bruno Tertrais, encarregado de desenvolver apressadamente um programa para vender a operação ao público em geral, entrevistados após a eleição pelo *Le Monde* como especialistas independentes nestas mesmas questões para julgar a ação do Sr. Macron....

E finalmente, devemos mostrar como tudo isso produziu um candidato a serviço de poucos, incapaz de agir autonomamente, de desenvolver um pensamento, mas apenas de distribuir prebendas, e finalmente: vender-se ao maior lance, detalhando em detalhes todos os compromissos que, da distribuição de empregos às instruções judiciais e à concessão de mandatos de negociação, permitiram que todo esse sistema permanecesse a preço de custo, enquanto os sanguinários se mantiveram afastados dessas informações, sofreram e se viram saqueados até, exaustos, eventualmente rebelados.

E como, então, eles próprios denunciariam a violência, procurariam esmagar moralmente aqueles que haviam explorado até o limite da falta de ar e da devastação?

Mas isso seria repetir uma batalha perdida pela democracia. O jornalismo há muito que funciona como um equilíbrio, tomando para a direita o que a esquerda rejeitou, e vivendo deste movimento pendular que encoraja a preguiça e a conivência. Isso deu a impressão aos mais ingênuos de nós de que vivíamos em uma democracia, apesar da ausência de uma imprensa livre, da onipresença de um sistema de

dependências que não tinha que invejar os mais honestos autocratas, exceto por sua capacidade de alternar regularmente relações políticas, que o Sr. Macron acabou devastando.

A coisa era simples: até então, em um jogo que logo se transformaria em massacre, cada passagem para a razão de Estado[21] permitia aos políticos formar suas redes de affidados e coletar informações valiosas que eram então cuidadosamente divulgadas aos jornalistas - sendo o *Pato Acorrentado o* veículo preferido. Enquanto cada aliança quebrada devido à ambição frustrada trazia para o sistema de mídia sua parcela de anedotas que permitiam aos jornalistas libertar-se pontualmente de seus direitos de passagem e "trabalhar" para finalmente servir seu país, Macron ficou atordoado por um tempo ao sair de um vazio que, unificando redes de conivência anteriormente confinadas a diferentes partidos, paralisaria nossos infantomistas da liberdade, subitamente forçados a começar a trabalhar. Pequenos soldados e grandes nomes do jornalismo, raros investigadores que ainda permaneceram, subservientes ou não a um governo, já nem sequer conseguiram recolher as migalhas que lhes tinham sido dadas até então, e reconstituir uma parte de um funcionamento que ainda afirmava deixar ao povo um papel, mas descobrimo-lo, perfeitamente inexistente.

Devastada e vilipendiada, desprezada pelos seus camaradas quando um dos seus raros herdeiros ousa afirmar-se, a imprensa independente que vive da relação directa com o leitor, ou seja, das suas vendas e, por conseguinte, da necessidade de empenho, esta imprensa de opinião alimentada pela concorrência e pela necessidade de sobreviver, deu durante demasiado tempo lugar a um sistema em que a vassalagem e os subsídios, por sua vez, deram origem à vaidade. Tendo-se tornado a norma, produzindo dispositivos de Christophe

---

21 Quer directamente, utilizando os vários serviços policiais e de informações, quer indirectamente, prestando um serviço a oligarcas influentes que reembolsaram a coisa, revelando este ou aquele elemento sobre um concorrente.

Barbier a Frantz Olivier Gisbert, de Le *Monde Magazine* a *Vanity Fair*, dispositivos que servem para aderir aos valores mais dominantes sem questionar nada, esmagadores e coerentes com os nossos tempos, esta imprensa esgotou-se e conformou-se com os dominantes.

Se o "ao mesmo tempo" de Emmanuel Macron não permitiu a respiração democrática, foi porque desativou o princípio ativo, completando a ilusão de um funcionamento republicano que, da alternância à alternância, permitia dar alguma respiração às populações finalmente informadas dos jogos que se realizavam nas suas costas, e capazes de se pesar.

*

Não é de estranhar que tudo isto tenha consequências terríveis, quando o senhor deputado Macron decidiu condensar estas redes com o único objectivo de alimentar aqueles que as criaram. E não se surpreenda que a única alternativa a um poder cada vez mais autoritário seja a possibilidade de seu colapso.

Agora resta-lhe projetar-se, e como a Macronia vacila e entra no seu crepúsculo, ler e decompor-se no tempo um dos fungos que emergem sob os interesses dos poderosos, para dar-lhe nenhuma possibilidade de prosperar e reproduzir o sistema até agora estabelecido. A emergência de um desses acólitos da oligarquia - igual em arrogância, conformidade e ambição ao seu ancião - um certo Gabriel Attal, companheiro na cidade de Stéphane Séjourné, conselheiro político de Emmanuel Macron, e já muito introduzido em todas essas redes, pelo mesmo funcionamento que permitiu a entronização de seus anciãos, deve ser exposta. Um homem de vinte e nove anos que todos já estão errados em subestimar, e cuja exposição na linha da frente para combater as exigências de um povo revoltado deveria sinalizar-nos e preocupar-nos.

Um ser a quem, se acreditássemos nas aparências formais deste sistema, estaríamos dispostos a dar demasiada importância e atenção àquilo que ele merece, mas que, no entanto, permite não só compreender estes sistemas que acabámos de revelar, mas também perpetuá-los. Recordemos, a este respeito, um fato relativo àquele que se tornou, com a mesma graça que o senhor Macron no momento de sua eleição, o Ministro mais jovem da Quinta República: enquanto sua relação - embora oficial, declarada à Alta Autoridade para a Vida Pública e contratualizada por um PACS - com o assessor político de Emmanuel Macron foi exposta por nós, e que, ao mesmo tempo, correu o risco de se revelar os sistemas de solidariedade de toda uma parte do poder necrótico do senhor Macron. Macron, um underdog interveio na Gala para ter dois artigos publicados sobre este assunto eliminados. Estávamos então em outubro de 2018, na França, um mês após a publicação de *Mimi.*

E o ser que interveio, ainda poderoso o suficiente para fazer a informação desaparecer.

E esse nome era Merchant.

O que estamos prestes a revelar é, portanto, a fábula de um indivíduo que, nascido no coração das redes descritas acima, estava prestes a se tornar o relé necessário, tanto quanto estava vazio e óbvio, usando poderes podres no exato momento em que se mostrou estar morrendo. Voltando no tempo e projetando-nos diante da constituição do poder que atualmente nos abraça, esta excursão nos permitirá compreender como esses destinos se formam em berços, o que dizem de nossas sociedades, e como qualquer argumento relacionado a uma habilidade ou talento, uma ingenuidade que desde sua mais tenra idade teria justificado a propulsão estelar que lhes será concedida posteriormente, não pode ser invocada para explicar seus fundamentos.

II

15 Outubro de 2018. Gabriel Attal, 29 anos, é nomeado pelo Presidente da República, sem anúncio à porta, Secretário de Estado do Ministro da Educação, encarregado da juventude. No BFMTV, no Le *Monde*[22] e ainda mais no *Paris Match*, ficamos impressionados com a carreira deslumbrante deste jovem deputado da região de Hauts-de-Seine, com uma pele bronzeada e a aparência de um genro ideal. O público em geral descobre o rosto do homem que acaba de se tornar o ministro mais jovem da Quinta República. Se o seu nome, que circulava na panela há vários meses, permanece em grande parte desconhecido no país, nos salões e alcovas de Petit Paris, esta consagração, preparada há muito tempo, evoca apenas um ruído de satisfação. Mais uma vez, um produto puro do sistema acaba de ser amaciado, espantando todos aqueles que, a seu tempo, poderiam ter-se oposto a ele.

22 Cujo retrato flagrante e oco, escrito por Alexandre Lemarié, diz muito sobre o colapso do jornalismo político em nosso país. https://www.lemonde.fr/gouvernement-philippe/article/2018/10/16/gabriel-attal-secretaire-d-etat-aupres-de-blanquer_5369998_5129180.html

O caso, discretamente conduzido, deixou alguns vestígios para aqueles que mostrassem interesse. No verão de 2018, Bruno Jeudy, um colunista favorito do poder mundano, revelou os gostos literários e musicais do ilustre estranho em não menos que três artigos sucessivos em *Paris Match*, entronizando-o neste pequeno grupo de elite de políticos a quem a revista, e seu proprietário Arnaud Lagardère, ofereceu reverência para fazê-los conhecer o país.[23]

O privilégio, exorbitante para um rapaz da sua idade e origem, fez ranger alguns dentes no partido governante, a *República, em Março*, onde alguns começaram a observar com cautela aquele que é regularmente descrito como "gomoso". Posando de calças curtas e camisa branca, vidro rosé ao lado de seus pés descalços, fixando com confiança a câmera nas margens do Sena, deve-se dizer que Gabriel Attal parece um pouco consciente demais de seu poder, muito confiante de uma aura que ninguém até então poderia adivinhar para ele, enquanto muitos ainda lutam para entender as fontes de uma ascensão deslumbrante que a mídia teimosamente atribuiu a um carisma ainda difícil de adivinhar. Enquanto Attal abre seu coração e discute gentilmente seu gosto por Orelsan, Fort Boyard ou sua casa nas muito chiques Île-aux-moines - um desses "guetos para o gotha" onde, entre outras personalidades, Daniel Bilalian e Danielle Darrieux se encontram com financiadores ricos em busca de iodo e auto - os deputados estão se questionando e começando a ficar inquietos. Gabriel Attal está encantado com esta indução *da celebridade, que* anuncia um futuro brilhante no meio do verão.

Alguns meses antes, o jovem intrigante fez uma primeira aparição notável na manhã da *Inter de França*. Este raro privilégio, que lhe permite dirigir-se a todo o país, só está disponível para os políticos mais experientes. Supostamente encarnando a ala esquerda de *La République En Marche*, já que era membro do Partido Socialista, dinamizou com morgue e violência os bobos esquerdistas "de sua geração que ocupou as universidades para se opor à Parcoursup e atacou com violência

---

23 https://www.parismatch.com/Actu/Politique/Gabriel-Attal-J-ai-monte-le-fan-club-d-Orelsan-a-l-Assemblee-1567267 ; https://www.parismatch.com/Actu/Politique/Gabriel-Attal-Le-jour-ou-je-rencontre-Ingrid-Betancourt-1569221 e https://www.parismatch.com/Actu/Politique/La-jeune-garde-macroniste-se-ressource-en-Bretagne-et-croise-Jospin-1568893

a greve dos trabalhadores ferroviários, exumando por isso um termo de extrema-direita, a "greve" que espalharia a França, denunciando sua mobilização e mais geralmente a de um país incapaz de se reformar. Incrível os seus interlocutores, o novo porta-voz da *République en Marche* entronizou aos 28 anos com o público em geral sem qualquer ambiguidade, mostrando que ele não estava lá para haver um extra. *Le Monde* pode tê-lo enrolado na esteira da caneta de Laurent Telo e os ouvintes mostraram sua fúria, Gabriel Attal colocou uma camada de volta algumas semanas depois. Retomando os elementos linguísticos da maioria, defendeu com desenvoltura a reforma do Parcoursup no programa *On n'est pas couchés*,[24] reivindicando a autoria sob o olhar benevolente de Laurent Ruquier e estrangulado pelos seus convidados. A sua primeira intervenção na Assembleia Nacional, hesitante e acompanhada de um sorriso satisfeito por nunca ter parado de tentar reprimir, voltou à memória de alguns que lhe recordaram que nunca tinha tido de trabalhar até entrar na política. Attal, sem se desmantelar, desqualificou seus adversários, subiu mais alto, mostrando-se capaz em uma idade em que se esperava uma simpatia e modéstia desta má fé que o Novo Mundo tinha prometido derrubar. Apesar das reações virulentas, o novo detentor de armas do partido presidencial, como se desamarrado de todo o superego, coroado por esta nova celebridade da televisão, não hesitaria em licitar mais alto nos meses seguintes, até que se tornasse o arauto da maioria durante o caso Benalla, então tornou-se o detentor de armas do governo quando os coletes amarelos fariam tremer Emmanuel Macron. Mas de onde veio essa canalização e esse sentar-se que nada parecia vir para alimentar o fundo?

*

Contar esta história desta ascensão sem matéria - Sr. Attal, como veremos, nunca tendo se distinguido a não ser pela sua capacidade de defender a ordem existente - é contar a história de uma dessas produções cooptadoras que esvaziaram o nosso país. Trata-se de compreender como chegámos a odiar um sistema que era suposto representar-nos e que acabou por defender apenas os seus próprios interesses. O ser em questão é

24 21 de abril de 2018, https://www.youtube.com/watch?v=j9gvmwVPzd0

insignificante, como a maioria dos executivos da Macronia. Mas essa insignificância é uma questão de substância quando coloniza o Estado e suas instituições. Através da ascensão desse indivíduo, ele se expõe e descobre como o sistema faz seus soldados.

*

Os crimes têm sempre os seus lugares, e aquele em que o nosso sujeito nasceu não é insignificante. Localizada no sexto arrondissement de Paris, a École Alsacienne é dirigida por um gentil homem de direita, Pierre de Panafieu. Durante a margem esquerda de Franklin - onde Brigitte Macron ensinou -, Sainte-Dominique e a escola bilingue, o *alsaciano* é um lugar de reprodução e propulsão dos herdeiros da *intelligentsia* cultural *de* Paris, aos quais se somam, no decurso das promoções, alguns adicionais provenientes dos espaços políticos, económicos e diplomáticos do nosso país. Sob contrato com o Estado, a escola tem controle absoluto sobre os processos de seleção de seus alunos e professores, e não está sujeita a quaisquer cotas geográficas ou econômicas. Desta forma, podemos reproduzir e socializar sem medo de contaminação.

Ao contrário de muitas instituições, o objetivo assumido é o da "emancipação" de seus filhos. Em Paris, a competição, sem ser feroz, é importante entre estas instituições responsáveis por capturar e impulsionar os legados das mais belas famílias do país, e cada uma procura encontrar o seu nicho. Enquanto as cidades provinciais estão mais frequentemente equipadas com uma ou duas instituições de referência - La Providence em Amiens, Fermat em Toulouse, etc. - a luta é mais intensa numa capital onde o número de legados a preservar está a aumentar.

Assim, a poucos passos de onde o Sr. Attal foi para a escola, Stanislas reivindicou uma disciplina rigorosa alimentada por uma tradição católica ultrapassada, enquanto Notre-Dame-de-Sion reivindicou os herdeiros mais irrecuperáveis, cuidando de levá-los a um porto seguro, *cahincaha, em outras* palavras, um grau mínimo que não envergonharia a sociedade. Um pouco mais à frente, no Oeste de Paris, Saint Dominique luta ferozmente com Saint-Louis de Gonzague e o bilingue, mas também através da fronteira com a Charles-de-Gaulle High

School em Londres, para recuperar as grandes linhas das burguesias financeiras e da nobreza histórica, sob o olhar atento de Janson-de-Sailly, que conseguiu fazê-lo, juntamente com algumas outras escolas secundárias públicas, incluindo Saint-Louis, que destacaram a sua excelência científica, em fazer frente a estes lugares de reprodução social, atraindo o mais brilhante dos rapazes do 16º arrondissement. Em outros lugares, alguns lugares, como o Lycée de la légion de l'honneur, completam um quadro incompleto por necessidade.

O alsaciano, inserido neste ecossistema, teve que lutar para ocupar o lugar privilegiado que ocupa hoje. Não se trata apenas de sobreviver à concorrência de outras escolas privadas, que mantêm cuidadosamente as suas reputações, encerrando os seus alunos com um sentido narrativo e tradições ultrapassadas para encantar os pais em busca de distinção. Mas também para resistir à radiação solar de Henri IV e Louis-Le-Grand, que, a poucos quarteirões da rue Notre-Dame-des-Champs onde está localizado o alsaciano, são insolentes para as escolas de todo o país, contando com regulamentos depreciativos que são tão injustos quanto tranquilizadores, atraindo os melhores alunos e professores do país. Finalmente, há as escolas secundárias menos impressionantes, mas que, de Montaigne a Duruy, passando por Lavoisier e Fénelon, sabem oferecer a poucos passos uma formação de qualidade incomparável à do resto do país, que o funcionamento em forma de funil do sistema educativo nacional facilmente garante, atraindo professores no final das suas carreiras para alunos que dominam todos os códigos necessários ao sucesso do nosso sistema escolar, começando com uma afinidade natural por programas escolares concebidos pelos seus pares e para o seu único propósito.

Sobreviver e distinguir-se em tal ambiente é um desafio. O alsaciano teve êxito, em primeiro lugar, por causa da sua extraordinária localização, na confluência do quinto, sexto e décimo quarto distritos. Nos picos do Port-Royal, entre as ruas de Assas e Notre-Dame des Champs, a poucos minutos a pé da École normale supérieure, les Sorbonnes et Assas, localizada em uma das ruas mais caras e tranquilas da França, a escola oferece aos seus alunos um ambiente seguro e fácil de alcançar por

vários meios de transporte, cercado por lojas, bibliotecas e várias instituições, em frente a um jardim no Luxemburgo onde é bom para descansar. Oferecendo a possibilidade de fazer ali toda a sua escolaridade, desde o terceiro ano do jardim de infância até o último ano do ensino médio, a escola certamente afunda pela ausência de *preparação, pelo* nome dessas classes de pós-bacharelado reservadas *de fato* aos mais ricos da República, alimentadas por meios que dobram as das universidades e garantem aos herdeiros da burguesia, senão o acesso às escolas - ainda sobrefinanciadas, pelo menos a possibilidade de estender seus estudos por dois anos em um ambiente fora do mundo, a fim de se dotarem dos códigos necessários para sua plena integração na sociedade.

Esta é uma falha que, de algum modo, degrada a reputação de uma instituição que também tem todos os recursos para dominar esses mundos. Nestes lugares onde na maioria das vezes nunca saímos dos belos bairros, não é surpreendente ouvir este ou aquele estudante dizer, nos arredores do liceu, que nunca conheceu "os subúrbios". Embora não seja *primus inter pares, a* escola, no entanto, garante 100% de sucesso no bacharelado geral aos seus alunos, bem como a grande maioria das menções. Sabendo que não podia competir com os estabelecimentos do montagne Sainte-Geneviève, preferiu gargarejar com uma reputação humanista e liberal que perpetuou cultivando um eu sufocante que encontrou seu auge no início de 2010, com o suicídio por defenestração do sexto andar da escola, de um de seus alunos. Como todas as escolas "contratadas", financia os seus professores através de impostos e contenta-se em cobrar um dízimo modesto aos pais dos alunos, de cerca de 2700 euros por ano, para organizar a vida em comum.

*

A seleção na entrada é rigorosa, e as genealogias e patrocínios são tão importantes quanto os resultados acadêmicos. Um exame e um estudo do arquivo são necessários a partir da sexta série em diante, a fim de conter as promoções de cerca de duzentos alunos. Perfeitamente assumida, a cooptação reina suprema, atribuindo lugares prioritários a qualquer um que já

tenha frequentado a escola. Como as exclusões e repetições são raras, são prontamente substituídas.

A partir da sexta série, uma viagem é organizada para reunir todas as classes e criar uma sensação de autoconfiança que logo se satura. Em primeiro lugar, a Alsácia é, evidentemente, um tributo aos fundadores protestantes, cuja cultura é assim elogiada. Mas o mito assume toda a sua dimensão na quinta série, com a *Viagem a Roma* e os seus bobs vermelhos, que são depois alargados pelas competições desportivas "desafiantes", na quarta série, Florença na segunda série, e finalmente uma viagem auto-organizada na primeira série. Na ausência de uma exigência educativa demasiado elevada, tudo é feito para promover o mais rapidamente possível um sentido de pertença que permita forjar laços de solidariedade indestrutíveis e reivindicáveis ao longo da vida. Tudo é feito para que nestes lugares não se possam fazer maus encontros e para que todos saibam sentir-se endividados e respeitosos de quem lhes foi imposto desde tenra idade. Acima de tudo, tudo é feito para garantir que ninguém possa criar tensão por causa da sua filiação social, e que qualquer questionamento da ordem existente possa, portanto, ter lugar. Os maiores herdeiros da França freqüentam alguns *ressaltos* raros no décimo primeiro arrondissement, cuja diferença de classe pode ser claramente sentida, mas que nos recusamos a estigmatizar.

Como tal, a escola, juntamente com outras, desempenha um papel fundamental na endogamia das nossas elites e na garantia de que os seus privilégios nunca serão questionados. Diferenças de fortunas e status não impedem, é claro, a multiplicação de castas com status diferentes dentro deste microcosmo. Mas também aqui, porém, se trata de habituarmo-nos à distinção e torná-las naturais, a fim de encorajar a aprendizagem da obediência e da dominação, que então continuará.

Enquanto o número médio de classes nas classes é de seis, as que estão na escola desde a terceira série do jardim de infância beneficiam de proteção e de uma inegável vantagem comparativa, formando uma verdadeira solidariedade de corpos que vai muito além dos diferentes status que a infância e a adolescência sabem criar. O acesso aos vários grupos que se formaram ao longo dos anos é regulado por uma miríade

de critérios que combinam recursos económicos e a capacidade de reproduzir os códigos e cânones estéticos da época. A cantina, onde se encontram todas as misturas, foi rapidamente substituída pelos vários restaurantes da zona circundante, neste bairro latino muito caro onde as distinções foram sendo gradualmente estabelecidas. No coração da reprodução das elites, não brincamos com processos de integração que mais tarde levarão os estudantes que perderam as competições das grandes écoles a encontrar companhia nos provinciais que *se integraram*, esperando que o seu atraso seja apanhado por casamentos ou procedimentos de ponte inicialmente criados para os mais desfavorecidos e agora colonizados pelos mesmos herdeiros, depois de um passeio por Assas, uma faculdade estrangeira ou uma escola de cinema.

Aqueles que completaram todos os seus estudos neste pequeno paraíso de paz onde a diversidade social é inexistente e a relação com o mundo virtualizado tem, desde cedo, uma imensa vantagem comparativa sobre o resto da população. E essa vantagem, que é desprovida de substância e consiste no domínio dos códigos, redes e hábitos sociais que regem o eu parisiense, eles não hesitam em mobilizá-la. Príncipes de uma escola onde as hierarquias são constituídas por antiguidade, tendo precedência sobre as novas coortes que chegam na sexta série, e sobre todos aqueles que, isolados, terão que percorrer passo a passo por causa de uma tarefa intermediária, na entrada do ensino médio ou em uma classe de transição, os recém-chegados têm uma vantagem adicional, ocupando em seu ambiente social e desde sua primeira infância uma dessas posições privilegiadas que, através de laços antigos e da acumulação de informações sobre seus pares, garantirão sua integração dentro do gotha.

Teremos adivinhado a que categoria pertencia o Sr. Attal.

*

Se a escola republicana continuar, de forma nobre e valente, mas ainda menos credível, a apresentar a objetividade de seus

critérios de avaliação para reivindicar a igualdade de seus participantes, a realidade social permanece, para permanecer modesta, mais matizada. Muito rapidamente, como em qualquer outro lugar, o capital social, económico e simbólico que todos devem contribuir é distribuído e partilhado. Do discurso público ao mais fino conhecimento, das grandes propriedades às diversas redes, o playground rapidamente se transforma em um enorme espaço comercial onde o inconsciente e o não dito reinam por toda parte, e a aparência de normalidade com ele. Este é o milagre dos dispositivos reprodutivos: mascarar sua excepcionalidade e fazer com que seus participantes acreditem que a juventude ajuda em sua ingenuidade, que eles não se encontram em nenhuma forma favorecida.

Na única classe de 2007, de onde virá Gabriel Attal, pode ser encontrada a neta de Valérie Giscard d'Estaing e filha do CEO do Club Med, do CEO da Archos, também irmã do futuro chefe da Uber France, um dos herdeiros de Seydoux, os irmãos dos produtores de filmes Godot, os herdeiros distantes de um certo general de Hauteclocque, as grandes linhagens de Gallard e Lastours, a filha do proprietário da imprensa Bernard Zekri e a do fundador de A.P.C Jean Touitou, neto do "chefe dos bancos", Michel Pébereau, filha do presidente da Universidade Americana de Paris Gerardo Della Paolera e assim por diante. Os principais executivos das empresas CAC40, advogados e outros altos funcionários da UNESCO, o filho do diretor do Henri IV e uma pequena minoria de descendentes dos chamados artistas trabalhadores, professores e classes intelectuais completaram um ambiente que foi naturalmente enriquecido pelas promoções circundantes: Olivennes, Bussereau, Breton e outros nomes patronímicos de ministros e homens e mulheres todo-poderosos estão, como todos eles e com a possível exceção de Huppert e Scott-Thomas, também presentes, nomes aos quais, na banalidade do eu interior, ninguém mais presta atenção.

É necessário conceber o que a ilusão meritocrática faz para mascarar essa extraordinária concentração de riqueza e privilégio que deixa as classes de outras escolas secundárias igualmente despovoadas, promovendo processos de habituação

ao poder, mas supostamente sem produzir qualquer efeito no futuro do destino. A poucos quilómetros de distância, uma escola teoricamente equipada com os mesmos recursos dificilmente alcançará cinquenta por cento de sucesso no bacharelato geral por grupo etário, mas professores e alunos terão de ser levados a acreditar que esta diferença se deve a uma diferença de capacidades. Devemos medir quão cegos nos achamos para acreditar que haveria nessa imensa violência natural, e não alguma expressão de um sistema oligárquico obcecado com a reprodução da mesma e preocupado com alguma forma de estranheza surgindo.
A extrema concentração de capital social, econômico e cultural nesses lugares cria um ambiente de vozes não ditas, onde qualquer consideração explícita das origens é equiparada a uma observação sobre orientação sexual ou afiliação religiosa e, portanto, estritamente censurada. Da mesma forma que o anti-semitismo, a homofobia ou a expressão de qualquer racismo, a exibição de uma distinção de classe demasiado visível é imediatamente derrotada, em nome de uma "convivência" destinada a alimentar o seu próprio mito e a criar uma bolha que o isole do resto da população.

Como já adivinhámos, as linhas de demarcação são ainda mais violentas na sua natureza subjacente, e é fácil excluir aqueles que não dispõem de capital económico ou cultural suficiente, enquanto as cores das peles, as origens sociais e religiosas e os cursos de vida se revelam numa singular uniformidade. Só aqui e ali, em algumas promoções, podemos encontrar o filho adotivo de um grande chefe do CAC40 que se afastaria da regra, fazendo virtual todos os debates de identidade que acontecem no resto do país, tanto quanto o resto do seu ambiente permanece protegido. O vaso fechado reforça a homogeneidade crescente dos bairros circundantes, com o eu interior da escola a aderir cada vez mais ao de uma sociedade em processo de balcanização. Ao mesmo tempo, as expressões de violência reentrada, sejam suicídios ou actos de autodestruição, multiplicam-se, uma contrapartida natural à exigência de aparências imaculadas, silenciando qualquer visibilidade de uma diferença demasiado marcada.

*

Teremos compreendido isto, Sr. Attal, que ainda é chamado Gabriel nestes lugares, vem destes mundos, e em particular da nebulosa que, desde o jardim de infância, foi educada ali, e que, dentro deste mundo, está entre os mais ricos. A acumulação de capital social, económico e simbólico que estes anos de formação lhe oferecerão constituirá o combustível para uma ascensão expressa que lhe permitirá ser rapidamente cooptado pelas elites políticas em busca de infantaria, sem nunca ter de produzir ou demonstrar nada, por simples efeito reprodutivo. Numa sociedade ultra-hierárquica, onde as elites têm um monopólio simbólico baseado no seu controlo da aparência e visibilidade, Attal será naturalmente integrado, mostrando a sua capacidade de jogar códigos, de *aparecer bem* e de imitar os comportamentos burgueses que no resto da sociedade têm sido inconscientemente integrados como sendo os mais elevados.

Atravessando a violência produzida por esses ambientes sem nunca entrar em colapso, tendo todos os recursos que a elite pode oferecer, Attal contará para isso com os recursos mobilizados nesse ambiente ideal que lhe permitirá, muito jovem, enfrentar aqueles que, com várias décadas de idade, às vezes os mais velhos, ainda têm um caminho que não consegue igualar.

*

Devemos medir a garantia, a certeza de ser único e particular que o sucesso oferece num sistema cego à sua violência e injustiça, tendo-o colocado até agora sob o alqueire que alimenta uma das sociedades mais rígidas e rígidas sem que ninguém pense, a não ser intuitivamente para o desafiar. A capacidade desses lugares de conformação de fazê-lo acreditar em sua própria qualidade se você aderir a seus dogmas é tal que se torna difícil, quando você nunca é confrontado com outros ambientes - e tudo é organizado para esse fim - não acreditar nessas fábulas, e não considerar como seus os sucessos de um sistema que só o carregou.

A ideologia republicana está a revelar-se prejudicial a este respeito, levando as pessoas a acreditar, através da suposta universalidade objectivadora do bacharelato e das suas

competições, que haveria sucesso na glória individual [25]- onde o sistema se contenta em fazer de si um soldado ao seu serviço, uma vitória sobre toda a sociedade - onde apenas foi organizada a concorrência entre pessoas bem nascidas. As estatísticas mais ferozes mostrando até que ponto a educação nacional se tornou uma máquina de esmagamento nunca serão suficientes para convencer aqueles que foram sagrados pelo sistema, e *a fortiori os* poucos que, vindo dos mais modestos antecedentes, serão apresentados para demonstrar "que é possível escapar impune", tornando-se por vezes, por ignorância e com renovado fervor, os defensores de um sistema que esmaga o seu, mas que lhes permitia distinguir-se e distanciar-se da miséria que os rodeava - sacrificando por isso tudo o que constituía a sua identidade.

Longe da angústia ou da prevenção que a acumulação de privilégios às vezes gera nos seres mais ocupados, Gabriel Attal pôde contar com esse capital inicial para se tornar o soldado incondicional de uma ordem que, no entanto, estava impregnada de injustiça e violência, defendendo o sistema que o coroou. A sua nomeação, para um Ministro da Educação cujas políticas rançosas visam reforçar ainda mais as desigualdades produzidas pela nossa educação nacional, depois de ter defendido uma reforma de violência insignificante para uma grande parte da juventude da população, não é o resultado de qualquer hipótese - e seria bastante ingénuo protestar contra o facto de este indivíduo que nunca conheceu nem a universidade nem a escola pública ter de as regular hoje em dia.

*

A *naturalidade do* ambiente escolar e as especificidades do seu ambiente social são objeto de constante negação por parte desses ingressantes, que visa naturalizar os mecanismos de reprodução social que os consagram e a violência produzida por um sistema econômico onde tudo é feito para proteger os mais privilegiados. Lugar de todas as contradições de uma esquerda burguesa que afirma estar ligada à ideia

25 Neste, Gabriel Attal e Edouard Louis - o exato reverso do último - formam dois lados da mesma medalha declinante de colapso significativo para o nosso tempo e nossa civilização, cada um clamando por conformação.

republicana, mas que se recusa a misturar os seus filhos com os do plebe, o alsaciano é talvez o exemplo mais emblemático dos abusos do nosso sistema, naturalmente produtores, para além de uma grande e medíocre conformidade, um pensamento de direita que se ignora a si próprio, convencido do seu bom direito, tão cego pelo seu isolamento do resto da sociedade, convencido de que pertence aos campos do progresso, defendendo ideias que não ameaçam de modo algum os seus interesses.

Não é de estranhar, portanto, que ela tenha dado à luz um dos mais notórios bebês Macron, como havia feito algum tempo antes de um certo Stanislas Guérini.

Vamos agora focar-nos mais especificamente no objecto do nosso pensamento. Gabriel Attal desempenhou um papel especial neste sistema. O mais velho de um irmão do advogado e produtor Yves Attal, ele muito cedo adoptou um comportamento de classe mais habitual nas grandes escolas secundárias da margem direita, onde o desprezo e a confiança da classe são o sistema, do que no alsaciano, onde o vimos, a propriedade evita qualquer exagero.

No estilo alsaciano, a precariedade de muitas das heranças econômicas, fruto da ascensão das classes burguesas ou cujo objetivo é reproduzir e assentar, na maioria das vezes encoraja a modéstia e a prudência, uma forma de urbanidade impregnada de valores e uma "convivência" que Attal, desde o início, rejeitará veementemente. Integrado na escola a partir do jardim de infância, beneficia de um dos mais importantes ativos econômicos da instituição e de um capital cultural e social que é acoplado com as desordens que os desertores de classe às vezes deixam seus filhos. Seu pai, que faleceu em 2015, fundou seu sucesso ao se tornar parte de um sistema que fez dos advogados de negócios a regra durante a década de 1980, ao qual ele se prestou com grande alegria ao fundar uma empresa que o levou a cuidar dos patrimônios e assuntos de artistas ricos. Alimentado pela evolução de um meio que, no final da década, fez dinheiro rei e deu origem às primeiras dinastias culturais de Paris - pela graça de generosas políticas culturais inauguradas sob a direção de Jack Lang e destinadas a dar ao Mitterrandie e à esquerda em geral um novo apoio entre as elites parisienses -

Yves Attal rapidamente compreendeu o que a diversificação das fontes de financiamento do cinema francês poderia trazer-lhe. Em uma carreira caótica e mundana, depois de ter construído uma importante rede através de sua firma, aproximou-se da indústria cinematográfica, criando um certo número de financiamentos para filmes de autor, antes de ser recrutado, com um salário milionário, por Francis Bouygues, para participar da louca aventura de Ciby 2000, da qual se tornou, no início dos anos 90, vice-presidente e pilar burocrático efêmero.

É necessário medir a importância à medida que o personagem, ainda desconhecido ontem, assume as elites parisienses. Sob a capa de produtores lendários como Daniel Toscan du Plantier, que deveria trazer um livro de endereços substancial, incluindo o diretor Wim Wenders, para uma sociedade que não ouve muito sobre arte, Yves Attal, participa de uma das histórias mais lendárias e rapidamente fracassadas do cinema francês: a implementação de um plano de produção que consiste em gastar quase 800 milhões de francos da época com os mais exigentes diretores e escritores. Enquanto Martin Bouygues tomou conta do império familiar, foi nada menos que o próprio Francis Bouygues que decidiu dedicar-se de corpo e alma a esta companhia. Rodeado pelos melhores produtores e diretores do continente, ele está empenhado em reinventar o sistema de produção que supostamente faz parte de Hollywood e proporcionar ao continente uma produção que finalmente corresponda às suas ambições globais. Tudo o que toca direta ou indiretamente neste novo padrinho do cinema francês é imediatamente dedicado. Líderes de toda a Europa estão a apressar-se para que os seus líderes façam milhões. A vaidade reina suprema em uma aventura sem estruturas nem pensamento, que marca o acasalamento das elites culturais da margem esquerda com uma das maiores linhagens da capital no Ocidente e sua imensa herança financeira, sob o olhar benevolente de um socialismo em declínio.

No entanto, o caso vai ficar rapidamente curto. Enquanto Attal acaba de ser nomeado, a direita volta ao poder e Francis Bouygues, que está doente, dá as chaves da nova estrutura de produção a Jean-Claude Fleury, este último toma o poder e empurra Yves Attal a renunciar. Este, sem uma verdadeira relação com a indústria e seus autores, tomado por uma

ambição que acabou por consumi-lo, mal consagrado, encontra-se humilhado e forçado a se recuperar, mesmo quando estava filmando no dia anterior o mais próximo possível do novo sol de Paris.

Este primeiro fracasso seguir-se-á a um segundo, ainda mais doloroso, dentro da UGC Images, onde Yves Attal pensa ter recuperado, tornando-se um dos links responsáveis pela montagem dos projectos liderados pelo lendário produtor inglês Jeremy Thomas. Encarregado de administrar um maná de dinheiro que flui livremente, o extravagante burocrata sem idéias é rapidamente varrido pelas andanças do sucesso, mulheres, drogas e adrenalina acompanhando saltos e saltos cujo significado ele luta para captar, até cair em um vício de heroína que nunca o deixará. Em poucos anos, o fracasso instalou-se, desta vez moroso e definitivo, e longe das chamas do passado, Yves Attal teve de enfrentar o colapso. As queimaduras nascidas do contato de um mundo que ele não entendeu nunca desaparecerão. Apesar do sucesso económico deslumbrante, o fracasso social é maciço. Gabriel, matriculado no auge da carreira de seu pai na Escola Alsaciana, vai passar seus estudos tentando esconder a violenta torção infligida por esse caminho em sua estrutura familiar, mantendo seus pares e terceiros em desprezo pela raiva, tratando qualquer um que o ameace com violência insignificante para se proteger. Traumatizada pelo abandono de um espaço interior onde a mãe, descendente de um dos ramos mais prestigiados da aristocracia angevinista que ele nunca deixa de reivindicar, se deve contra todas as expectativas de assumir o comando do pai e manter viva uma união que deveria ter consagrado uma dessas grandes alianças entre fortuna e nobreza e que agora arrisca tirar sua família, seu ramo e seus filhos, o filho procura se reivindicar.

Isso permite compreender o que constituirá tanto a singularidade quanto a vulnerabilidade de nosso imigrante, projetado em um mundo que já não lhe pertence inteiramente, tornar-se herdeiro de um pai sem um papel, ele próprio convencido de sua inanidade, e tendo-lhe sido roubado um destino real por uma autoridade paterna que, esmagado por sua amargura e pelo fracasso que o acompanhou, o fará viver num

inferno onde a felicidade e a soberania, ele considera, lhe deveriam ter sido concedidas.

Singularidade e não só vulnerabilidade, porque a Escola Alsaciana é um lugar ideal para escapar, mesmo para ser propulsionada, quando se tem grande riqueza financeira e se pode reclamar uma base nobre abrindo as portas dos maiores comícios, desde que se esteja preparado para alguns pequenos negócios para conceder a própria quota de capital e misturá-la.

Isso é o que o jovem Gabriel fará rapidamente com a ajuda de seu primo e do ramo aristocrático de sua família - também aqui educado. Afirmando as suas origens reais e ligações com a maior aristocracia russa, rodeando-se desde muito cedo de uma pequena corte, que incluiria entre os seus entusiastas os herdeiros das famílias Touitou e Olivença, mas também seres mais frágeis e expostos dentro da Alsácia porque carecem do apoio que outros continuam a exigir, alternando entre as grandes socialidades e o esmagamento das suas vítimas do momento, seduzindo a herdeira Giscard a ponto de ser convidada para o seu domínio e cortejar o seu ídolo do momento Valérie, antes de se mostrar orgulhosa ao lado das herdeiras Clarins diante da escola secundária adjacente de Victor Duruy - um lugar onde as elites do sétimo arrondissement reproduzem onde ele não hesita em fazer o pé da grua - Attal parece alternar entre júbilo e fúria, lutando contra um mundo que corre o risco, ele acredita, de expulsá-lo a qualquer momento.

*

O desconforto empurra para a distinção, e explica por que Attal, ao contrário da maioria de suas criaturas semelhantes, não afundará na insignificância mais total, uma vez que ele deixa esse turbilhão, e continuará a tentar construir um destino para si mesmo. Apesar de uma acumulação de capital tal que, em qualquer sistema saudável, a concorrência e a estimulação benéficas teriam levado não só os participantes, mas também a sociedade no seu conjunto, a beneficiar, o

Alsaciano encoraja o conforto e a instalação. Isso não pode ser culpado por o ter evitado.

Em um lugar onde a política é assunto de todos, e a formação de um juízo é uma necessidade, os debates sobre a constituição europeia e o conflito israelo-palestiniano animam as últimas classes do ensino médio e as primeiras classes do ensino médio. O jovem Gabriel disse então que tinha o direito de reclamar. A força da sua afirmação política e social contrasta paradoxalmente com um mundo no qual as pessoas se orgulham de se interessar pelas coisas do mundo, mas no qual a própria herdeira Giscard tem opiniões distintas com contenção. Reivindicando um sarkozyism flamboyant - onde todos desprezam este homem pushy que não tem nenhum dos códigos de sua sociedade - o adolescente jovem já está mostrando um morgue assumido, gripped por um espírito do vindictiveness sério que ele nunca desistirá. O desprezo por seus semelhantes só é silenciado quando ele enfrenta o herdeiro de uma grande família, a quem ele então se vê tentando seduzir. Em uma escola onde a dominação é construída silenciosamente, o ser faz um grande barulho. A urgência da distinção parece impor-lhe o excesso, e o excesso de exigência de uma facilidade material e social que fundamentaria suas escolhas surpreende em um ambiente onde ninguém poderia reclamar da falta e, portanto, teria interesse em tentar desta forma se distinguir.

Como qualquer escola de elite, o Alsaciano é um lugar cruel para aqueles que não têm as chaves. Algumas *pessoas de fora*, geralmente recrutadas para o seu excelente registo académico ou numa aula de música destinada a atrair talentos externos, são na maioria das vezes o resultado de campanhas de ostracismo orquestradas pelos mais integrados**. Para** eles, cujas roupas, nome, sotaque ou outros pequenos gestos traem o habitus de uma origem social, cultural ou económica diferenciada, são as medidas de exclusão mais óbvias, que só serão resolvidas no final do ensino secundário. Formando um plebiscito minoritário e paradoxal que desperta indiferença na melhor das hipóteses, na maioria das vezes ridiculariza e luta para organizar sua subsistência construindo suas próprias comunidades, aqueles que amanhã terão os destinos mais

interessantes são humilhados nessas terras quando procuram se distinguir, e muitas vezes escolhem uma discrição que lhes é ensinada a respeitar. Longe de ser o lugar onde os herdeiros da meritocracia republicana são acolhidos, nem aqueles que se distinguiram em campos que exigem auto-sacrifício e talento, *Scola Alsatica* valoriza acima de tudo a integração no mundo existente. O gênio é raro, a distinção domina e, portanto, favorece esmagadoramente aqueles que se contentam em se comportar como herdeiros de uma reprodução social consistente.

*

Nessas escolas de poder que rima necessariamente com crueldade, não é incomum que surjam danos colaterais significativos, revelando a extensão do poder concentrado nas mãos de poucos. Com outras cabeças fortes, a turma do segundo ano de Gabriel Attal obtém assim o escalpe de nada menos que três professores, num jogo de massacre que parece não ter fim. Devido a uma pobre mistura de estudantes que são despejados lá, o ano se transforma em um desastre, empurrando o professor da SES para a aposentadoria precoce, e os professores substitutos de francês e biologia para serem levados para o *burnout*, em uma atmosfera de gozo e clamor generalizado*. A* acumulação de privilégios, as facilidades oferecidas pela sua *formação* cultural, a endogamia absoluta e a ausência de questões académicas contribuem para um clima de guerra de classes impossível de gerir pela própria escola, uma vez que os alunos estão demasiado conscientes da sua superioridade sobre os seus supervisores e professores. Os mais frágeis destes últimos, que, longe das questões nobres ou de uma origem social estabelecida, apenas passam ou não dominam os códigos de uma burguesia agressiva, caem imediatamente na armadilha dos estudantes apoiados por aqueles que até então eram martirizados, e que encontram na revolta contra os defensores da ordem uma saída inesperada que os esmaga. A aliança é estranha, mas funciona em plena capacidade. Ela também revela a extensão dos infortúnios privados de estudantes reduzidos a desabafar no espaço da escola. Porque por detrás da acumulação de privilégios estão frequentemente escondidas situações de extrema deserdação familiar, onde a ambição

frenética se desintegra e desumaniza através de marchas forçadas.

A falta de adesão da superestrutura da escola aos cânones do desempenho republicano enfraquece ainda mais os bons alunos e professores que, se escolhidos pela administração, não são protegidos, como em Henrique IV ou em outro lugar, pelo prestígio de sua instituição, cuja preservação justifica mecanismos de controle que não existem aqui. Ao contrário do que prevalece nas grandes escolas do montagne Sainte-Geneviève, a École normale supérieure é, por exemplo, um nome desconhecido de todos, porque não corresponde a nenhum dos vetores de legitimação esperados. Se a SciencesPo, a HEC e por vezes a Assas ou mesmo a politécnica podem fazer com que os estudantes se apaixonem - tanto que todos parecem ser os garantes de uma reprodução social bem sucedida - é muito mais comparando as suas segundas casas, as calças de ganga a diesel com as da moda ou as noites que começam a misturar as melhores da escola com as das escolas secundárias de Paris Ocidental que as discussões se destinam.

É tudo uma questão de reconhecimento social, e nada passa pelo conteúdo. A este respeito, a escola é uma preparação perfeita para o que nossa sociedade se tornará, onde apenas os indivíduos selecionados por sua capacidade de manter a aparência de dominação, seus hábitos e costumes, e de forma alguma pela sua capacidade de produzir qualquer substância, sucesso. Demonstrar coragem, sacrificar-se em nome de uma ideia, até comprometer-se são noções nestes lugares excêntricos. Bandas de rock financiadas pelos pais e transmitidas no espaço mediático pelos seus amigos, de que o *Second Sex foi ao mesmo tempo* o exemplo mais bem sucedido - e, pela sua mediocridade abismal, mais sintomáticas - criar contra-hierarquias espectaculares que permitam à escola brilhar e aos seus participantes quebrar a impressão de pertencer a um espaço de segunda categoria dentro da oligarquia parisiense, visando o capital económico e social das elites da margem direita e o monopólio "meritocrático" e cultural das grandes instituições do 5º distrito.

Não é de surpreender que uma das poucas pessoas que se distinguiu com bastante antecedência na mesma promoção

que Gabriel Attal seja a cantora de variedades Joyce Jonathan, efêmera impulsionada para as *paradas* graças a uma mistura inteligente de conformidade e fundação social que produzirá uma série de carreiras menos impressionantes, mas igualmente estabelecidas, para muitos de seus colegas criadores.

O negócio não é ideal para Attal, que deve distinguir-se para *sobreviver* e não ser apenas um herdeiro. Abraçado pela prioridade dada pela escola ao "desenvolvimento estudantil" sobre o sucesso acadêmico, que atrai tantos pais que querem inscrever seus filhos nesses lugares, ele luta para quebrar o *status quo* sem nunca conseguir, alimentando ciclos de frustração que rapidamente levam a um mau discurso político. A especificidade de um estabelecimento onde o sucesso acadêmico tornou-se secundário para os herdeiros de um sistema onde basta obter resultados médios para legitimar a reprodução social perturba esse ser, que deve absolutamente distinguir-se nesse espaço, alcançar e aproveitar as oportunidades sociais que lhe são oferecidas dentro do estabelecimento. No entanto, a aparência meritocrática garantindo sucesso sem esforço em uma sociedade onde a coisa intelectual é completamente desvalorizada, poucos ou nenhuns pesquisadores, grandes cientistas ou intelectuais, industriais e jornalistas saem de uma instituição encarregada de instalar em vez de exigir. Estando garantido o seu conforto económico, Attal escolherá a política muito cedo e fará tudo o que estiver ao seu alcance para a resolver.

Atravessando esses ambientes vorazes, esquivando-se dos lixões de álcool e drogas que surgiram no século IV em noites deglíngues, Attal traçou assim, à custa de muitos compromissos, um destino que levava à mais tenra idade no coração de um governo muito específico.

A Macronia, necessitando de jovens executivos que aderissem como o presidente ao sistema existente sem levar nada além de uma ambição mais perfeita de conformação, era o cenário ideal para esse jovem que tinha que fazer o mais rápido possível, e que não queria sacrificar nada por isso, nem colocar em perigo um sistema no qual ele se encontrava, *nolens volens,* certamente aborrecido, mas protegido.

A luta por uma integração feroz que permita todos os golpes na Alsácia prefigura o que dominará os pequenos círculos parisienses quando a idade adulta for atingida. Como um playground que se tornou um local de treinamento, a escola tem todas as características dos poderes que esperam seus membros em seu futuro e torna possível se preparar para eles com confiança, inclusive na reprodução de todas as suas deficiências. Só olhamos um para o outro e nos distinguimos lá pela aparência. Cadinho ideal para uma sociedade midiática onde a política infundada de um poder delirantemente conformista se impôs sem nenhuma disputa, será o local para todo o treinamento de Attal. Em uma época em que a afirmação de sua suficiência em uma linguagem e comportamento correspondentes aos códigos de uma certa elite é suficiente sem ter comprometido nada de sua vida a ser eleito presidente antes dos quarenta anos de idade, os meninos alsacianos têm esta pequena coisa além disso - neste caso, um membro precário da família que mobilizará corpo e alma para pressionar seu filho a recomprar os fracassos de seus anciãos - gozam de uma vantagem irrecuperável para quem mais tarde tentaria competir com eles. onde os estudantes de Henri IV e algumas outras escolas devem esgotar-se para mostrar seu talento para integrar as melhores grandes écoles, é suficiente para que o alsaciano seja galante.

*

Resta ainda provocar a sua oportunidade e não dar conteúdo às suas ambições, para não falar do compromisso, de explorar as oportunidades que são oferecidas. Pois se Attal é um dos mais ambiciosos de um espaço social onde dominam o contentamento e a saturação de privilégios, ele ainda precisa se destacar, e suas provocações, que serão tão frutíferas no espaço midiático, ainda faltam dentro das pequenas esferas para consagrá-lo.

Assim, por essas misturas que o inconsciente e os determinismos sociais despertam, uma das meninas do ensino médio da escola estranhamente atrairá sua atenção quando seu destino começar a se preparar. Alexandra R., neta de Alain Touraine, é sobretudo filha de Marisol Touraine, uma figura

hierárquica socialista proeminente. Uma trotskista que despreza os traidores sociais da escola e seus pares, Alexandra, que terminará em HEC, encontra-se relativamente isolada em um mundo cujas fronteiras ela percebe sem saber como contorná-las, e está fascinada pela atenção que lhe é dada subitamente por um de seus mais flamboyantes acólitos. De repente, apanhada no vício que muitas vezes se forma em famílias muito grandes - sua mãe mascarou sua pertença à grande aristocracia com a remoção de sua partícula, e seu pai é um dos diplomatas mais poderosos do país -; presa dos distúrbios alimentados pelas famílias resultantes das ligações entre mulheres e homens de poder, Alexandra é absorvida por esse menino com os caminhos de um jovem primeiro que está prestes a se tornar, como muitos de seus pares, por puro efeito de classe, um bom aluno no início do bacharelado. Seduzida por seu excesso e seu gosto pela transgressão, que ecoam a estranha rebelião que sua rejeição por este *estabelecimento* provoca nela, mas também pela facilidade com que demonstra nestes lugares onde se sente desprezada, Alexandra se deixa envolver e a introduz, a seu pedido, em seu círculo familiar, oferecendo-lhe as chaves de sua futura ascensão. A retórica de direita de Attal dura, sua violenta rejeição das conivências que ele não hesita em cantar, e que está tão longe da sua, logo se suavizará. Alexandra se apaixona pelas máscaras que lhe são oferecidas e pela aparente capacidade de se convencer de que Attal, de maneira sutil, a faz gritar.

É nesse caminho, que mistura companhia feliz, encontros sociais e pré-classificações em grandes propriedades, que ocorre um desses eventos, que pode surpreender quem não conhece esses ambientes. Ambos em busca de ascensão Gabriel e Alexandra têm a idéia louca de reivindicar as partículas que seus pais tinham decidido esconder. Por um gesto que não surpreende a administração escolar, que se tornou tão comum nestes lugares, ambos pedem que sua nobreza seja acrescentada ao nome de sua família. Assim, para surpresa de seus colegas de classe, Gabriel Attal passou a freqüentar o colégio Attal de Couriss, durante os chamados feitos pelos professores, enquanto seu colega de classe se tornou A. R.de M. Isto evoca riso e surpresa.

Fã de feitos de força e provocações, seduzindo Marisol Touraine como tentou fazer com Valery Giscard d'Estaing, Attal foi imediatamente autorizado a pôr os pés na campanha de Ségolène Royal e abandonou brutalmente as suas cores sarkozystes. Aquele que foi veementemente ativo em favor do candidato de direita, que não parou de reivindicar, do sionismo radical à recusa de qualquer redistribuição através de uma legitimação das desigualdades, uma mistura de opiniões ultraliberais e conservadorismo social clássico nesses lugares, se transforma, para surpresa de todos, em um socialista bem-humorado**.**

O Sr. Attal de Couriss, que ainda tem apenas 17 anos e não perdeu nenhum dos seguros devastadores e cruéis que seduzem seus interlocutores, obtém seu diploma do ensino médio com facilidade, sai sem pesar da escola que o atende desde a infância e integra a SciencesPo a poucos passos de distância, onde vai colocar de volta o sistema implantado no ensino médio. Aderido à "meritocracia republicana", dotado de uma inteligência que o sistema acaba de santificar, desfrutando de um sentimento de onipotência que nunca o fez falhar, ele está sempre mais alinhado com sua classe, investindo em grandes despesas e pequenas distinções, andando de scooter de seu grande apartamento familiar em SciencesPo, tratando com desprezo a maioria de seus concidadãos que ele considera socialmente inferiores, começando a convidar os seus pares mais privilegiados para o seu luxuoso castelo e residência em Île-aux-moines, construindo assim uma rede enquanto trocava gargarejos sobre as suas origens por uma[26] súbita adesão ao progressismo, mostrando-se indiferente a qualquer ideia, finalmente pronto a colocar-se ao serviço de um projecto político que até então tinha dedicado às gemas.

Deve-se dizer que a SciencesPo é um lugar ideal para quem vem de uma dessas escolas secundárias que a elite não pode deixar de consagrar, e que agora procura ser consagrado. Na sua promoção, nada menos que doze estudantes vêm do único Henrique IV, enquanto os anciãos do Alsaciano beneficiam do

26 Sua partícula, ainda presente quando foi admitida na SciencesPo, desaparecerá rapidamente. https://www.sciences-po.asso.fr/profil/gabriel.attaldecouriss13

privilégio concedido pelo perfeito conhecimento do distrito e de um condicionamento cultural que os preparou directamente para ele, tornando os cursos dos seus primeiros dois anos completamente inúteis para serem completamente honestos. Mais ainda, estando numa posição de vantagem em relação à grande maioria dos seus colegas de classe, aqueles que foram admitidos beneficiam de um "bónus social" que atrai para eles os seus antigos colegas de liceu que, tendo falhado ou nem sequer experimentado a competição, devem agora pensar em medidas que assegurem a sua preservação entre as elites parisienses que tanto preocupam os seus pais.

*

Aqui está Gabriel Attal que pode, certamente sem sucesso porque as empresas são geridas com morgue, apresentar-se à direcção da secção SciencesPo de um PS que ele admitiu alguns meses antes de odiar ferozmente - e onde será confrontado com o futuro chefe da lista da França Insubmetida Europeia Manon Aubry - antes de tentar impor-se através de um amigo da família como o homem forte dos comités de apoio de Ingrid Betancourt, encontrar aí um recurso para construir redes sociais verticais que sejam perfeitamente complementares à base social proporcionada pela sua integração na SciencesPo.

No entanto, o verniz de compromisso que lhe é atribuído não é suficientemente forte, pois tem dificuldade em esconder a arrogância e o puro desejo de dominar. Mudando-se para Vanves, a poucos passos do apartamento que seus pais estavam financiando, ele tentou se estabelecer na seção local do Partido Socialista, organizando uma visita de Marisol Touraine, que lhe permitiu ser apresentado e apoiado pelo secretário socialista e conselheiro municipal da oposição, que lhe daria seu lugar após o fracasso nas eleições de 2014 e o entroncaria como seu sucessor no conselho municipal antes de ser brutalmente traído. O[27] fracasso no nível municipal frustrou as ambições de Attal, com pressa, mas ele continuou a tentar se aproximar da *intelligentsia* socialista. Se a sua entrada na família Betancourt lhe permitiu certamente começar a alargar as suas redes

27 http://www.leparisien.fr/espace-premium/hauts-de-seine-92/conseiller-de-marisol-touraine-et-dans-l-opposition-locale-08-04-2014-3749023.php

políticas, a sua tentativa de se juntar à roda de Hervé Marro, que rapidamente se tornou vereador da Câmara Municipal de Paris, fracassou. Sua presença no Villacoublay Tarmac durante o retorno de Madame Betancourt, em um evento de gás lacrimogêneo muito contado em *Paris Match* durante um dos artigos no verão de 2018, não lhe trouxe nada.

*

Este é talvez o momento mais decisivo na ascensão planejada de Gabriel Attal, que novamente, percebendo que a coisa pode não ajudá-lo, tenta apagar sua partícula.[28]

O fracasso em tomar a seção PS da SciencesPo foi[29] acoplado, para sua grande surpresa, com dificuldades acadêmicas. Um bom conhecedor do eu que aprendemos a entender e dominar na SciencesPo, Attal está tão entediado que repetidamente falha em repetir o ano. Rodeado como uma mulher alsaciana, por uma corte de herdeiros misturando herdeiros que estavam em perdição e ambiciosos e fascinados, incluindo a filha de um grande oligarca russo com quem organizou pequenas festas no décimo sexto arrondissement, ele teve que escolher um estágio no terceiro ano, tendo sido excluído das mais prestigiadas universidades. Com o apoio formalizado, ele reclamaria, de Frédéric Mitterrand, aqui ele está escolhendo a *vila Médicis*. Aquela que será a sua única "experiência profissional" antes do seu recrutamento por Marisol Touraine para as funções mais prestigiadas do Estado e da sua eleição como deputado - um estágio, portanto - não abriu as portas que ele esperava. O primeiro confronto de Gabriel Attal com a realidade, embora no mínimo marcado, é um fracasso. Mitterrand tendo partido para o Ministério da Cultura antes da sua chegada, Eric de Chassey substituiu-o. O professor da escola de formação de professores cansa-se rapidamente deste jovem provocador que não consegue trabalhar em equipa. O muro da realidade é duro: este é o ser que acabou acreditando ser brilhante e um pouco desamparado quando tem que enfrentar pela primeira vez um mundo que é, no mínimo, protegido.

---

28 https://web.archive.org/web/20171031034047/http://ps-scpo.over-blog.com/article-profession-de-foi-de-gabriel-attal-candidat-a-l-election-de-secretaire-de-section-57039874.html

29 http://leplus.nouvelobs.com/contribution/195980-primaire-ps-six-concurrents-nicolas-sarkozy-comme-seul-adversaire.html

O período é duro, e faz com que Attal adivinhe as dificuldades que o esperam quando deixar os casulos onde foi preservado até agora. Na SciencesPo, a competição é essencial com outros herdeiros que mostram uma rapacidade igualmente importante. Ele teve que redobrar seus esforços, e aqui ele foi matriculado em um curso de Direito em Assas para tentar se distinguir. Em lugares onde em nenhum momento é necessário provar seu valor, o jovem primeiro está agitado, dá seu apoio a François Hollande durante as primárias socialistas de 2011, tenta novamente, *via* Marisol Touraine, abordar sua equipe de campanha escrevendo notas para Pierre Moscovici, e cansado, novamente, falha. Nada mais parece poder distingui-lo nem atrair-lhe graças além do casulo onde foi criado: o período é de estagnação, e com estagnação, de angústia mais encarnada. Mesmo a lista de estudantes em que ele participa, a fim de organizar as noites de SciencesPo, um veículo para a integração primária dentro da instituição, não recebeu os votos esperados e foi objecto de duro ridículo,[30] enquanto sua homenagem ao falecido diretor da SciencesPo na plataforma colaborativa "Le Plus", alegando de forma velada que não havia proximidade, também não deu nada. Isso começa a preocupar-me.

Um milagre, no entanto. Uma certa Alexandra R., que se tornou de M., conseguiu compensar seu atraso e fracasso na graduação em Henri IV e ingressou na SciencesPo um ano depois, permitindo-lhe reconectar-se com um fio que ameaçava desaparecer. Tendo de obter experiência profissional antes de se formar, Gabriel Attal obteve um estágio na... Marisol Touraine. Estamos em janeiro de 2012, no meio da campanha presidencial, e ela é responsável pelo departamento de assuntos sociais, que voltará a Martine Aubry assim que o governo for formado. O que era suposto ser apenas uma segunda melhor coisa transforma-se pela maior de todas as hipóteses numa plataforma de lançamento sem rival. Graças a uma carambola e à recusa de Martine Aubry em ocupar seu ministério, o cargo foi oferecido àquele cujos parentes de prestígio - Alain Touraine ocupando uma posição esmagadora na segunda esquerda - e um gênero que, em um ambiente extremamente misógino e carregado durante anos com esse assunto, não mais o esperavam.

30 http://lapeniche.net/election-bde-44-tabula-rasa-des-insatisfaits-pour-mieux-renover/

Num governo sem ambições nem ideias, levado por uma campanha que apenas serviu para consagrar os mais insignificantes, este é o que melhor foi prometido a uma Secretaria de Estado, impulsionada como foi pelo novo Ministro dos Assuntos Sociais e da Saúde, um peso pesado dotado de recursos extraordinários para implementar uma política de esquerda há muito esperada e que exige a criação de um ambiente que, na ausência de pessoas competentes ou empenhadas, seja capaz de o proteger. Gabriel, que obviamente não sabe nada sobre isso, ainda não ocupou nenhum cargo profissional, não tem especialização universitária e acabou de saber que terá que repetir seu último ano na SciencesPo, está sendo oferecido para se juntar ao escritório do maior departamento governamental como assessor completo.

*

Longe parecem então os anos em que o jovem rapaz espalhou mensagens ultrajantes e insultantes nas redes sociais, cheirando a extrema-direita e a misoginia mais imunda, incendiando a maioria socialista em Paris e seus líderes. Gabriel Attal, 23 anos, é, através de sucessivos efeitos de proximidade, subitamente dotado de um salário que o coloca entre os 5% melhores do país, dotado de duas secretárias, um chef gastronómico, carros de empresa, e pode até fazer um acordo com a direcção da SciencesPo para obter o seu diploma. O caso, teoricamente excepcional, permite-lhe obter o seu mestrado no ano seguinte sem ter de repetir, graças nomeadamente a uma validação dos seus conhecimentos. Discreto mas habitual, este tipo de acordo permite à instituição encobrir aqueles que terão no dia seguinte a seu cargo, e assim prolongar a sua dominação.

Consagrado pela República e por um Partido Socialista agindo como um intermediário cuja decomposição já é bem percebida, através destes meios, Attal está pronto para abraçar seu destino.

*

A arrogância então se apoderou de um ser que não lhe faltava. Repitamos, tão absurdo poderia parecer, para entender o que em sua mente pode ter sido imposto: aos 23 anos de idade, sem experiência profissional prévia ou qualquer diploma para reivindicar, sem competência ou especialidade reivindicada, Gabriel Attal, que já não é de Couriss atinge um dos cargos mais prestigiados e importantes da República, e assim obtém uma remuneração que rapidamente atingirá seis mil euros por mês, incluindo bônus, além dos benefícios que qualquer regime normalmente concede aos seus mais ilustres servidores. Encarregado da posição menos substancial no gabinete, as relações com o parlamento, ele deveria organizar a guarda pretoriana do novo ministro e, em excesso de vaidade, recrutou imediatamente um de seus colegas de classe, um certo Quentin Lafay, como encarregado de missão. Dotado de autoridade sobre uma das mais importantes administrações da França, diretores assistentes, estagiários e chefes de missão, socializando com os melhores da República, o homem inexperiente ficará sob a autoridade de um certo Benjamin Griveaux, eleito para o Conselho Geral de Saône et Loire e futuro prefeito de Chalon, "amigo próximo" de um certo Bernard Mourad, e antigo strausskhanien. O antigo camarada de Ismaël Emelien é um apparatchik *puramente* socialista que, recrutado como conselheiro político e já a ganhar, com fundos públicos, mais de 10.000 euros por mês, não hesitará em aderir à Unibail Rodinco a partir de 2014, 17.000 por mês, concedidos por uma destas empresas dependentes da ordem do Estado, que financia generosamente "chinelos" em troca da disponibilização das redes e do conhecimento que o Estado lhes ofereceu para servir o bem comum. Recrutado para garantir que um nicho fiscal não seria removido, depois de uma carreira muito clássica que o levou da grande residência com piscina e carros esporte que ele vivia na rue Garibaldi em Chalon-Sur-Saône para HEC através do internato privado e SciencesPo, ele então retornaria ao "negócio" como porta-voz do governo após ser nomeado por Emmanuel Macron, e reivindicaria esta posição para defender o interesse público após ter explorado o fiador.

*

Na Rue de Ségur, Gabriel Attal rapidamente se sente à vontade. Rodeado por pessoas sem ideias ou ambições a não ser para si próprio, foi apresentado a um certo Stéphane Séjourné, um jovem herdeiro da burguesia de Versalhes, que tinha passado pelas escolas secundárias francesas muito chiques da Cidade do México e de Madrid, depois em funções no gabinete do Presidente da Região Socialista Jean-Paul Huchon, e que tinha apenas trinta anos quando estava prestes a mobilizar as redes de Moscovo para se tornar o conselheiro político muito poderoso de Emmanuel Macron.[31]
O caso está a decorrer. Com o colapso do poder socialista, esses jovens intrigantes nunca demonstraram qualquer capacidade de pensamento, idéia ou compromisso, nunca estiveram em contato com a realidade ou experimentaram qualquer dificuldade - não tendo, na verdade, mostrado nenhuma qualidade ou habilidade particular além de ser autoritário e mordaz - e estavam se preparando para assumir e foram consagrados em 2017, através do Partido Socialista. Griveaux opõe-se a Montebourg, que no entanto lhe permitiu obter uma posição em Saône-et-Loire pensando que poderia um dia competir com ele, e entra via Emelien na corte de um dos valores ascendentes deste liberalismo social que não existe na população, e ainda domina nas elites parisienses: Emmanuel Macron. Séjourné, que se tornou conselheiro parlamentar do novo Ministro da Economia, Séjourné, que tentou recrutar Pierre Person, tornou-se o alter-égo de Gabriel Attal. Formado na Universidade de Poitiers onde conheceu o que seria a vanguarda de Macronie - então socialista - estes "Jovens com Macron" que, de Pierre Person a Aurélien Taché, já tinham tentado tomar o MJS sem sucesso e que se tornariam deputados, Séjourné associou Gabriel Attal à sua gangue e inicialmente tentou apoiar Moscovici. Cansado, a manobra falhou, e ele, exilado na Comissão Europeia, deixou-os órfãos.

É aqui que entra em jogo o "milagre Macron", tornado possível pelas redes que descrevemos, com o apoio da inspecção financeira, Jean-Pierre Jouyet e do duopólio Niel-Arnault, desafiando qualquer democracia. Vazio encarnado sem outra trajetória senão a de servir a sua ambição, e disposto a privar o

31 "A simples evocação do nome de Séjourné é suficiente para tornar qualquer membro eleito da maioria branco ou arrepiado", Le Point, 12 de outubro de 2017.

bem comum ao serviço daqueles que o pudessem servir, da escola secundária jesuíta La Providence, que desempenha um papel semelhante ao do alsaciano de Amiens, tendo beneficiado do apoio de um pai todo-poderoso e da família Trogneux, Emmanuel Macron, o herdeiro flamboyant da burguesia provincial, dominando todo o funcionamento da "meritocracia republicana" tendo seduzido Hermand como ele iria Jouyet, viu-se, apesar de seu duplo fracasso no ENS Ulm, também impulsionou em poucos anos dentro do gotha que ele conseguiu convencer a apoiá-lo quando todos os candidatos no sistema entrou em colapso, de Fillon a Juppé via Holanda, Valls e Sarkozy. Nomeado ministro por um Presidente desesperado, apesar de ter acabado de sair do Eliseu para criar uma empresa de lobbying, Macron tinha apenas uma ambição - mais uma vez, utilizá-la, mas não dispunha de redes para alimentar o seu gabinete. Este é o paradoxo: a propulsão era tão rápida que há uma falta de indivíduos confiáveis capazes de preparar o próximo passo. Um jovem guarda que Séjourné, de um lado, Thrushes e Emelien, do outro, poderá trazê-lo.

*

A ambição sem conteúdo do novo ministro, cuja única crença é no sistema que o constituiu, é perfeitamente refletida na de Emelien, Thrushes, Stay e a banda de Poitiers e seus assimilados. Quando Macron procurava um conselheiro parlamentar, o jovem Séjourné parecia ainda mais ideal porque, além de uma completa ausência de pensamento próximo ao de seu mestre, estava integrado a uma das mais importantes potências socialistas, disse que era capaz de desviar para ele a atual "necessidade da esquerda" Moscovici, cujas listas ele havia roubado, e se mostrava alimentado pelas mesmas ambições de seu filho mais novo. Responsável pelo sucesso da lei Macron, Séjourné falhou na sequência de uma manobra de Manuel Valls - a quem tentou aliar-se *através de* Julien Dray - um momento que selou um vínculo de solidariedade com o seu ministro, a injustiça sentiu-se associada a uma multiplicação de manobras destinadas a fazer com que os deputados se mobilizassem em torno do seu projecto. Enquanto as ruas estavam inchadas de manifestantes frustrados por traições cada vez maiores, e Valls decidiu Macron, com a ajuda de Cazeneuve, impor uma força

policial particularmente sangrenta que causaria muitos ferimentos e radicalizaria parte da juventude francesa, Macron e sua família estavam determinados a reproduzir sua situação.

Agora esses jovens que acabam de fracassar nas eleições intermediárias, que não têm legitimidade e vêem seus patrocinadores entrarem em colapso, estão tentando seduzir as elites e oferecer-lhes uma nova aventura. Por enquanto, não se trata de romper com o poder socialista, mas sim de fazer a conversão final à ideologia dominante e agarrar suas últimas engrenagens. Na ausência de apoio popular - as traições valem a pena - e tendo enojado os militantes, o único desafio agora é assegurar o apoio da oligarquia e, através dos seus recursos financeiros, mediáticos e estatais, impor-se a outros concorrentes.

Jogando um jogo duplo, muito bem pago para fazê-lo, participando da paralisia do governo, do silêncio da mídia e do *estabelecimento, os* jovens ingressantes estabeleceram uma verdadeira estratégia para mobilizar os recursos do Estado a serviço do futuro Presidente da República, que continua sua conquista das altas esferas através dos referidos indivíduos. Attal está no coração deste sistema, e mobiliza-se com seus incríveis acólitos de meios, discretamente implementados para assegurar, na ausência de sua nomeação para Matignon, sua eleição.

Aproveitando a estranha modéstia que toma conta da oligarquia quando se trata de revelar seus relés de influência, Gabriel Attal e Stéphane Séjourné estão quase por acaso no coração do sistema e formarão um desses "casais de poder" que colocam e movimentam homens e mulheres de acordo com suas afinidades e cálculos políticos, usando os recursos do Estado para servir-se sem nunca ter que responder a ninguém. Não se preocupam, portanto, com o declínio de uma potência socialista que se contentam em pilhar, bem como com as ideias levadas pelo seu governo: trata-se agora de apoiar, promover e estabelecer-se. Quentin Lafay, foi enviado ao Ministério da Economia como caneta de Emmanuel Macron[32], antes de ser

32 Que, por sua vez, terá o seu colega Hugo Vergès nomeado "conselheiro americano" aos 27 anos de idade, encarregado das relações com a administração Trump depois de ter tido dois estágios como única experiência profissional e a sua proximidade com o futuro conselheiro de Macron Aurélien Lechevallier. M. participaria assim, ao lado de Bernard Arnault, Christine Lagarde e Thomas Pesquet, dos cerca de cinquenta convidados

impulsionado ao Eliseu. Attal, que agora está duplamente integrado *através de Séjourné* e do seu companheiro de gabinete Benjamin Griveaux na Macronia, defenderá a nomeação deste último para o governo, enquanto Séjourné acompanhará Emelien ao Eliseu. Séjourné assegurará que terá a certeza de que o seu cônjuge, mas também Person - que lhe pediu ajuda enquanto esteve em Bercy para o ajudar nas relações públicas na Uber - Taché e alguns outros, fundadores de *Jeunes Avec Macron*, discretamente financiados pelo M. M. Hermand e Bergé, em rivalidade com Ismaël Emelien, obtiveram atempadamente os seus círculos eleitorais, representando o Presidente na comissão de nomeação de um partido que deveria excluir todas as práticas do Velho Mundo e que não filtrava estes casos comprovados de nepotismo.[33] Enquanto isso, trata-se de recrutar, explodir orçamentos de representação e pessoal do gabinete, desviar conselheiros das suas funções, organizar eventos com o único objectivo de servir as suas ambições.

Encarregado das relações com os deputados socialistas, Attal tira do nariz e da barba de Marisol Touraine - que permanece leal a François Hollande e tenta preparar-se para a sua reeleição - as redes parlamentares socialistas que recebe por sua vez no seu gabinete para as recomendar a Macron. Ainda tentando roubar a nomeação socialista em Vanves para as eleições legislativas de 2017 depois de ter dirigido a campanha de Bartolone para as eleições departamentais, ele serve como um peixe piloto discreto do movimento *En Marche*, que ainda está não sem razão na borda do Partido Socialista e se prepara para a sua possível reintegração nele como um movimento. Enquanto Séjourné multiplica a organização de eventos com o seu colega Ismaël Emelien em Bercy a favor do seu candidato, utilizando os recursos do ministério para convidar em menos de dois anos vários milhares de empresários e tantos altos executivos a quem propõem imediatamente campanhas de angariação de fundos a favor do seu campeão[34], Attal integra discretamente o grupo de "jovens com Macron" que formam a espinha dorsal do que será o movimento *En Marche* e coloca lá os seus peões. Sem nunca se expor, tendo o cuidado de não

representando a França no jantar de Estado realizado em Washington em honra de Emmanuel Macron em 2018.
33 Outros executivos da Macronie seguiram-no, Cédric O., conselheiro holandês que se tornou um dos conselheiros mais próximos de Macron, tornando a sua irmã Delphine O. Mounir Mahjoubi adjunta e, portanto, deputada ao Parlamento logo que este foi nomeado, como previsto, para o governo.
34 Ver por exemplo: https://wikileaks.org/macron-emails/emailid/8357

perder a sua posição nem a possibilidade de dobragem socialista, obteve, paralelamente ao seu ministro, a promessa de uma nomeação para um dos cargos mais prestigiados, normalmente reservado aos altos funcionários públicos franceses, no ramo da saúde da ONU em Nova Iorque. Aos 26 anos de idade, foi-lhe assegurada uma imunidade diplomática ou de deputação para funcionários públicos internacionais e, para além dos vários subsídios, uma duplicação do seu salário, o que o colocaria entre os 2% mais elevados do país. Tudo isso na mais completa ignorância de seu chefe, a quem François Hollande prometeu Matignon e a quem Attal continua a jurar lealdade. Tudo isto, graças aos nossos impostos.

*

Os fracassos que se seguem já não interessam, num sistema em que as relações de influência têm precedência sobre as ideias e os compromissos. A morte de seu pai libertou Attal da tutela opressiva e permitiu-lhe formalizar sua relação com Séjourné, através de um PACS que selou a aliança de duas capitais.

Usando os recursos sociais obtidos durante seu tempo na SciencesPo, Gabriel Attal recomenda indivíduos "bem treinados", cuja confiança é garantida pela sua participação nas mesmas redes sociais que ele tem investido desde o Alsaciano, e o faz em cargas inteiras em Séjourné, que, reforçado por este influxo de Macron, sabe como devolver a Attal a influência que este lhe permite adquirir. Nestes tempos, não se fala de palavras políticas, não se fala de compromissos, não se sabe por que se faz tudo isto, exceto pelo prazer que se deriva e pelas prebendas que se esperam. A ambição é oca, não trazendo nada e não exige, a excitação é satisfeita e, em vão, só tem o sabor da traição. Macron, que foi impelido à emergência por causa do desastre político que afetou todos os candidatos ao sistema, deve muito rapidamente construir redes de confiança para dar a impressão de estar pronto. Levará meses para que finalmente surjam propostas mais ou menos sérias, seus assessores sendo tão incapazes de imaginação e pensamento quanto ele, mobilizando-se para tentar "pensar" esposos e pais, na

indiferença e benevolência de uma imprensa muito animada por uma aquisição que parece ultrapassá-la. O dispositivo de comunicação posto em movimento torna essa dificuldade óbvia um ativo, transforma a fraqueza em originalidade e torna possível mascarar a inanidade de uma campanha precipitadamente montada para evitar que candidatos de fora do sistema e da oligarquia vençam.

*

Attal compreendeu perfeitamente o que pode fazer por este jovem chamado Séjourné, que não deixou as grandes écolas e não socializou entre as elites parisienses. A lógica da luta contra o desmantelamento no trabalho entre os seus antigos colegas da Escola Alsaciana, mesmo quando a crise económica e as políticas de predação começam a criar funis entre as elites, dá-lhe uma grande vantagem. Em uma posição de poder em um espaço em expansão, ele atraiu cerca de dez jovens para as redes da Macrônia emergente, que ele solicitou, testou e recomendou. Seus nomes estão repletos de Macronleaks, que expõem suas trocas de e-mails complacentes, misturando sem ambição pura e propostas de serviço sem qualquer conteúdo. Attal, que está na confluência das redes relacionais que misturaram as velhas e novas Grandes Écoles alsacianas, sabe como jogá-las, e o sistema que está a ser posto em prática permite-lhe, quando não consegue obter a investidura socialista no Hauts-de-seine, recuperar imediatamente.

Quando ele obtém do nada e sem qualquer justificação um dos círculos eleitorais mais populares e facilmente acessíveis do país, ninguém se mexe, porque ninguém o conhece, nem aos mecanismos que lhe permitiram ascender. Em Vanves e Issy-les-Moulineaux, a poucos passos de Paris, onde André Santini, um barão local que exerce o cargo há vinte anos, decidiu não concorrer à reeleição, onde mais de sessenta por cento dos eleitores acabam de votar em Emmanuel Macron, o homem cujo cônjuge tem assento na comissão de nomeações para representar o Presidente da República[35], está agora a abrir uma avenida. Emmanuel Macron está prestes a ser eleito, Attal só tem que formalizar seu *compromisso*, gentilmente redesenhar

35 "Ele sabe - "por os ter escolhido", gaba-se diante dos seus familiares - cada LREM eleito oficial. Le Point, 12 de Outubro de 2017.

seu currículo, fingir que ele estava prestes a lançar um StartUp e, sem muita campanha, obter sua deputação. Em 18 de junho de 2017, ele entrou nesta Assembleia Nacional, que ele conhece tão bem e onde Alexandra R., agora esquecida, o havia apresentado alguns anos antes.

O chicote imediatamente bombardeado da Comissão dos Assuntos Culturais e da Educação graças ao apoio silencioso do seu cônjuge - que continua a manter a sua relação silenciosa e, tendo-se tornado conselheiro político do Eliseu, é responsável pela supervisão da distribuição de lugares na nova Assembleia -, Attal assume, portanto, facilmente uma influência incompreensível para o quidam sobre os seus novos colegas parlamentares. Alimentado na fonte do poder, consciente de todas as confidências do Eliseu, sempre um passo à frente, escondendo todas as razões da sua ascensão, foi nomeado na esteira da lei que criou o Parcoursup, cuja implementação catastrófica ainda não teria efeito sobre o futuro dos acontecimentos. Partindo da sua proximidade com o Eliseu, cujas razões nunca são explicadas, uma ascendência de jornalistas desmamados pela política de segredo implementada no *castelo*, ele troca informações, é espumado, dá a impressão de uma superioridade arrogante. O acesso ao poder fascina e justifica a *posteriori uma* distinção que, de outro modo, ninguém teria percebido. Nesse momento, ninguém tem qualquer interesse em expor as fontes da sua ascensão. A falsa modéstia em voga na oligarquia, aliada ao medo de um *passeio* que seria mal percebido, protege a mística de Attal e sua capacidade de impor-se. Aqui ele destila anedotas da direita para a esquerda, enquanto cobre meticulosamente as fontes de sua ascensão, obtendo de Richard Ferrand tudo o que seu esposo lhe ordena que conceda.

No entanto, esse imenso capital ainda precisa ser transformado em notoriedade. Apesar do fracasso de *Parcoursup*, atolado em polémicas intermináveis, e da ausência de qualquer facto de glória, com um carisma questionável e eloquência incerta, o jovem deputado foi no entanto e contra toda a lógica bombardeado como porta-voz do partido presidencial em Dezembro de 2017. O crachá

desconhecido, de vinte e oito anos, sem experiência de vida, inicialmente não despertou qualquer interesse, e levou dois meses para provocar qualquer artigo sobre ele.

Foi então que Séjourné obteve do Eliseu que fosse convidado para a reunião matinal da *France Inter no* meio da mobilização dos trabalhadores e estudantes ferroviários, no lugar de um Jean-Michel Blanquer que sabia muito bem o interesse que encontraria em não se expor.

É então que a confiança de classe que ele demonstrou desde os seus primeiros anos encontra espaço para expressão. As suas provocações destinam-se apenas a torná-lo finalmente conhecido e, obviamente, a irritação nascente mostra que a parte funcionou. O caso, se poderia ter sido preocupante, tranquilizou Macron, que viu neste jovem rapaz um potencial pára-choques, cuja arrogância excedeu a sua, e que saberia então desviar os golpes. No seu círculo eleitoral, Attal não hesitou em quebrar uma greve de trabalhadores exaustos dos correios, distribuindo correio vestido de empregados do antigo serviço público para "defender os seus eleitores" e multiplicando as marcas de uma relação com o mundo que já não tinha de disfarçar a sua verdadeira natureza.

Os anos socialistas terminaram, e o verdadeiro pensamento de um ser construído e instituído por e para o serviço de sua classe, que como Macron não tem mais nenhuma razão para esconder isso. Ele mal tem tempo para votar contra a proibição do glifosato depois de declarar publicamente que o quer banido[36], apoiar o controverso projeto de lei nas *notícias falsas,* descrever o governo italiano como "vômito" e chamar a mobilização contra o "desafio do momo[37]", que o próximo passo espera. Correndo menos de um ano após sua eleição, com apenas 28 anos de idade, como presidente do grupo parlamentar majoritário em seu país, Attal retirou sua candidatura somente depois de ter recebido a garantia de que, algumas semanas depois, um ministério seria concedido a ele. O Eliseu acaba de lhe oferecer as redes de Mimi Marchand, lançando uma campanha de propaganda destinada a preparar e

36 https://www.liberation.fr/checknews/2018/09/17/quel-depute-a-vote-pour-ou-contre-l-interdiction-du-glyphosate_167979273

37 https://www.20minutes.fr/societe/2328551-20180831-depute-lrem-gabriel-attal-demande-mesures-contre-momo-challenge-gerard-collomb

legitimar a sua nomeação para o governo *a posteriori.* Gabriel Attal, desde o seu vigésimo terceiro aniversário, com um salário de quase seis mil euros por mês e agora três empregados a tempo inteiro que trabalham exclusivamente para realizar as suas ambições, ainda sem ter demonstrado a menor ideia ou compromisso, depois de ter trocado os mordomos e os carros da empresa que o serviram no Ministério da Saúde entre os 22 e os 27 anos de idade pelos da Assembléia, é entronizado sem esforço, por pura inércia, no coração do Estado francês. Quando, a 16 de Outubro de 2018, foi nomeado Secretário de Estado do Ministro da Educação Nacional e da Juventude, com os poderes orçamentais e políticos que lhe estão associados, encarregado de implementar o serviço universal, ele e o seu cônjuge foram talvez os únicos que não ficaram surpreendidos. Uma anedota de aparência insignificante então reapareceu: mais de um ano depois de sua eleição, o jovem MP ainda não tinha, na hora de sua nomeação, inaugurado um escritório eleitoral em sua equitação. Como se a *estrela* em ascensão da Macronia não tivesse sido capaz de se impedir de dizer aos seus próprios eleitores o quanto, na sua viagem, eles não tinham importado.

*

Como o povo se apressa, acabemos com esta fábula com esta simples afirmação: estes seres não são corruptos porque são corrupção. Os mecanismos de reprodução das elites e do eu parisiense, a aristocratização de uma burguesia sem méritos, fundiram o nosso país num marco de lebre e arrogante, medíocre e mau.

Em nenhum lugar há a menor ambição, a menor busca por um compromisso ou uma doação. Uma pergunta permanece. Pensamos que esses seres estariam a serviço das idéias, daqueles que se constituíram a serviço dos interesses? Será que pensávamos que estes indivíduos iriam crescer, aqueles que, ao longo das suas vidas, se contentaram em servir para construir uma ambição que nada poderia sustentar? E achamos mesmo que em tais circunstâncias, o resto da história tem de ser contada?